

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ZÉVERISSIMAÇÕES INEPTAS

DA

CRITICA

(REPULSAS E DESABAÇOS)

POR

SYLVIO ROMÉRO

1.ª SÉRIE

PORTO

OFFICINAS DO «COMMERCIO DO PORTO»

102 - RUA DO «COMMERCIO DO PORTO» - 112

1909

Julius Hort
6-12-910

ZÉVERISSIMAÇÕES INEPTAS

DA

CRITICA

ZÉVERISSIMAÇÕES INEPTAS

DA

CRÍTICA

(REPULSAS E DESABAFOS)

POR

SYLVIO ROMÉRO



PORTO
OFFICINAS DO «COMMERCIO DO PORTO»
102 - RUA DO «COMMERCIO DO PORTO» - 112

1909

I

Não costumo lêr o snr. José Verissimo, principalmente depois de seu ultimo concurso de historia geral e do Brasil, em que se revelou d'uma ignorancia abaixo de qualquer classificação.

Já d'antes raramente o lia, por causa da chateza de suas ideias, a confusão de seu espirito, o tom rebarbativo de seu estylo, a irritante pretensiosidade de seu dogmatismo, disfarçado entre conjuncções e adverbios contradictorios.

Desde que aportou ao Rio de Janeiro, percebi logo, a despeito d'alguns fingidos agrados da sua parte, que ia contar com um terrivel inimigo a mais.

De facto começou por ir sornateiramente, reeditando, aos poucos e a espaços intervallados,

todas as maldades inventadas em meu desfavor pela molecagem litteraria do Rio, nomeadamente as parvoeiras sobre linguagem, estylo, espirito de combatividade, suppostas contradicções, tendencias polemisticas... *et le reste*.

Tudo isto era encoberto e mascarado por alguns elogios basbacosos e fingidas attenções diplomaticas.

Mas, no fundo, divisava eu claramente o mais accentuado inimigo, e mui difficil de expugnar, por saber cercar-se de habeis trincheiras de dissimulação.

No correr de todos os seus livros encontram-se ás duzias malignas e sorrateiras affirmativas a meu respeito que, por evitar brigas e não parecer provocador, fui deixando continuamente sem resposta.

Não venho hoje rebatel-as; iria muito longe. Limito-me, de passagem, a lembrar uma aprendida do perfido Capistrano de Abreu e que tem sido repetida por alguns ignorantes do significado de nossas luctas que se atrevem a escrever dos nossos homens e de nossas cousas.

Refiro-me á affirmação dogmatica, peremptoria, magistral de inerravel pontifice das repetições, que faz monopolio da verdade, metendo-a na mitra e mostrando-a irrefragavelmente solida ao mundo absorto, com que José uma vez atormentou perversamente os seus leitores: «*A sua*

acção n'este passo (referia-se á deposição em Sergipe do presidente Calasans, em que tive alguma parte) está em radical desharmonia, em completo desaccordo com toda a sua obra.»

Como se contribuir para deitar abaixo um governicho inepto, exercido por mandatario d'uma oligarchia compressorá, podesse estar em contradicção com a obra d'um escriptor que sempre pugnára pela justiça, a liberdade, o espirito de progresso, de cultura, de autonomia, de iniciativa na esphéra politica! Déra-se o facto, ainda em principio da phase republicana, quando se acreditava na possível regeneração de nossos politiqueiros de officio.

A experiencia mostrou, infelizmente, que todos os bandos partidarios, formados antes e depois d'esse tempo em Sergipe, eram e são tão cheios de maculas quanto aquelle a que pertencia o presidente deposto. O mesmo no Brasil todo.

Não invalida isto a boa fé e o ardor patriótico com que agi no passo citado e a inteira conformidade d'elle com toda a minha obra d'escriptor.

Affirmar o contrario é basbaquear estupidamente e sujar por gosto e sem a menor necessidade as mãos de lama.

Desde o advento da Republica o Estado de Sergipe tivera varios governos instaveis, já nos tempos do Provisorio, já nos dias constitucionaes do marechal Deodoro da Fonseca.

Com a subida de Floriano Peixoto ao poder, e a subsequente deposição de governadores, fôra apeado o presidente Vicente Ribeiro e a oligarchia deu-se pressa em tomar conta da direcção da pequena ex-provincia, desde o dia 24 de novembro de 1891, fazendo-a a principio governar por uma junta de desempennados membros seus, e, depois, collocando na direcção suprema um *servus a mandatis*, bem do peito.

O arroxio fez-se logo sentir... Um grupo de homens de sentimentos liberaes e de amor aos principios democraticos fez reacção e, em dias de setembro de 1894, lançou por terra o governicho do capitão do exercito José Calasans, o destemido servo da oligarchia.

Infelizmente os revolucionarios, a cujo numero eu pertencia, tinham apenas realisado *une journée des dupes*, pois tinham cahido na simplicidade de confiar a direcção dos negocios a M. P. de Oliveira Valladão, *un comme les autres* na geringonça politica do Brasil em geral e de Sergipe em particular. Facil foi á oligarchia reassumir as posições perdidas.

Mas, grasnará o *Tucano Empalhado* da critica brasileira, repetindo as pachuchadas do tortuoso Capistrano: Vós tinheis censurado as deposições, ordenadas por Floriano Peixoto!... E que duvida?—Que paridade pode haver entre a intromissão illegal, desastrada, criminosa da União no go-

verno dos Estados e um movimento local, popular, patriótico, levado a effeito por quem de direito?

Á União fallece competencia para depôr governadores; ao povo incumbe essa tarefa sempre que a julgar indispensavel. Oh! Zézé, tome senso...

Deposições como a do capitão Calasans, fal-as-ia eu por esse Brasil em fóra, se para tanto tivesse força.

O Tucano Empalhado, o Sainte Beuve peixe-boi, que vá pescar tartarugas nas margens do Amazonas e deixe-se de dizer asnidades...

Como esta da deposição em Sergipe muitas outras historietas, repetidas por José, andam a correr mundo.

Nem sequer, Santo Deus, d'essas frioleiras é elle auctor... Até n'isso limita-se ao triste papel de phonographo...

Coitado!

Não costumo lêr Verissimo, disse em principio; tenho-o, porem, de sentinela á vista para informar-me de seus movimentos.

Ultimamente chamou-me a attenção para diversas d'essas típicas zéverissimações das cousas litterarias, que se exhibem no *Jornal do Commercio* ás segundas-feiras (1).

(1) Quando isto foi escripto em 1907—o homem escrevia no *Jornal*; depois foi dispensado e agora, ao que parece, está de novo alli mettido.

Tive de lê-las. A primeira é uma noticia imperfeitissima do livro de Lichtenberger — *L'Allemagne Moderne*.

O artigo é ainda menos que pessimo; é uma verdadeira bota.

Por elle nada se fica a saber dos meritos e dos defeitos do livro; porque estes tambem existem, e graves, na obra encommiada.

O capitulo consagrado á philosophia, por exemplo, é muito incompleto, e o snr. Verissimo, em sua incrível myopia n'essa ordem de assumptos, nem sequer teve d'isso o mais leve presentimento.

O criticastro paráense falla ás vezes em *litteratura apressada*... Ninguem a fez jamais no Brasil tão apressada quanto elle.

Habitudo a escrever por empreitada nos jornaes, com tarefa estabelecida em dias certos, transformou-se n'um perfeito *penny liner* nas cousas do espirito.

Lê atabalhoadamente livros nacionaes que lhe mandam ou livros estrangeiros que obtem no Garnier, percorre-os a galope durante algumas horas, toma notas á margem apressadamente, espraia-se depois em banalidades por algumas duzias de tiras de papel, e eil-o, ás segundas-feiras, com a sua litteratura, barata como os generos grosseiros das feiras do sertão.

Reune depois todas essas drogas em pacotes, que chama livros.

N'este gosto e por este systema, tem publicado uns quinze ou mais volumes de rapsodias acerca de assumptos brasileiros e alienigenas.

Excepção feita de tres reduzidos opusculos (*Educação Nacional, A Amasonia, A pesca na Amasonia*) que, mal feitos embora, têm alguma feição de livros, tudo mais são os taes pacotes ou embrulhos de inhames e rapaduras, com licença do snr. Augusto de Vasconcellos...

O snr. José Verissimo é um homem habil, um individuo geitoso. Possúe, n'este particular, uma finura capaz de escapar ao geral do publico, mas patente aos olhos adestrados do psychologo. Seu renome e sua posição são uma resultante, um tecido manipulado por essa discreta diplomacia que, fingindo sobranceiria e indifferença, affectando desdem e despreocupação, sabe pretender, sem o mostrar, apetece negaciando, adquerir como por acaso, por coincidencia, fortuitamente, inesperadamente...

N'essas operações é actor emerito.

O resultado attingido por elle representa uma somma em que se destacam *quatro parcellas* principaes.

A primeira d'ellas foi o geitinho manhoso com que se aproximou e se fez camarada de todos os *medalhães litterarios*, principalmente os que alliam ás prosapias letradas certa influencia politica e social.

Poz-se ao lado d'elles, congraçou-os, reuniu-os, manipulou-os com uma maestria deliciosa de tapuio matreiro.

Esta parcella elle a foi preparando desde que saltou no Rio de Janeiro.

Com os medalhões fundou revistas, ajudou a formar academias, fez circulos de palestras, nos quaes havia, oh! maravilha rara! um curioso *five ó clok-tea*...

Escragnolle Taunay, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa (este meio arredio, mas muito procurado e afagado), Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Ferreira de Araujo, Araripe Junior, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Arthur de Azevedo, Medeiros e Albuquerque... eram os principaes.

Á phalange reuniram-se, attrahidos pelo sedoso marajóara, fino como lan de jaboti, os jovens Graça Aranha, e Magalhães de Azeredo, já então precoces temperamentos de academicos e diplomatas, mui de indole a casarem-se com o seu. Mais ou menos pelo mesmo tempo chegavam João de Souza Bandeira, Rodrigo Octavio e Oliveira Lima. O manhoso pescador lançou-lhes a rêde e pegou-os.

Com essa guarda de padrinhos, o caboclo paráense couraçou-se até hoje e habilitou-se para maltratar todos os talentos alheios á panellinha ou a ella infensos.

Todos os estreiantes, de todas as escolas, par-

nasianos, naturalistas, symbolistas, decadistas... todos os escriptores das provincias, novos ou velhos, nomeadamente Tobias Barreto, seus amigos, seus admiradores ou seus discipulos, tornaram-se a cabeça de turco dos destemperos de José. Eu, por estar presente, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua e Martins Junior, por apparecerem por aqui muito a miudo, fomos atacados veladamente, á socapa, com as meias tintas, as particulas adversativas, as conjuncções e adverbios salvadores de embaraços, as idas e vindas, os golpes e os sôpros, as affirmações e negações combinadas, tão de gosto d'um espirito malevolo e indeciso, pretencioso e precavido, insolente e cheio de cautelas e receios.

Os ataques aos talentos noveis eram, consciente ou inconscientemente, para agradar á velha guarda de querençosos medalhões e enfatiados notaveis...

A guerra impiedosa a Tobias e sua escola, consciente ou inconscientemente, foi sempre para gaudio de Taunay, de Machado de Assis e d'outros bonzos das letras (1).

Não bastava, porem, para as proezas do illustre emigrado, por desavindo com a gente do Pará,

(1) Hoje fallecidos ambos; mas no tempo em toda a pujança da influencia litteraria.

e de tenda montada no Rio e Janeiro, o seu corpo de reserva.

Teria ainda de arranjar a segunda parcella para a somma final: a insinuação indirecta, doce, suave, mansueta e proveitosa no meio jornalístico.

Conseguiu-a com um *savoir-faire* de mestre.

Gazeta de Noticias, Imprensa (na primeira phase), *Jornal do Brasil, Noticia, Correio da Manhan, Jornal do Commercio, Kosmos, Renascença*, contaram-no ou o contam ainda entre os seus mais impertinentes e massantes collaboradores.

E quando sae d'algum, acha logo meio de voltar, como aconteceu com o *Jornal*.

Tem sido e é ainda o seu rendoso campo de ataque. As vantagens, advindas por esse lado, são-lhe incalculaveis.

Despara tiros pagos nos outros, que, para lhe retrucarem, têm de fazer despezas, gastar dinheiro...

Tem estado sempre intrincheirado e chega a meter mêdo á enorme tribu dos palermas litterateiros.

Medalhões e jornaes não eram sufficientes para a guapa collocação do paturéba de Belem.

A habilissima, e veladissima, amistosa attitude perante os governos impunha-se tambem e tem sido a terceira parcella de seus calculos geraes.

Ahi elle é tanto mais melodico e unctuoso,

quanto mais parece sobranceiro e irreductivelmente independente.

Esta facil posição de illusionismo psychologico e sábia magicatura politico-social, elle a obtem á custa de banalidades de socialismo a retalho, estudadas coleras e effusões no bater suppostos erros de *doutrinas* e *principios*; mas sempre com o peculiar cuidado de resalvar as pessoas e manter com ellas excellentes e gostosas relações...

Tal o segredo dos varios postos que tem galgado, sem esforço, sem lucta, por obra e graça de prestigiosos amigos.

D'est'arte, desfructa sempre dois ou tres empregos ou commissões ao mesmo tempo.

Director do *Internato do Gymnasio Nacional*, do *Diario Official*, advogado, arbitro ou o que quer que seja em *questões de limites do Pará*, professor da *Escola Normal do Rio*, fiscal do governo Federal perante uma das *Companhias de seguro—New-York-Life*, director da citada *Escola Normal*... cousas que lhe têm chegado sem canceiras, pela engenhosa habilidade com que sabe levar certos homens.

Por meio da lucta e só da lucta não obteria nada, absolutamente nada.

A prova temo-la no seu desastradissimo concurso de historia...

Nem as duas poderosas muletas do envenenado Capistrano de Abreu e do nobilissimo Gaba-

glia o poderam salvar do pavoroso desastre que o deveria ter feito emudecer por vinte annos, se elle tomasse mais a serio a devastação das derrotas irreparaveis.

Medalhões que lhe fabricaram renome, jornaes que lhe dão dinheiro e fornecem a arena para exhibições diarias e semanaes, homens poderosos que lhe garantem empregos ou commissões não lhe bastariam.

Sua inventiva sciencia de viver, com um faro admiravel, postou-o diariamente na livraria Garnier, obtendo, as graças dos empregados, principalmente as do snr. Lansac: arranjo indispensavel para o empacotilhamento dos *embrulhos*, a arumação dos artigos dos jornaes em livros... É a quarta parcella.

Assim se explica que editores tão rouvinhosos e cheios de difficuldades, que têm chegado a refugar livros de Araripe Junior, andem a cosinhar as fornadas de um serzidor de logares communs do feitio de Zé-Verissimo! Destinos...

Revela-se em suas investidas um atrazadissimo criticalho. Radicalmente vasio de senso ethnographico e historico, é d'uma incapacidade philosophica e ausencia de intuição social, como não conheço outro exemplar entre os escriptores de algum renome no Brasil.

Não é só: se não comprehende a ethnographia, a historia e a philosophia, nada sabe de mytholo-

gia, de critica religiosa, de economia politica, de direito, de moral, de sciencia social, o que importa dizer, que é um incapaz e um incompetente para julgar a vida intrinseca d'um povo qualquer, porque desconhece as mais rudimentares sciencias que se occupam das creações fundamentaes da humanidade. Não conseguiu passar dos primeiros annos da Polytechnica; fez uns pequenissimos estudos de parques preparatorios; abeberou-se em revistas de sovadas ideias geraes, de noções rapidas a respeito de todas as cousas, sem a mais leve especialisação; percorreu como amator alguns livros de Taine, de Brunetière, de Renan, principalmente d'este ultimo; encheu a cabeça de pedagogices suspeitas, de leituras de romancistas e poetas de segunda e terceira ordem, e achou-se preparáo para julgar quaesquer livros nationaes ou estrangeiros, que lhe vão cahindo nas mãos.

Não passou, por isso, nunca, nem passará jamais, da pequena critica rhetorica, pretensamente esthetica, com uns laivos de psychologia de pobre, porque Verissimo não sabe esthetica, á moderna, não sabe psychologia como sciencia e nem sequer a velha rhetorica estudou. D'ahi as enormes lacunas da sua curta intelligencia e de seu nullo saber.

Se querem a prova mandem-no escrever de improviso quatro linhas sobre a evolução da cri-

tica na Europa ou sequer no Brasil e verão o que sahe.

Só dirá banalidades, cousas triviaes e sem prestimo.

Bem antes do livro de Brunetière sobre a evolução dos generos, do de E. Tissot acerca das evoluções da critica franceza, do de Hennequin a respeito de critica scientificamente considerada, dos de Guyau referentes á esthetica contemporanea e da arte no ponto de vista social, desde 1875, se havia no Brasil lançado olhar seguro sobre a constituição intrinseca da arte de criticar e implicitamente sobre sua evolução, n'estas palavras: «A critica litteraria deve jogar hoje pelo menos com *seis elementos*, que não entraram chronologicamente para a sciencia na mesma ordem que n'ella devem guardar logicamente.

O elemento *mesologico*, em que insistiram de modo especial Herler, Gervinus e Buckle; o elemento *ethnico*, em que particularmente se apoiaram Taine e Renan; o elemento *physiologico*, em que se firmou insistentemente o primeiro d'estes; os factores *psychologicos*, em que primou Sainte-Beuve; os factores *historicos*, em que se expandiam peculiarmente Villemain e Macaulay, constituem a *charpante* da critica. Mas tudo isto ainda é pouco. Pode-se bem conhecer o *meio physico* em que se desenvolveu um poeta ou um pensador, sua *raça*, seu *temperamento physiologico*,

seu *caracter e inclinações psychicas*, avaliar bem as *influencias historicas* que o cercaram e n'elle actuaram, e, todavia, não se saber o que fez esse homem, o que tirou de si, o que produziu, como combinou os agentes que n'elle reflectiram, e, para dizer tudo n'uma palavra, *em que e como adiantou a evolução nacional ou humana, litteraria ou scientifica. O que resta como producto vivo e adjuncto ao patrimonio commum por esse homem, eis a palavra final da critica.*

N'esta determinação é admiravel a sagacidade de Edmond Scherer.»

Referia-me claramente ao lado social ou sociologico da critica, fazendo justiça ao grande espirito que, singelamente, sem estardalhaços, sem preocupações systematicas e só por mero instincto de sua vasta capacidade de philosopho, havia nos seus melhores ensaios attingido esse alvo.

É o que em seu proprio paiz não têm querido vêr os ingratos que o repetem sem o citar.

Não foi escriptor da móda e basta.

O snr. José Verissimo, no seu atrazo, nunca entendeu a moderna *critica sociologica*, por mim inaugurada no Brasil, e tem feito até muita gente retrogradar e recahir na méra critica rhetorica, ou á *soi disant* psychologica.

Contra elle, sem lhe pronunciar o nome, escrevi ha bons treze annos artigo que figura como introducção ao livro consagrado a *Martins Penna*.

Alli já dizia: «Geralmente se affirma em todos os tons e sob todas as formas que, até hoje, tem havido duas especies principaes de critica: a que *julga* e a que *descreve*, a *rhetorica* e a *psychologica*, a de Boileau e a de Sainte Beuve e Taine.

Assim como á critica *ideologica*, que *julgava*, succedeu a critica dissertadora que *descrevia*, deve ser esta substituida pela critica *sociologica* que *discute para esclarecer e esclarece para concluir*... A velha critica rhetorica ou esthetica, que *julgava de officio*, teve representantes no Brasil; a critica média, que se deliciava em *descrever*, tambem os teve e os conta ainda; nenhum d'elles, porém, *nada inspirou nem impediu*...

Felizmente ao lado d'esse dissertar *à la Sainte Beuve*, já se começa a comprehender que o alvo, o fim da *nova* critica deve ser *esclarecer e concluir*, esclarecer a formação das creações litterarias e artisticas e concluir d'ellas em vista de todos na direcção do futuro.

E' esta a critica *sociologica* por opposição á esteril critica *psychologica*, tão do gosto de alguns escriptores nossos ainda hoje.»

Esta pancada certaera era dirigida principalmente a Verissimo, ignorantão pretencioso e atrasado.

A admissão da critica *sociologica* ou *social* como o ultimo aspecto da critica moderna era no-

tação nova que só depois, na propria Europa, é que se chegou a formular doutrinarmente.

Tive immenso prazer em vêr, no recentissimo n.º da *Science Sociale*, de junho passado (1907), confirmadas taes ideias sobre a evolução da critica pelo snr. A. Agache (1).

O snr. José Verissimo, em seu impagavel estylo, *que merece admirado por seculos sem conta*, em sua incapacidade de formular syntheses e estabelecer ideias theoricas, tem feito retrogradar, entre nós, a critica e mostra-se alheio ao fundo movimento que vae transformando a vida intellectual moderna.

Pega no recente livro de Lichtenberger, escriptor que já nos era conhecido por quatro livros excellentes, consagrados aos Niebelungen, a Ricardo Wagner, a Henrique Heine e a Frederico Nietzsche, estudos objectivos, de critica pessoal, e dá a nova obra por um d'esses productos de propaganda ao gosto dos de Saint-René Taillandier!

Ora...

(1) Ainda uma vez não esquecer que este opusculo foi escripto em fins de 1907.

II

Mas venhamos ás ineptas zéverissimações que constituem o fim especial d'este opusculo e das quaes as linhas precedentes não passam d'uma introducção indispensavel.

Tratando de um livro consagrado a assumptos da Allemanha, era infallivel que o pescador da Amasonia procurasse ainda uma vez extravasar seu imbecil e estúpido odio a Tobias Barreto e seus companheiros. É odio velho que não cansa, mas odio desfructavel e imbelle da parte d'um sujeito que ataca Tobias Barreto e desfaz-se em babosos elogios a... certos cašteus litterarios que não cito, por não emporcalhár estas paginas...

Basta para definil-o.

É este o tom surdo e apagado d'essa critique

·jabotiana: «É de notar que para revelal-a (!!) ou recordal-a (!) á sua patria, grandemente interessada em conhecer bem a Allemanha, não precisou o escriptor francez nem de exagerar-lhe os feitos, sublimando-lhe as excellencias, nem menosprezar os de seu paiz (*falso!*), e menos ainda alardear descompostamente um germanismo insolente (*falso!*), como se tem visto fazer algures. Aqui mesmo foi assim (*já tardava!*) que se pretendeu (*falso!*) para a nossa cultura, exclusivamente franceza (*falso!*), o gosto dos estudos allemães e despertar a nossa attenção para o pensamento allemão. Infelizmente essa tentativa quasi gorou por completo (*falso!*).

Em primeiro lugar pela insolencia dos methodos empregados n'ella (*falso!*), depois porque, salvo um ou outro, raro (*falso!*), os nossos germanistas não sabiam o allemão, e algum se privou logo de o poder aprender (*falso!*) gabando-se de que o sabia. Preconisavam a berros (*falso!*) a lingua, a litteratura, a sciencia, a philosophia allemães, mas, como eu e tu, amado leitor, liam o seu allemão, com que nos envergonhavam e confundiam... em francez, (*falso!*)». (*Jornal do Commercio*, 15 de julho, 1907).

Eis ahi: guinchos de alma perversa, exhibindo-se n'uma duzia de sandices, cada qual mais pulha e mais estúpida.

D'est'arte, não é verdade que Lichtenberger

tivesse em mira *revelar* a Allemanha ou sequer *recordal-a* aos francezes.

Para tanto fôra mister que elle fosse praticante de zeburricimações em cousas de letras e sciências.

Lichtenberger escreveu objectivamente o seu livro; fez um quadro da Allemanha, que poderá servir ao seu paiz de estimulo, como outros o têm feito dos Estados-Unidos, da Inglaterra ou até do Japão, porque são estas as quatro nações que andam á frente do chamado imperialismo moderno.

A França é a quinta: mas vae-se sentindo enfraquecer no campo da producção economica.

D'ahi o sem numero de livros que os previdentes francezes têm, nos ultimos quinze ou vinte annos, e scripto ácerca dos citados paizes. Não é para fazer *americanismo*, ou *anglicanismo*, ou *japonismo*, ou *germanismo*, o que seria uma quadrupla tarefa contradictoria! snr. Zézé, tome senso.

Conhecida intellectualmente da França é a Allemanha, principalmente de 1830 para cá.

Mostra-o toda a alta litteratura historica, philosophica, scientifica dos francezes, a propria critica litteraria e ainda a belletristica propriamente dicta.

José é que não sabe vêr, porque não tem senso historico, nem critico, e não tem estudado as relações espirituaes entre os dois povos.

N'este sentido, não precisaria ir alem do bello livro de V. Rossel — *Histoire des Relations Littéraires entre la France et l'Allemagne*. Só este lhe mostraria a toliçada de Lichtenberger ser um revelador ou recordador de *germanismo*.

Estude o paturéba jabotínico um pouco mais.

Leia, outrosim, o excellente livro de Joseph Texte — sobre *Jean Jacques Rousseau et les Origines du Cosmopolitisme Litteraire*.

Consagrado mais de perto ao estudo da influencia ingleza no espirito francez, mostra implicitamente as relações d'este com o genio germanico em geral, determinadamente a datar dos *emigrados*, os que sahiram de França no periodo dos exageros revolucionarios e do despotismo de Napoleão.

A corrente de ideias avolumou-se a datar de 1814 e mais ainda de 1830 em diante.

Aprende, José, abre os olhos, estuda, lê cousas sérias. Deixa, sobretudo, o *agulheiro* nefasto do Garnier.

Se continuares a desparatar, atiro-te em cima o Pedro do Couto e verás...

Quem foi d'entre os mais conspicuos membros da *Escóla do Recife*, á qual claramente te referes, que menosprezou jamais os titulos do nosso paiz?

Seriam os que na poesia lhe cantaram os feitos guerreiros? Os que, com prejuizo de seus

commodos pessoaes, se expuseram ás dentadas dos Verissimos de então e dos Verissimos dos tempos posteriores?

Serão os que pregaram novas ideias de critica litteraria, religiosa, artistica, novas ideias de philosophia e de direito? Amar o seu paiz, procurar esclarecer a mocidade, soffrer, por isso, insultos de invejosos e reaccionarios, na faina de robustecer, renovando-o, o pensamento nacional, será menosprezar os feitos nacionaes?

Onde tem este homem a cabeça? Esta pulhice foi dita ha algum tempo por Tran-Paseco e agora é repetida por José...

E quem foi, insisto, alli ou fóra d'alli d'entre os incomprehendidos por Tran-Paseco e pelo snr. José Verissimo, que menosprezou os feitos do povo brasileiro, as lidimas glorias nacionaes?

Seriam os que lhe collegiram da bocca das classes plebeias os cantos e os contos anonymos? Os que lhe traçaram a caracteristica ethnica e nacional? Os que escreveram a historia da philosophia em nossa terra ou a historia de nossa litteratura?

Serão os que o dotaram de bellos livros de critica, de politica, de direito?

Será o que escreveu o Codigo Civil, elogiado no mundo inteiro, prêso no Senado pelo capricho dos poderosos e por alguns Verissimos que alli existem?

Ora, snr. Zézé, tome senso...

Menos verdade ainda é que se tivesse jamas alardeado um *germanismo insolente*...

A teima romba de José em repetir essa tolice é apenas um traço reflexo de seu temperamento de subalterna sequacidade.

Foi e é ainda um rasgo inconsciente de subserviência a Escragnolle Taunay e Machado de Assis, tratados com pouco respeito, como era de justiça, por Tobias Barreto e todos os genuinos representantes da Escola do Recife.

José, n'este particular, exerce uma funcção determinadamente inferior.

Causa verdadeiro dó o allegar a toleima de *ser a nossa cultura exclusivamente franceza*...

Em primeiro logar, seria isto uma razão demais para relacionar o pensamento nacional com outras formas da cultura, a alleman, por exemplo.

Evidentemente o snr. Zé-Verissimo não pésa nada o que diz.

Repete logares communs ou faz raciocinios de tabaréo inculto e trapalhão.

Pois não vê esse criticaço que a premissa que estabelece é que exactamente melhor justificaria a tentativa allemanista, chasquéada alvarmente por José?

E é e tem sido de facto exclusivamente franceza a nossa cultura?

Só um paspalhão ousaria affirmal-o.

Sabido é que no seculo xvi, quando foram lançados os germens da formação nacional e espirital do Brasil, a cultura portugueza se inspirava, como era então o tom geral, na *italiana*?

O incipiente pensamento brasileiro era dirigido pelo *portuguez* e, virtualmente, pelo *italiano*.
Vá vendo, José!

No seculo xvii foi a vez da influencia *hespanhola*.

A grande nação iberica, desde fins de *quinhetos*, influiu em Portugal, em Italia e na propria França, principalmente em nossa antiga metropole.

Escreptores nossos, mesmo dos nascidos no Brasil, chegaram até a escrever em castelhano.

Durante, pois, um seculo a mais estivemos na escola *portugueza*, implicitamente na *hespanhola*.

Vá vendo, José!

No seculo seguinte, periodo de grande arrocho no absolutismo régio em Portugal, os livros francezes eram prohibidos alli; os encyclopedistas eram peculiarmente vedados.

A Hespanha continuou a alimentar em parte o pensamento portuguez, no que era tambem ajudada pela Italia, conhecida e amada pelos principaes poetas da escola mineira. Alguns d'elles chegaram até a escrever em italiano.

A cultura brasileira é, pois, n'esse tempo *portuguesa*, com algumas achegas de Hespanha e Italia.

Onde anda aqui o exclusivismo francez?

No seculo XIX tivemos uma escola poetica que se inspirou principalmente em *Byron* e *Heine*; os politicos da monarchia estudavam os publicistas *inglezes*, cujo parlamentarismo transplantaram para o Brasil; os da republica fazem o mesmo com os *americanos*.

Onde está aqui o exclusivismo francez?

Nas escolas de direito estudou-se sempre por Heinecius, Mittermayer, Waldeck, Warkönig, Stahl, Savigny, Zachariæ e agora por Ihering, Holtzendorf, Bluntschli, Ferri, Lombroso e outros allemães e italianos; nas de medicina por Kölicker, Virchow, Kraft Ebing e outros.

Onde o exclusivismo francez?

As obras de Büchner, Vogt, Moleschot andavam em todas as mãos.

Onde o alludido exclusivismo?

Já d'antes andavam as de Humboldt, Kant, Hegel, Krause, Agassiz, Bopp, Fr. Diez, Du-Bois-Reymond, Helmholtz, Mommsen, Curtius, Gneist, Bluntschli, Max-Müller, e logo após as de Mill, Spencer, Darwin, Huxley, Häckel.

Onde o exclusivismo?

Romances de Walter Scott, Thakeray, George Eliot, Dickens, Göthe, Manzoni; dramas de Schil-

ler e do alludido Göthe, de Shakespeare; poemas de Milton, de Espronceda, de Leopardi, de Schelley, de Poe, eram lidas pelos melhores talentos.

Onde o phantasiado exclusivismo dos sonhos de Verissimo?

Houve, principalmente nas baixas rodas litterarias, forte influxo francez, não ha duvida; exclusivismo é que não; e isto mesmo só no seculo XIX.

E se fôr ponderado que, entre os melhores educadores da mocidade no tempo do segundo imperio, se destacaram, com realce inapagavel, inglezes, allemães e italianos de grande saber, um Julius Franck, um Tautphaeus, um Freese, um Köpke, um Planitz, um Carlos Alcorne, um De Simoni, um Schulze, um Nevil, um Gruber, um Neumann e duzentos outros, mais avultará a leviandade da affirmação do Tocano Empalhado.

Chegamos até a contar brasileiros, como Ernesto Ferreira França, lente de direito em S. Paulo e mais tarde advogado no Rio de Janeiro; L. A. Vieira da Silva, advogado em S. Luiz do Maranhão e depois senador do Imperio; Francisco Primo de Souza Aguiar, honra immorreitor da engenharia militar e do ensino secundario e superior no Brasil, a quem devi principalmente o meu chamado germanismo, note o snr. Verissimo, e já o tenho escripto mais de cinquenta vezes; M. Thomaz Alves Nogueira, lente de historia em varios collegios e de grego no de Pedro

2.º; chegamos até, dizia, a contar brasileiros como esses que falavam e escreviam o allemão e eram incansaveis em proclamar as excellências das gentes germanicas.

Estes homens illustres influiram em varios espiritos sem a menor sombra de duvida. Identico é o caso de Lourenço de Albuquerque e Ennes de Souza.

A cultura ingleza, por outro lado, e a norte-americana, principalmente entre engenheiros, officiaes de marinha e certas classes activas do commercio e da industria, contaram no correr dos ultimos cincoenta annos do seculo passado numerosos adeptos e admiradores.

Costume tem sido, desde então, enviarem-se moços a educar n'aquelles paizes.

O snr. José Verissimo é que se méte a critico, sem procurar conhecer a sociedade brasileira sob seus mais interessantes aspectos.

Ignora tudo que não lê nos maos livros de seu uso ou que lhe não referem no *agulheiro* do Garnier.

Não versa a boa tradição escripta ou oral, não indaga, não pesquisa, não observa, sobretudo não observa...

É um abstracto que vive a sonhar com os medalhões, tendo quéda especial para typos exóticos, que, pensa elle ingenuamente!... seriam capazes de lembrar-lhe o nome alli do Pão de As-

sucar para fóra!... J. M. Mérou, Conde de Prozor, Ruben Dario, Guilherme Ferrero, Eurico Ferri, Anatole France, e vinte outros são do numero.

Snr. Zézé, tome senso.

Releva ponderar, entre parenthesis, que não são, pois, só os figurões, mais ou menos suspeitos da litteratura indigena, os festejados pelo Snr. José Verissimo. Igual attracção sente elle, como se vê, por estrangeiros de posição diplomatica, política, ou litteraria, que apparecem cá... E o mesmo com os diplomatas da terra: Magalhães de Azeredo, Nabuco, Domicio da Gama, Oliveira Lima, Graça Aranha, Assis Brazil, Rio Branco, alguns dos quaes lhe eram completamente alheios.

É um *tic* do curioso criticastro e fica-lhe bem e traz-lhe vantagens.

Mas urge proseguir no desfiar o rosario de asneiras de José.

A tentativa de conhecer e dar a conhecer o pensar allemão e adoptar d'elle alguma cousa, *quasi gorou por completo*, na phrase do fanhoso e feissimo marajoára atucanado.

Um *por completo*, apoiado n'um *quasi*!

Mais uma vez, e não era de esperar outra cousa, se revela a nulla comprehensão philosophica e historica do Snr. Verissimo.

É incapaz de descobrir por si, determinar e definir uma corrente espiritual n'um periodo historico qualquer.

É preciso que lh'o mostrem, dando-lhe com o martello na cabeça, para a custo penetrarem n'ella as noções mais triviaes.

Do movimento intimo do allemanismo litterario e scientifico entre nós, José nada sabe, porque, arrematador de odios e despeitos alheios, das luctas brasileiras só conhece o que lhe dizem no *agulheiro* e só aprecia e estima o que agrada e convem aos seus protectores do Rio de Janeiro...

III

A cousa mais natural d'este mundo era que as famosas victorias da gente germanica, em 1870, despertassem, mesmo no Brasil, a attenção para a vida espiritual d'aquelle povo que, em tempo, havia produzido na historia tão grandes feitos e tinha como que adormecido durante um largo periodo. Os estudiosos conheciam, por certo, a co-participação da *gens teutonica* na quéda do imperio romano, na formação das nações novas, na repressão das invasões arabe, magyar, tartara e mongolica, no movimento das *hansas*, da reforma protestante, da quéda de Napoleão I, do romantismo, da metaphysica moderna.

Para o grosso do publico, todavia, a Allemanha continuava a ser a *nevoenta, sonhadora, mys-*

tica, idealista Germania... Enorme erro este, seja dito desde agora, e já o tenho escripto muitas vezes, do qual estive sempre isempto, a datar de meus tempos de collegial, (1863-67) devido ás sabias lições de Francisco Primo de Souza Aguiar, Joaquim Verissimo da Silva e Padre Patricio Moniz, grandes admiradores dos allemães, o primeiro de seu valor historico, social, politico, economico e scientífico; os outros de sua philosophia.

D'est'arte, quando rebentou a guerra dos Ducados (Schleswig-Holstein), em 1863-64, a da Austria em 1866, já, sob a influencia principalmente de Primo de Aguiar, estava eu de posse da especie de germanismo que sempre professei e ainda professo e não tive a mais leve duvida sobre o resultado d'aquellas luctas. Residia então no Rio de Janeiro.

Habitando depois o Recife, desde fevereiro de 1868, não deixei, desde logo, de chamar a attenção de Tobias Barreto para a importancia da raça germanica como factor notabilissimo da historia da cultura occidental.

Tobias estava entregue á poesia *hugoana* e á philosophia franceza. Era e foi sempre estranho e mesmo infenso a questões ethnographicas; não prestava, infelizmente, attenção a esta especie de assumptos.

Assim se conservou até 1870.

Dado, porém, o terrível estardalhaço da guerra franco-alleman, com o senso da visão espiritual de que era dotado, presentiu então o valor intellectual dos vencedores, procurou estudar-lhes a lingua e as ideias, principalmente em *critica, philosophia* e *direito*, inaugurando sua propaganda, que é esse *germanismo*, que, na phrase pedestre de José, *gorou quasi por completo*.

Assim, desde 1870-71, achei-me diante de tres formulas de *germanismo*: a) a *minha propria*, aprendida de Joaquim Verissimo da Silva, Patricio Moniz e, principalmente de Primo de Aguiar, desde 1863; b) *a de Tobias Barreto*; c) *a da immigração*, que póde ser symbolisada no nome de Escragnolle Taunay.

Eis ahi: o que sempre vi e sempre procurei destacar, com força, no grande ramo teutonico da raça aryana—é o seu valor ethnographico, sua contribuição extraordinaria para o direito, a politica, a industria, a cultura geral; em summa (O snr. Manoel Bomfim aqui diria—*breve*), sua importancia *ethnica, historica, politica, social*. Este é que foi e é ainda o meu *germanismo*.

Em tal sentido e com tal alvo tenho escripto algumas paginas, d'entre as quaes destaco o capitulo consagrado aos Wisigodos na *Historia do Antigo Direito em Hespanha e Portugal*, que não conta, em nossa lingua, modestia áparte, nada, no genero, que lhe seja superior.

Provóco todos os Verissimos, todos os Tocanos-Empalhados existentes para o contestarem.

Provóco e tenho certeza de dar pancadaria velha na troça toda.

Anda, Zézé; péde auxilio ao Capistrano, o famigerado — *Bumba* —, a todo o *agulheiro* e vem; quero esmagar-te de vez, patureba.

Tobias, o proprio Tobias, que não gostava e antes repellia sempre, não sei porquê, a apreciação ethnographica, que não fazia da historia seu estudo predilecto, nada possúe na especie. O seu allemanismo, de indole puramente litteraria, tendo com o meu proprio apenas alguns pontos de contacto, era mui diverso e visava outros alvos.

Ahi sim; ahi elle systematisou e proseguiu n'um plano consciente o que já d'antes haviam tentado Ernesto Ferreira França e Manoel Thomaz Alves Nogueira.

Escusado é falar do allemanismo da *immi-gração*, de que sempre fui adversario (Tobias tambem o era), pelo modo porque tem sido encaminhado esse vital problema. Desejo que venham colonos aos milhões, se fôr possivel, mas que se espalhem e adoptem a lingua do paiz.

Voltando ao allemanismo do meu fallecido patricio e amigo, será verdade que *sua acção tenha quasi gorado por completo?*

Não é verdade. José é que não sabe o que diz; anda na rua e não vê as casas.

Ouviu referencias á influencia germanica nas ideias brasileiras e como não vê toda a gente a lêr e a falar allemão, a adoptar talvez esta lingua como lingua propria, pensa lá de si para si muito ancho, que póde repetir os esconjuros de Braz Cubas...

Engana-se redondamente e aqui está este seu obrigado e criado para abrir-lhe os olhos.

Quando, a datar de 1870 71, Tobias Barreto entrou a estudar o allemão e a fazer propaganda de seu especial *germanismo litterario*, nomeadamente em assumptos de critica de litteratura, de religião, de philosophia e de direito, entrei eu tambem na faina, pois tinhamos alguns pontos communs, defendendo-o a elle e escrevendo artigos de critica litteraria com a minha velha intuição germanica.

D'entre esses destaco os intitutados:—*Systema das Contradições poeticas, As Lendas e as Epopeas, A Poesia e a Religião, A Poesia e a Sciencia.*

Néga, se és capaz, José.

Entreguei-me tambem ao estudo da lingua allemã, e tanto que traduzi e publiquei nos jornaes de Pernambuco algumas poesias de Em. Geibel e de Hermann von Gilm.

Não descurando jamais, por outro lado, a pro-

paganda de meu proprio allemanismo, referente á importancia ethnica, historica, politica e social da *gens teutonica*, sempre que me referia a meus estudos predilectos de ethnographia, historia, critica litteraria e philosophia.

Foi por estes factos que o mesmo Tobias, na introduccão de seus *Estudos Allemães* não me deixou de associar a si proprio, escrevendo estas palavras: «A escola, se de escola merece o nome, que approuve a litteratos fluminenses designar pelo titulo de *teuto-sergipana*, com o claro intuito de produzir impressão comica, pela associação da ideia da Allemanha á da provincia natal de *dois infatigaveis promotores* do germanismo nas letras brasileiras...»

O auctor dos *Estudos Allemães* era muito severo e mui parco em elogios. Elle não faria essa referencia a mim, se eu não o tivesse realmente ajudado na propaganda oral e escripta.

Dotado de uma singular capacidade para o estudo das linguas que aprendia como que brincando, tanto que, com quasi nullo esforço chegou prestes a escrever com correcção e belleza, latim, francez e allemão; de posse, alem d'isso, de fortes qualidades estheticas e de expressão, era natural que se voltasse de preferencia para o cultivo da lingua e das cousas litterarias da Allemanha, com peculiar attracção, e era natural ainda que me excedêsse por esse lado.

Nem eu tive jamais a mais leve duvida a respeito, nem pretendi segui-lo de todo n'um terreno, que não era o meu.

Onde não me deixava vencer era na capacidade constructora, critica e philosophica.

Foi por isso, sem duvida, que uma vez elle mesmo escreveu a meu respeito estas palavras que me consolam das dentadas de todos os Verissimos havidos e por haver.

«Sinto muito achar-me n'este ponto (*poesia popular*) em desaccordo com o meu illustre amigo S. R., cujo talento é d'uma *vis organisatrix* estupenda; e, como em geral os talentos organicos são tambem harmonicos, é reparavel que elle, que foi o primeiro entre nós a irromper contra o romantismo, tenha cedido por sua vez a uma estranha preocupação romantica.»

Eis ahi: este trecho do grande espirito, em que me confere — generosamente — a *vis organisatrix*, propria de intelligencias organicas e harmonicas, é apto a pôr em evidencia a diversa estrutura de nossas intuições dos phenomenos ethnicos, sociaes e historicos.

Serve tambem para provar que alli no Recife se fez alguma cousa, quando mais não fosse, em estudos de *folk-lore*, de critica litteraria, nos quaes se fez guerra aos ultimos rebentos do romantismo, e em que se praticou a propaganda de ideias germanicas, tal qual como em França haviam pro-

cedido, em tempo, J. J. Ampère, Quinet, Michelet, Renan, Taine, Scherer, não falando já em Saint-René Taillandier, Philarète Chasles, Saint Marc Girardin, Em. Montégut e cem outros.

O José das pescarias amasonicas chama a isto *gorar quasi por completo*.

Vejamos os factos. O allemanismo teve no seu primeiro momento em Pernambuco, apezar da diversidade de nossas intuições, a Tobias e a mim como representantes. Será verdade que as nossas obras, as obras de ambos, com seus pontos de contacto e com seus pontos de divergencia, não tenham tido influencia sobre o espirito brasileiro?

José atrever-se-ha a dizel-o?

- Com toda a obtusidade de seu espirito, não será capaz de o fazer.

Entretanto, o movimento proseguiu alli.

N'uma segunda phase surgiram as bellas e, porque não dizel-o? — grandes figuras de Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Martins Junior, e mais as de Urbano Santos, de João C. de Sousa Bandeira, de seu irmão Raymundo, de Alfredo de Carvalho, que todos conhecem o allemão e se instruem largamente em livros germanicos.

Todos, menos Martins, são ainda hoje homens novos, estão na força da vida e no vigor do talento.

Todos elles produzem e influem em circulos

variados de pensamento nacional. Será isto gorar quasi por completo?

O movimento passou ao Rio de Janeiro dez annos mais tarde, em circumstancias que mais abaixo terei de narrar.

Capistrano de Abreu, Antonio H. de Sousa Bandeira (irmão dos dois Bandeiras acima citados), João Ribeiro, Ferreira de Araujo, Francisco de Castro, F. Fajardo, Rodolpho Brasil, Candido Jucá, Augusto Franco (este em Minas), todos applicaram-se ao estudo da lingua e á leitura de livros allemães.

São nove nomes, como o eram os do Recife; todos produziram ou estão ainda a produzir dentro do circulo de certas ideias.

Quatro já se partiram da vida; cinco ahi estão na pujança do talento.

Será que as obras d'esses cultores de allemnismo nada valham?

O que têm escripto o tortuoso Capistrano de Abreu, o snr. João Ribeiro, amigalhões de José, estará sendo um *goramento quasi por completo*?

O que produziram Francisco de Castro e F. Fajardo estará no mesmo caso?

Ora, tome juiso, *Zézé*.

Não seja de tão difficil accesso á verdade e ao bom senso.

Terá, por ventura, a audacia de pretender

negar a co-relação entre o allemanismo no Recife e no Rio de Janeiro?

Vamos, vamos, responda.

Póde a questão da maior ou menor influencia das ideias fundamentaes da escola do Recife ser encarada por outra face: qual foi jamais a escola, a doutrina, a corrente do pensamento, o systema, ou como lhe queiram chamar que houvesse alcançado mór prestigio no Brasil?

Não se conhece.

O Snr. Zé-B'rissimo, como lhe chamam os minhotos e transmontanos, não é capaz de provar o contrario.

Teria sido o romantismo *americanista* de Chateaubriand em *Atala, Natchez*, que só dois nomes produziu de valor — Gonçalves Dias e Alencar?

Teria sido o romantismo *byroniano*, que só dois homens de merito inspirou, — Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães? Não.

Teria sido a corrente *lamartinesca* que alentou alguns choramigas de terceira e quarta ordem? Não.

Teria sido a escola historica de Guizot, ou a de Thierry, ou a de Michelet, que tiveram entre nós em Francisco Lisboa, um só representante de merito? Não.

Teria sido a escola de Cousin, que só se deixou representar em meia duzia de paspalhões? Não.

Teria sido o largo *romantismo realista* (não vá o critico espantar-se da junção dos dois nomes) de Balzac ou o *naturalismo* de Zola, que não geraram cá uma só obra de valor? Não.

Porque diabo então o esconjurador paráense, o arrematante de odios não proclama a *goração quasi por completo* d'esses movimentos?

Oh! Zézé, tome senso.

IV

Não ha uma só affirmação da recente e inepta zéverissimada que não seja um erro.

Evidente é que não existe a mais leve sombra de razão contra os que chamou gaiatamente beradores de germanismo.

Mas o homem continúa: — «Salvo um ou outro, raro, os nossos germanistas não sabiam o allemão...»

É falso: os dezoito espiritos que deixei lembrados linhas acima, dos quaes uns fallecidos e outros, a mór parte, ainda vivos, sabiam ou sabem a lingua alleman para ensinar a toda a geração dos Verissimos.

A elles podem-se juntar os nomes de José Hygino, Alonso Adjuto, Joaquim Catunda, Ca-

logeras, Barbosa Lima e Ulyses Vianna, os quaes todos sentiram-se attrahidos mediata ou immediatamente para o pensamento allemão pela propaganda partida do Recife e proseguida no Rio de Janeiro.

São vinte e quatro nomes em evidencia em varios ramos da actividade intellectual brasileira. Desconhecidos existem mais de tres ou quatro mil nacionaes de origem portugueza que sabem allemão. Verissimo é que não sabe o que diz.

Não é tudo: o critico, originario de Mangaratiba e nascido por acaso em Belem, parece ligar demasiada importancia ao conhecimento da lingua d'um povo para se poder avaliar da achêga d'esse povo na cultura universal, sua contribuição para a civilisação.

É um desparate, desmentido por uma historia sete ou oito vezes millenaria.

As civilisações, as religiões, as philosophias, as doutrinas politicas, juridicas e ethicas, as invenções industriaes propagaram-se sem que tivesse sido indispensavel aos povos que as adoptaram o conhecer as linguas em que foram originariamente pensadas ou elaboradas.

Fossem os habitantes da Asia oriental esperar saber o sanscrito para adoptarem o budhismo; os gregos conhecer o egypcio e o assyrio para se deixarem influir, como está provado, pela ci-

vilisação d'esses paizes; fossem as gentes da Europa aguardar, para receberem o christianismo, o conhecimento do hebraico em que foi escripto o Velho Testamento e do grego em que foi produzido o Novo, fossem quedar a espera das phantasias verissimescas e teria a civilisação ficado parada ou seguido um rumo que só o engraçado criticastro poderá imaginar.

Ainda mais: o conhecimento profundo d'um povo, existente ou extincto, não reclama indispensavelmente a posse da lingua d'esse povo. Os grandes espiritos, dotados de intuição quasi divinatoria, não precisam d'essa arma. Bastam-lhes outros documentos, outras fontes de informação e inspirações.

Tal o caso d'um Ranke, por exemplo: ninguem melhor do que elle condensou em paginas famosas a historia e as civilisações da India, Persia, Assyria, Babylonia, Egypto e não lhes conhecia as linguas.

Ninguem melhor, que eu saiba, escreveu da formação dos grandes povos particularistas do que Henri de Tourville. Sabia, por certo inglez, mas não conhecia a lingua dos noruegueses, suécicos, dinamarquezes, hollandezes, allemães, que fazem parte do grupo.

Com as chronicas e historias latinas da antiguidade e da idade media, com os documentos trasladados áquella lingua, ao inglez, ao francez,

produziu um livro portentoso de logica, de vida e de clareza, desconhecido de Verissimo.

Oh! Zézé, tome um pouco de senso!...

Não é só: uma doutrina, uma corrente espiritual pode ser assimilada sem se saber uma palavra da lingua do pensador que a produziu.

Ninguem fez uma exposição minuciosa e pragmatica mais completa da philosophia de Kant do que Victor Cousin, que não sabia uma palavra de allemão.

Lêra os livros do grande pensador de Königsberg n'uma traducção latina.

Ninguem assimilou tão intimamente o idealismo de Hegel do que Vacherot, que do allemão nem o alphabeto conhecia.

Mais: Taine, que escreveu uma vez estas palavras: «De 1780 à 1830, l'Allemagne a produit toutes les idées de notre âge historique, et pendant un demi-siècle encore, pendant un siècle peut-être, notre grande affaire sera de les repenser»; Renan, que pronunciou est'outras: «Il semble que la race gauloise ait besoin, pour produire tout ce qui est en elle d'être de temps en temps fécondée par la race germanique»; Taine e Renan, que não eram mui fortes no conhecimento do allemão, fizeram mais para propagar em França o pensamento germanico do que Ed. Scherer, que conhecia a fundo aquella idioma.

Mais curioso é ainda o facto de saber um in-

dividuo uma lingua estrangeira e ser incapaz de dizer cousa que preste acerca da cultura, do character, do valor, do papel d'esse povo no mundo. É, certo, o caso de Verissimo que conhece *tant bien que mal* a lingua franceza e é incapaz de escrever cousa digna de lêr-se do povo que a fala, ou de qualquer de seus typos representativos.

Conhece, creio eu, algumas palavras de inglez e d'esse povo e dos americanos só banalidades repete, por causa de sua completa abstinencia de estudos de ethnologia, direito, religião, sociologia, economia politica, psychologia nacional, todos os estudos, emfim, referentes ás indoles das gentes.

É impossivel preencher esse terrivel vacuo só com vulgaridades bebidas em jornaes e romances, ou generalidades politicas e litterarias apanhadas em revistas lidas a correr entre as parvas lições da *Escola Normal*, as funcções da fiscalisação da *Companhia de seguro*, a collaboração do *Jornal do Commercio*, da *Kosmos*, da *Noticia*...

Quem se quizer convencer lance os olhos sobre os impagaveis artiguetes d'esse curioso *penny-liner*, intitulados — *O exterior pelo telegrapho*. É impossivel ser mais banal e desfructavel. E se se levar em linha de conta que é frequentador assiduo da Academia Brasileira e perde horas seguidas no agulheiro do Garnier, onde envenena as agulhas com que cóse a pelle do proximo, evi-

dentissimo se patenteia ser materialmente impossivel que leia regularmente os livros de que dá as estupidas noticias.

Hoje fala d'um de trezentas ou quatrocentas paginas, oito dias depois de outro de quinhentas, na semana seguinte de cambulhada de quatro ou cinco, e ás vezes mais, de igual numero...

Leu-os com attenção e criterio? Impossivel.

Houve alguma vez n'este paiz essa *litteratura apressada*, esse escrevinhar de fancaria, a não ser em rapidas chronicas e folhetins? Absolutamente não. Sainte-Beuve e Ed. Scherer escreviam cada um seu artigo de critica por semana; mas não collaboravam, ao mesmo tempo, em quatro ou cinco jornaes, nem sahiam para dar lições de livro aberto na *Escola Normal*, nem iam a agulheiro algum. Eram robustos, tinham fortuna e secretarios que os ajudavam.

Para o fim da vida fizeram parte do Senado francez; raro, porém, subiam á tribuna. Verissimo faz *litteratura barata*, parte diariamente, parte por semana, parte por mez; a rateio no kiosque da *Noticia*, em grosso no armazem do *Jornal*, por carregamento na feira mensal da *Kosmos*.

Não espanta, pois, que seja o mais futil dos escriptores actuaes e se limite a repetir o que outros já tinham dito ha vinte ou trinta annos. Um curioso caso d'essa condemnação fatal de repetir, por falta de talento para observar e concluir por

si e de inventiva para formular ideias e juizos proprios, é o da reedição ainda uma vez da torpeza que se contem n'estas palavras: « Algum se privou logo de o poder aprender (*o allemão*) gabando-se de que o sabia.»

Isto é commigo; conheço esta peçonha; é de velho demonio que me tem muitas vezes mordido. Nunca fiz caso d'isso; e nunca respondi.

Respondo agora. Agradeço até ao triste reimpressor de doestos, mentiras e calumnias contra mim—a excellente oportunidade que me offerece de desfazer essa e outras frioleiras, inventadas e mantidas ha bons trinta annos.

Mas como o telegraphheiro da politica exterior a tanto por linha faz em tudo isso uma tão apagada figura! Coitado!

Depois que, em repulsa a parvas affirmações, lhe dei uma nutrida carga de fuzilaria a peito descoberto, no *Compendio de Litteratura*, entendeu elle nas palhaçadas hebdomadarias, devastadoras de tres ou quatro columnas do *Jornal do Commercio*, d'onde uma vez tinha sido despedido e para onde entrou de novo, ⁽¹⁾ entendeu, digo, dar-me umas alfinetadas, muito sem graça, muito roufenhas, muito desconsoladas, como é o sorriso dos cafuzos decadentes das praias de Marajó.—

(1) Tornou de novo a sahir e a voltar.

Coitado! Levanta-te, José; perfila-te, põe-te attento e ouve:

Eras ainda um *calominzito* de sete a oito annos de idade, andavas de timão, e já eu me interessava pela raça alleman, sob as bellas lições de Primo de Aguiar e com as instructivas conversações do admiravel Tautphæus.

Ja era academico, e, com ideias e doutrinas principalmente espalhadas no mundo pela critica germanica, no periodo que vae de 1870 a 73, entre os teus obscurissimos treze e desaseis annos, escrevia artigos como:

A Poesia dos Harpejos Poeticos, A Poesia das Phalenas, A Poesia das Espumas Fluctuantes, A Poesia fundada na intuição critica moderna, Systema das Contradições Poeticas, A Poesia e os nossos poetas, Sobre as Peregrinas de V. Palhares, A Litteratura Nacional, A raça e sua influencia nas letras brasileiras, As Lendas e as Epopéas Populares, A Poesia e a Religião, A Poesia e a Sciencia, O Romantismo no Brasil, A Rotina em litteratura, Se a Economia Politica é Sciencia; já fazia tudo isso e publicava nos jornaes traducções de poesias e de escriptos alle-mães, quando nem sequer tinhas entrado largamente nos preparatorios que até hoje, ao que dizem, não concluiste.

Ouve, José; escuta, aprende agora como se originou a palhaçada da perfida invenção que o

Capistrano vae passando aos Verissimos que arribam ao Rio de Janeiro.

Tinha eu chegado a esta curiosa Sebastiano-polis em abril de 1879.

Vinha para ficar; fizera cá os preparatorios (1863-67), e pareceu-me bom o campo, a arena, para *luctar*, ouve bem, Zézé, para *luctar* e não para *cortejar os medalhões*.

Era então o que sempre fui e sempre serei: um *revoltado* contra a sandice letrada, a tendencia adulatoria de certos presumidos, a falsa sabedoria de figurões de palha.

Entrei, aqui, trazendo um livro, que era, no meio modorrento, apathico, atrophiado no terreno das ideias do Rio de Janeiro, um verdadeiro escandalo: *A Philosophia no Brasil*. Já o lêste?

O livro, escripto durante o anno de 1876, retocado, n'um ou n'outro ponto, em principios de 1877, tinha estado perto de dois annos em Porto-Alegre, em poder de meu amigo Carlos de Koseritz, que m'o pedira para o editar.

A publicação demorou e é por isso que *A Philosophia no Brasil* só em fins de 1878 appareceu.

A demora teve certa vantagem, porque a vulgarisação da obra veio a coincidir com a entrada do auctor no torvelinho litterario da Capital.

Koseritz, em longos e fortes artigos, tinha feito na *Gazeta de Porto-Alegre* a apreciação do livro

e das ideias n'elle apregoadas. Os artigos do illustre sabedor allemão foram transcriptos n' *O Cruzeiro*, jornal existente n'esse tempo, no Rio de Janeiro.

O auctor mostrava conhecer as principaes correntes philosophicas do seculo, francezas, inglezas, italianas, allemans; confessava-se adepto da convergencia admiravel das duas ideias capitaes do pensar theorico moderno—*a evolução e a critica do conhecimento*,—convergencia que notara em Helmholtz, Du Bois-Reymond, Lange e nomeadamente Herbert Spencer, e tambem no positivismo, n'este, porém, n'uma forma menos ampla, menos acceitavel.

Depois se verá o motivo porque é indicada, desde já, a data da feitura do livro (1876) e a philosophia que o inspirava.

O reboliço *no reino das formigas*, como nos contos populares são chamados certos circulos letrados em que, José, és gente, foi enorme.

Antonio Herculano de Sousa Bandeira, que tinha sido meu condiscipulo na Faculdade do Recife, sahiu a campo, com gaudio geral dos basbaques da *cotterie*, atacando o livro e as theorias n'elle professadas.

Retruquei com o calor e paixão que sempre manteve nas lides do pensamento.

A bulha foi grossa e intensa.

Fervia ainda ella em torno d' *A Philosophia no*

Brasil, galeria de estatuas decapitadas pela critica sevéra, onde se salvaram apenas dois ou tres bustos, quando nas columnas d'*O Reporter* surgiam (1879) os terriveis artigos que vieram a constituir outra galeria de notabilidades destrôçadas — *Os Ensaios de Critica Parlamentar*. Era a batalha politica após a batalha philosophica. Pelo mesmo tempo, ainda 1879, chegava a vez do *folk-lore*, das tradições populares, dos cantos e contos anonymos, tudo com largas ideias ethnographicas, philosophicas e sociaes.

Era nas paginas da *Revista Brasileira*, a *Revista Brasileira* do grande Franklin Tavora, de A. Midosi e outros, e não a tua, José, apparecida desaseis annos mais tarde.

Acolá surgiram, pois, em 79 e 80, nos *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*, e nos capitulos iniciaes da *Historia da Litteratura Brasileira*, alli publicados tambem, as primeiras tentativas para dar uma base scientifica á critica, á historia, ao estudo da civilisação nacional, em summa: *apreciação do meio physico, indicação da achêga espiritual das raças que constituiram o nosso povo, caracteristica do typo brasileiro fundamental*, e muitas outras ideias, José, de que te tens nutrido, fingindo que as bebeste n'outras fontes, isto agora, sem te lembrares que já uma vez disseste que grande tinha sido a influencia do auctor de taes escriptos sobre o espirito de seus contempora-

neos, até no d'aquelles que se declaram seus adversarios. . . Lembras-te, Zézé?

Era a batalha critico-historico-litteraria, depois da lueta no terreno da philosophia e da politica.

Logo em seguida, em janeiro de 1880, teve logar o concurso para o preenchimento da vaga da cadeira de philosophia do Collegio de Pedro 2.^o

O debate foi largo e, modestia á parte, foi, Zézé de minh'alma, muito differente do teu concurso de historia em que tiveste sete votos para a reprovação!! . . .

Ainda não ha muito tempo, sabes que ouvi eu da boca de um espirito superior, um scientista de primeira ordem, o saudoso e laureado mestre — Chapot Prevost, diante de varios medicos? — Sabes, José? O seguinte: «A geração de meu tempo foi educada sob a impressão do brilho e firmeza das ideias e do modo de as sustentar de seu concurso de philosophia!» Isto, oh! desageitado contendor, remunera de sobra das tuas objurgatorias, e de todos os teus aleiyes, aprendidos de Tran-Paseco, Capistrano e outros.

O publico me desculpará essas referencias a cousas que me dizem respeito.

Durante dezenas e dezenas de annos tenho soffrido os insultuosos assaltos, reeditados agora pelas zéverissimações da critica e já não é possivel deixar de os rebater de uma vez.

Sou forçado a falar de factos em que tomei

alguma parte para restabelecer a verdade, vilmente ultrajada.

Vaes agora, *Zézinho*, vêr como se formou a lenda que reeditaste, tão sem graça!... a proposito do livro de Lichtenberger.

V

Na *Philosophia no Brasil*, na *Critica Parlamentar*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular*, na *Interpretação philosophica dos factos historicos* (these de concurso), na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, nos capitulos de historia litteraria que vieram a formar o livro que corre sob o titulo de—*Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*,—faziam-se alevantados elogios a especie de *germanismo* de que fui sempre e sou ainda fervoroso adepto e citavam-se varios trechos, traduzidos uns, em original outros, de auctores allemães.

O mesmo acontecia no artigo de Tobias—*Jurisprudencia da vida diaria*, por mim publicado no *Reporter*, e na famosa critica a Alfredo Tau-

nay,—escripta a meu pedido, e apparecida na *Gazeta de Noticias* sob o titulo—*Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer.*

Foi então que se reuniu aqui um grupo de individuos para aprenderem o allemão.

Ferreira de Araujo, A. H. de Souza Bandeira, Machado de Assis e Capistrano de Abreu, eram os principaes do grupo e o professor eleito foi Carlos Jansen.

Este, conhecia-o eu de apresentação feita por Tantphæus, de quem distava assás no saber e na intelligencia.

Como acontecesse, por aquelles dias da criação do novo curso, que o encontrasse na Secretaria do Imperio, e o consultasse acerca de certa passagem arrevesada do *Gartenlaube*, de Leipzig, Jansen me convidou para ir tambem ser seu discipulo, ao que contestei—não o fazer, por já ter algum conhecimento da lingua, tomado commigo mesmo no Recife, e por estar então tomando lições com o venerando Barão de Tantphæus, alem de que, preocupando-me immensamente mais com as ideias, doutrinas, theorias, pouco me importava o aprofundado saber de qualquer lingua.

Eis ahi. Boca, que tal disseste!... Jansen, na primeira ou segunda reunião que teve com seus discipulos, contou-lhes a historia e esta proliferou maldosamente na cabeça do terrivel intrigante

Capistrano. Nunca mais a esqueceu; cultivava-a com carinho e a vae passando a todos os Verissimos que aportam ao Rio de Japeiro.

Do simples facto de recusar fazer parte do grupo dos discipulos de Jansen, a despeito de declarar que tomava lições com Tantphæus, mil vezes mais competente, alem de andar, desde annos, procurando commigo mesmo obter conhecimentos da lingua, se concluiu logo que *eu d'ella nada sabia e não a queria aprender para fingir que a conhecia...* Exactamente o que repetes hoje, Zézé.

Quando ha exactamente trinta annos appareceu pela primeira vez essa safadeza, lhe conheci logo a origem.

Verissimo, é um pobre d'espírito, que, em letras, faz modestamente o seu papel de caixa de resonancia.

Repete, como novidades, as babozeiras que lhe contam.

Não é um escriptor, é um phonographo, quando deixa de ser um La Palisse.

Já é velhote, em verdade: nascido em 1857, tem puchados 52 annos agora; mas em 1868, quando no Recife, já eu e meus amigos liamos Comte, Littré, Buckle, Scherer, Taine, Max-Müller, Renan, Vacherot, não passava d'um caborézito de 11 annos. De 1875, quando foi o estardalhaço da defesa de theses, em que se deu a fa-

mosa questão da *metaphysica*, de 1875 em diante, a seguir de seus desoito annos, elle acompanhava de Belem, o movimento do Recife, proseguido no Rio, e se prazia em repetir varias ideias que já alli haviam sido emittidas.

Nos seus escriptos datados do Pará, de 1877 a 88:— *As populações indigenas e mestiças do Amazonas, A Religião dos Tupy-guarany*s, e varios outros artigos reproduzidos nos *Estudos Brasileiros* abundam as provas do facto.

Agora tem por funcção principal na esphera do pensamento reeditar as cançadas asnidades inventadas durante perto de quarenta annos contra mim. A historieta do grupo de discipulos de Jansen, adulterando, por certo, as palavras do mestre, é, como se viu, uma das ultimas africanas de Zézé.

Ouçã, porém, para seu ensino e de seu principal inspirador, *ad perpetuam rei memoriam I.*

Desafio-os para contestarem o que vou affirmar.

Nos meus escriptos, preponderantemente nos mais antigos, occorrem citações e traducções de trechos allemães de livros, jornaes e revistas que até hoje não foram trasladados em lingua alguma.

Cheguem os novelleiros; rompa-se a lucta. Quero ser confundido.

Comecemos pelas citações no original; venham

provar que estão mal feitas, que não se referem aos assumptos de que trato e em defeza dos quaes chamei-os a depôr, ou que são de livros já traduzidos n'outras linguas.

Vamos, vamos.

D'est'arte, nos *Cantos Fim do Seculo*, pag. 11, occorre uma citação de Emanuel Geibel, e, á pag. 131, outra.

Na *Philosophia no Brasil*, á pagina 83 — se lê uma do *Deutscher-Kämpfer*, de Tobias Barreto; á pag. 101 — uma de Adolf Lasson, da *Deutsche Rundschau*; á pag. 173 — uma do alludido *Deutscher-Kämpfer*; á mesma pag. 173 — uma de Alfred von Wolzogen. Nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*, pag. 16, uma de Steinthal — do *Zeitschrift für Volkerpsychologie und Sprachwissenschaft*.

Nos *Estudos de Litteratura Contemporanea*, pag. 52, uma de Wundt, tirada da *Deutsche Rundschau*, Zweiter Jahrgang, Heft 3; á pag. 57 — uma de F. Hohenhausen; á pag. 229 — uma de Anastasius Grün; á pag. 264 — uma de Paulina Moser.

Eis ahi; venham provar que os trechos citados ou já tinham sido traduzidos em qualquer lingua, ou que não teem intima relação com os assumptos tratados e foram referidos sem base e sem criterio, com desconhecimento de seu conteúdo.

Cheguem os injuriadores: quero ser derrotado.

Passemos a trechos que citei, traduzindo-os, trechos longos, aliás

Na *Philosophia no Brasil*, pag. 176, dois de — *Em offener Brief an die Deutsche Presse*, de Tobias Barreto; a pag. 178, outros dois; á pag. 179 ainda, outros dois; á pag. 180, mais um.

Nos *Estudos de Litteratura Contemporanea*, á pag. 103 — a traducção em prosa da poesia *Perdida* de Dranmor (Ferdinand Schmidt).

Na *Ethnographia Brasileira*, pag. 67 — a traducção de largo trecho de A. B. Meyer, do opusculo — *Die Nephritfrage-kein ethnologisches Problem*; á pag. 71 — outro; á pag. 82 — outro.

Cumpre notar que estas ultimas traducções occorrem no artigo intitulado — *O Snr. Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite*, cuja argumentação é toda colhida na brochura de Meyer, mandada buscar por mim d'Allemanha para com ella deitar por terra as phantasias do auctor brasileiro, que se foi notavel botanico, foi muito infeliz ethnologo.

São, entre trechos traduzidos ou não, vinte uma passagens de escriptos allemães lidos na lingua original.

Muitos outros occorrem n'outros livros meus que não tenho agora á mão para verificar.

Se quizesse augmentar a lista bastaria lembrar as traducções em versos de tres poesias de Gei-

bel e uma de Hermann von Gilm, publicadas em 1875 em jornaes de Pernambuco.

Não é tudo: para a especie de germanismo que sempre professei,—o germanismo relativo ao valor ethnographico, historico, social, politico, mundial do ramo teutonico, em que fui, repito á saciedade para que todo Brasil o saiba, iniciado por Francisco Primo de Souza Aguiar, Joaquim Verissimo da Silva, Padre Patricio Moniz, Barão de Tautphæus, desde os annos de 1863 a 67, epoca dos meus estudos de preparatorios no Rio de Janeiro, e confirmado pelo livro de Gobineau — *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, que me cahira nas mãos desde começos de 1868 e é onde se acha o germen de todas as minhas ideias ethnographicas; para essa especie de germanismo, não havia mister aprender a lingua alleman.

Preoccupado alem de tudo, no terreno das letras, pelas ideias, doutrinas, theorias, systemas, nunca tive tempo nem lazer nem gosto para me entregar de corpo e alma ao estudo de linguas. Apezar d'isso, aprendi muito regularmente o latim com o Padre Gustavo Gomes dos Santos; o francez com Primo de Aguiar (lente tambem de historia); o inglez com o impertinente velho, excellente professor aliás, José da Maia.

Estas linguas, estudei-as por fazerem parte do canon dos preparatorios no meu tempo e cheguei a sabel-as bem.

Como residissem no *Collegio Atheneu Fluminense*, onde estudei humanidades, um hespanhol muito intelligente — D. Fernando Planas y Banca, censor de minha classe, e um italiano, — o excellente e sabedor — Padre Romazza, por curiosidade tomei com elles — lições de hespanhol e italiano, — linguas que ainda hoje, depois de mais de quarrent'annos, traduzo com facilidade. — Pelo que toca ao allemão, só no Recife, por dar auxilio a Tobias Barreto, chefe do *allemanismo litterario*. . . ; ouve bem, José, *allemanismo litterario*, é que, commigo mesmo, fiz varios estudos, proseguidos em Paraty e aperfeiçoados no Rio de Janeiro.

Cheguei a entender a lingua escripta e a traduzil-a com facilidade.

Em minha casa, annos depois, a lingua alleman contou diversos cultores que chegaram a comprehendel-a, traduzil-a, falal-a, escrevel-a: meu irmão Celso, por mim educado, meus filhos João e Edgar, que aprenderam na *Deutsche Schulle*, d'esta cidade, e meu filho André, que a aprendeu em Zurich, na Suissa.

Pelo que me diz respeito em particular, confesso que a safáeza dos discipulos de Jansen, repetida agora, depois de mais de vinte e seis annos, por Verissimo, me causou tal tedio, tal enjôo, tal nôjo, taes nauseas, que perdi o enthusiasmo.

Ainda hoje, porem, sou capaz de traduzir, se o quizer, qualquer trecho da lingua, porque o seu mecanismo me ficou.

O conhecimento de qualquer idioma só é necessario para a penetração completa das delicia-dezas de forma na poesia. Até para o sentido ge-ral d'esta é dispensavel. Uma traducção basta.

D'est'arte, o proprio *germanismo litterario* de Tobias poderia abrir mão do conhecimento do allemão; porque, como é notorio, o grande bra-sileiro, cujo valor cresce tanto mais quanto é abocanhado pelos Verissimos, não se occupou especialmente da belletristica, — poesia, drama, romance, senão de critica, philosophia e direito allemães.

O elevado espirito do admiravel sergipano, antithese completa dos Verissimos, porque alliava ao talento critico e philosophico do pensador a imaginação, a emotividade, o calor, a vida do poe-ta, chegou a apoderar-se por completo d'aquelle idioma, porque, dotado de memoria como a de Ruy Barbosa, assimilava com assombrosa facili-dade as linguas, quaesquer linguas que estudasse.

O latim, o allemão, o francez, o italiano não tinham para elle segredos; o grego, o russo e o inglez para os quaes se estava, por ultimo, vol-tando, já elle os traduzia com facilidade superior á de Verissimo em qualquer das linguas que pre-suma mais saber.

Tudo isto digo-o lisamente, sem a menor sombra de colera e despeito.

Não faço grande caso de linguas: *o papagaio tambem fala linguas.*

Ha ahi muitos sujeitos, incapazes de crêar, que tomam a sombra pela realidade, as palavras, com que vivem a quebrar a cabeça, pelas ideias, pelas doutrinas, pelo verdadeiro saber, que conhecem muito mais o allemão do que eu.

Mas o que não conhecem melhor do que eu são os mais elevados representantes do pensamento germanico.

Presúmo, modestia á parte, conhecer melhor os mais altos historiadores, philosophos, publicistas, naturalistas, anthropologistas, ethnologos, juristas, sociologos da grande nação de que certos médiocres — incapazes de se elevarem acima da safara *micrologia* de verificar nomes, datãs e pequenos factos.

Se não aspiro a cousa alguma em politica, muito menos me preocupa a nomeada litteraria n'um paiz, onde passam por sabios incomparaveis certas nullidades de meter dó...

VI

Teria posto o ponto final n'esta repulsa á desastrada *reuerissimação da critica* relativa ao famoso conto de meu muito ou pouco saber da lingua alleman, que José houve por bem repetir a proposito do recente livro de Lichtenberg, se, em artigo consagrado a Nietzsche, não tivesse elle posteriormente me distinguido com outra dose de alfinetadas.

D'esta vez é a velha historieta, passada ha trinta e quatro annos, da defeza de theses em que declarei *morta a metaphysica*.

Se o artigo endereçado a Lichtenberg é uma bota, o referente a Nietzsche é mil vezes peor: é um chinello velho.

Difficilmente poder-se-hia encontrar um mais

authenticó documento da ignorancia e incapacidade do famigerado tucano.

Nem de proposito, nem por encommenda poderia elle fornecer um mais genuino *testimonium paupertatis* de seu lastimavel estado mental. Erros e ignorancias acerca de triviaes assumptos brasileiros abundam ali. Acerca de Schopenhauer, Nietzsche, metaphysica, systemas philosophicos, questões de arte, cousas politicas, não passa o tal artiguete d'um *charivari* de mil diabos. .

Cada these tem logo na rabadilha a sua completa antithese: um tecido de frivolidades pelo direito e pelo avêssó; um roزاریo de contradicções por atacado n'uns retalhos de poucas linhas. Que lastima!

Ora para que havia de servir o livro de Lichtenberg: José Verissimo mettido a falar de philosophia e philosophos, palavras que elle nem sabe soletrar!...

Mas venhamos á *zeverissimação* de Nietzsche.

Começa pelas indispensaveis alfinetadas n'este seu criado e obrigado que nunca poude tragar.

Repete-se o trecho—para o conhecimento de todos:

«Os rapazes de meu tempo (*quem isto lê fica pensando que Zézé era por alli assim um ephebo de 14 annos; e já então era elle um feioso caboclo de 18 janeiros...*), os rapazes de meu tempo ouviram annunciar, com a insolencia (*insolencia é a*

d'elle!) das convicções mais de sentimento (*de forma que o sentimento é insolente!*) que de razão, a morte da metaphysica. Foi então muito celebrado um d'elles que com a petulancia da idade e do meio saber (*o inteiro saber é aquelle de que Zézé deu provas no seu famoso concurso!...*), da sua banca de examinando affirmara seguro aos lentes pasmados que *a metaphysica morreu!* Na véspera havia apparecido aqui a philosophia de Comte (*está errado: havia já bons oito annos que no Recife, eram lidos os livros de Comte e Littré. O caborézinho de Belem, então aos onze annos de idade, é que não sabia d'esse facto, vulgar desde 1868*).

E nos moços, que d'ella tinham ouvido falar, não faltaram apodos ao velho professor (*está errado: o professor era um dos mais jovens da Faculdade*) carrança que, com benigna e superior ironia, perguntara, entre risonho e escarninho, ao joven futuro doutor: *quem foi que a matou, foi o senhor?*

Pois quem tinha razão (*está errado*) não eram os que annunciavam a morte da seductora afilhada, senão filha de Aristoteles (*está errado: antes de Aristoteles já se metaphysicava na Grecia havia mais de 300 annos...*), nem os rapazes que ingenuamente os acreditavam, nem o moço que os repetiu (*repetiu a quem? aos rapazes? Que lingua!*) com a certeza de quem lhe houvesse assistido ao trespasse ou verificado o obito (*tão sem*

graça!) Quem tinha razão era o enfezado velho (*errado; o lente era um moço de 28 annos no máximo*), o mestre atrazado e caturra, malsinado de tal forma (*errado*) por aquella mocidade por não ter logo crido (*onde José aprendeu este romance?*) no que ella, confiadamente, sem maior estudo (*os estudos maiores tinham de ser feitos pelo pescador da Amasonia...*) repetia.

Não só a metaphysica não morreu (*errado...*), mas, depois de um rapido sumiço e decadencia (*errado...*), talvez para se refazer (*errado*) em melhores climas da anemia de que, em verdade, enfermara (*errado*), voltou mais forte, mais louçan, e, o que mais é (*vê-se que o querido José nada sabe d'estas cousas, alem de engodos aprendidos na porta do Garnier*), com ares da antiga dama e senhora do pensamento humano (*se foi Lichtenberg quem te ensinou isto, bota-o no fogo...*) E em vez de modesta e humilde, vexada, como partira, alta-neira, soberba, falando grosso (*bravos ao plebeismo do impertigado academico!...*)

E ainda quando aquella rapaziada (*Zézé implica deveras com rapazes... Para despejar os seus desdens de velho decadente anda sempre a fabular de rapazes, rapaziadas, rapazios...*) como gatos pingados que lhe houvessem acompanhado o fere-tro (*Olé! José a fazer troça!... Mas tão sem graça, o pobresinho!*), já a davam por de uma vez enter-rada, já ella reflrescia (*errado*) com uma porção

de cousas em ismo (*bravo!*), na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Italia e em toda a parte em que se philosophava (*errado: os systemas a que se refere são todos anteriores*); porque, se exceptuarmos o comtismo orthodoxo (*errado: a outra ramificação do comtismo é ainda menos metaphysica*) ou a synthese spenceriana (*errado: a theoria do incognoscivel é pura metaphysica...*), e ainda assim, que são as locubrações do neokantismo ou neo-criticismo (*grande descoberta! quem jámais o negou?*), os diversos systemas oriundos do evolucionismo (*quaes são elles?*), as philosophias de Hartmann, de Schopenhauer (*que horror! gentes, pois José não pensa que o velho Schopenhauer, antigo metaphysico do perigo hegeliano, cuja primeira obra foi de 1813, sendo o seu livro capital de 1819, appareceu pouco mais ou menos alli pelos annos em que eu defendi theses no Recife?! Que desgraça!*), do proprio Haeckel, tanto quanto elle é um philosopho? — Em vez da Sciencia, da Sciencia com maiusculo, da Sciencia unificada, experimental (*e onde a experiencia é impossivel, José?*), positiva, desembaraçada de todas as preocupações das causas finaes ou primeiras, restricta ao facto e refugando o absoluto como um momento se esperou, e se teve o direito de esperar, tomar a si fazer a philosophia nova e definitiva (*e é isto possivel?*), e substituir-se pelos seus resultados geraes á antiga (*qual era esta?*), como a

ultima e assente explicação do universo e da vida (*e as sciencias particulares já conseguiram, cada uma no seu terreno, dar a explicação definitiva, do universo e da vida?*), o que se viu foi, sob a influencia de causas complexas e multiplas (*e quando foi que em tal ordem de ideias as causas deixaram de ser complexas e multiplas?*), toda a especulação philosophica, (*toda não; está errado*), invadida por novos idealismos (*quaes?*), novos materialismos (*quaes?*), novos espiritalismos (*quaes?*) novos phenomenismos (*quaes?*), e por todas as aberrações e extravagancias (*Zézé está sonhando*), das analogias mais disparatadas, de que algumas chegaram a ir buscar (*que lingua!*), confessadamente ou não, ás abstractas metaphysicas asiaticas (*e ha alguma metaphysica que não seja abstracta? E ser abstracto é defeito? A mathematica não é abstracta?*) os seus criterios e concepções e outras resvalaram ás insanidades do occultismo e á abusão do espiritalismo, disfarçadas sob o presumçoso nome de sciencia psychica (*Richet, Lombroso e outros que lh'o agradeçam*).

E estava morta a metaphysica! Como se pudesse morrer de repente (*e quem disse que fôra de repente?*) uma maneira de pensar que, sobre ser talvez a mais acçommodada á nossa miseravel constituição cerebral (*que comedia!*), não exige outro esforço que o de pôr em movimento os órgãos (*que tal? Spinoso, Descartes, Leibnitz, Kant,*

Hegal, Schopenhauer que lh'o agradeçam!...) correspondentes a essa funcção.

Quando a davam aqui por morta (*errado!*), já Frederico Nietzsche affrontava (*está errado, só mais tarde Nietzsche entrou a philosophar*) com as suas ousadias o pensamento geral e as concepções positivas».

Eis ahi: um tecido de erros, de tautologias, de anachronismos, de ignorancia dos factos mais simples.

Não conhece as condições e a data em que se deu o facto que se atreve a adulterar. Phantasia a existencia d'um velho lente carrança a defender a metaphysica.

Ignora, por completo, o que se poderia chamar a litteratura do assumpto no meio em que se déra a lucta.

Cae no misero erro, attestador de sua inqualificavel estupidez em cousas de philosophia, de dar Schopenhauer, como auctor de doutrina que se desenvolvera pelo tempo em que appareceram o néo-criticismo, o hartmannismo, o evolucionismo e outras doutrinas dos ultimos trinta annos do seculo xix, e no ainda maior de apontar a doutrina do auctor de *O Mundo como Vontade e Representação* qual uma d'aquellas que, pretendendo illusoriamente dar-se por não metaphysicas, o são, entretanto, de facto e por inconsequencia.

Vê-se, que o pretensioso critico, que anda ahi

a *empanzinar* o publico brasileiro, com suas bernardices, não pegou jamais nem de leve em escriptos de Schopenhauer.

Senão teria visto que, longe de pretender passar por não metaphysico, fazia elle alarde de sel-o.

Basta lêr o primeiro capitulo do seu mui famoso livro.

Snr. José, estude um pouco mais.

Cae na patetice, de appellar para Nietzsche como sendo um fogoso metaphysico, exactamente no tempo em que eu déra, no Recife (1875), por morta a metaphysica, n'essa defesa de theses que me valeu um processo criminal, quando a verdade, attestada por todos os biographos do auctor de *La Gaya Scienza*, é que só mais tarde começou elle a occupar-se seriamente da philosophia.

Se existe vida narrada em todos os sentidos, é a do original escriptor germanico.

Tirados os annos da meninice e da mocidade, e dos estudos primarios e academicos (1844-68), seguem-se tres decennios perfeitamente caracterizados: no primeiro (68-78), quasi sempre em estado molesto, preoccupa-o principalmente a philologia grega; no segundo, com alternativas varias de melhor ou peor saúde (78-88), distende-se a evolução philosophica; no terceiro (89-900) corre a triste phase da loucura, até á morte.

Ora, a defesa de theses em que se declarou

morta a metaphysica, teve logar em março de 1875.

O primeiro livro philosophico do pensador allemão,—*Cousas Humanas*,—só em maio de 1878—apparecera.

E desgraçada estaria a metaphysica para todo sempre, se ella tivesse de esperar por Nietzsche para reflorecer.

Não; o snr. José Verissimo está ás cegas n'este assumpto.

Ha mister esclarecel-o. Ouça:

A metaphysica que foi dada por morta em 1875 era, aprenda, José, a metaphysica dogmatica, ontologica, aprioristica, innatista, meramente racionalista, a metaphysica de velho estylo, feita á parte mentis, a pretensa sciencia intuitiva do absoluto, palacio de chimeras fundado em hypotheses transcendentas, construido deductivamente de principios, imaginados como superiores á toda verificação.

Esta morreu e está bem morta para todo mundo, menos para o nullo criticastro *do exterior pelo telegrapho*.

A metaphysica, que se póde considerar viva, é a que consiste na critica do conhecimento, como a delineou Kant nos seus *Prolegomenos*, e, mais, a generalisação synthetica de todo o saber, firmada nos processos de observação, e construida por via inductiva.

Esta vive e viverá sempre porque, além de ser uma disposição natural do espirito, supprime algumas falhas das sciencias particulares, mas sem abrir lucta com estas e antes n'ellas se apoiando, mantendo sempre activos os largos surtos e aspirações da razão para o lado do desconhecido.

A historia da philosophia fornece os motivos explicadores do nascimento e morte da primeira e as causas da constante renovação da segunda.

Deixando de lado, por desnecessario no caso, o que se poderia dizer das especulações dos Hindús, especulações nas quaes estão em germen quasi todas as ideias desenvolvidas no mundo occidental, basta-me lembrar que o pensamento theorico, na mais antiga phase de seu desenvolvimento na Europa, não poderia ser senão uma vasta metaphysica, obra quasi exclusiva da imaginação.

A falta de experiencias accumuladas, a ausencia das varias sciencias particulares que só no decorrer dos seculos se foram lenta e gradativamente formando, são mais que sufficientes para explicar o facto.

A metaphysica tinha fatalmente de partir de pretensos *elementos* geraes ou de suppostos *principios* universaes. Surgem ás duzias os *systemas*, verdadeiras obras d'arte, construcções architectonicas genialmente alevantadas, mas de fragil textura.

Formaram-se logo certos dogmatismos apriorísticos, prenes de conclusões, obtidas por caminho deductivo. Houve, certo, muito posteriormente e de longe em longe algumas reacções de *sophistas* e *scepticos* contra essas engenhosas machinas theoreticas.

Mas que poderiam na antiguidade greco-romana, oppôr contra os phantasistas do pensamento homens, por seu turno, alheios aos conhecimentos positivos, certos, firmes, demonstrados, então inexistentes? Homens, que, ao muito, teriam parco saber de mathematica e astronomia? Nada, alem de méras negações de character puramente racionalista.

D'est'arte, o dogmatismo metaphysico, sob formas varias, atravessou todo o periodo historico que se costuma denominar a antiguidade.

No periodo medievico as cousas, sob tal aspecto, não melhoraram. Houve até uma grande complicação, com o advento do forte e compacto dogmatismo theologico do christianismo que se apoderou de todos os espiritos. O pensamento theorico não poderia então ser senão uma metaphysica — *ancilla theologiæ*.

Platão e Aristoteles contribuíram, alternadamente, para alimentar a philosophia do tempo. Mas, encurtados, aparados, por assim dizer, os dois antigos mestres não poderiam dar mais do que tinham: ainda e sempre metaphysica, mais

ou menos illusoria, incapaz de bater o dogmatismo religioso e theologico da Igreja.

Mas a evolução proseguia: os germens de morte depositos no seio do catholicismo tinham de fazer a sua obra e fizeram-na.

A decadencia theologica tornou-se visivel aos olhos percucientes. O dogmatismo da Igreja recebeu rudes golpes das mãos de Copernico, G. Bruno, Galileu, Descartes, Bacon, Spinoso, Hobbes.

E' o grande periodo do Renascimento.

Não é só: as sciencias physicas e naturaes tomam alento ao lado das construcções do pensamento theorico, libertado em parte da pressão da theologia catholica.

Mas as sciencias inductivas, de observação e experiencia, estão ainda na infancia.

O pensamento systematisante e constructor seguia seu desdobramento espontaneo.

Em substituição da dogmatica religiosa formou-se presto um novo dogmatismo metaphysico: reapareceram os systemas theoreticos, mais firmes, é certo, do que os da velha Grecia, mas ainda assim obedecendo á antiga intuição aprioristica e deductiva. Os Descartes, os Spinosas, os Leibnitz, os Melebranches e os seus epigonos enchem a scêna.

Tinha de chegar a vez d'esse novo dogmatismo, d'esse novo metaphysicismo, ainda erroneo de methodo e principios, ser atacado.

D'esta tarefa se incumbiram timidamente Locke e Condillac; mais resolutamente Berkeley e Hume; violentamente os philosophos encyclopedistas francezes do seculo XVIII, especialmente — La Mettrie, Helvétius, Diderot, d'Holbach, Cabanis e outros menores.

Chegou, porem, a haver excesso; porque do facto d'essa metaphysica de velho estylo refugar a contra-prova das sciencias, da observação e da experiencia, e se mostrar illusoria e inconsistente, se chegou a negar a possibilidade de toda e qualquer metaphysica, por despretenciosa que fosse, como se o largo e fundo estudo das mesmas sciencias não podesse vir a exigir uma nova metaphysica, de accôrdo com ellas mesmas.

Foi então que Kant interveio no debate e mostrou irrefragavelmente *não ser a metaphysica uma sciencia*, nomeadamente pelo modo como tinha sido sempre feita; *ser*, porem, *uma disposição natural do espirito humano*, que tem a tendencia intrinseca de levantar problemas que transcendem a sua capacidade, insoluveis mas indestructiveis.

N'esse meio se deve mover a metaphysica, sem a pretensão de sciencia e sim como simples agulhão de pensar e aspiração de saber.

E' a conclusão que sae das tres criticas: a da *Razão Theorica*, da *Razão Pratica*, e do *Juiso*.

A esse conceito da metaphysica, simples disposição do espirito, o archi-philosopho juntou, nos

Prolegomenos a toda a metaphysica futura —, a doutrina pratica de a considerar como a *critica do conhecimento, de seus elementos, de seus recursos, de seus limites.*

O ensino kantiano produziu na Allemanha reacção em favor d'essa modesta metaphysica, unica possivel.

Era nos fins do seculo xviii.

Nos primeiros quarenta annos do seculo seguinte Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer, Herbart, Krause, e outros menores, seguiram em geral, o pensamento do mestre, cahindo aqui e alli em graves desvios dogmaticos.

Em França o positivismo manteve a tradição dos negativistas francezes do seculo xviii, mas as escolas, eclectica, espiritualista, idealista voltaram ás velhas tendencias do periodo cartesiano.

Contra os exaggeros dos novos metaphysicos em ambos os paizes, contra hegelianos e cousinianos principalmente, houve nova leva de broqueis materialistas.

Os nomes de Büchner, Moleschot, Feuerbach, Stirner, Vogt, e seus discipulos francezes echoavam pelo mundo.

Mas era, no fundo, uma lucta de metaphysicos contra metaphysicos, os metaphysicos do materialismo contra os do idealismo, e nada mais.

Foi, então, que de novo se notou que *voltar a Kant era progredir*: formou-se o que se entendeu

chamar a tendencia neo-criticista ou neo-kantista em que entraram homens como Virchow, Helmholtz, Negoeli, Du Bois Reymond, Benno-Erdmann, Lange, Wundt, Noiré e quasi tudo que havia de mais distincto no mundo das sciencias e da philosophia.

Em França repercutiu o movimento, bastando lembrar os nomes de Renouvier, Nolen, Fouillée e outros e outros.

Na Inglaterra Mansel e Spencer são florações do pensamento neo-kantiano.

Na Italia basta lembrar o nome de Ardigo.

Quando, pois, eu disse, em 1875, que a *metaphysica estava morta*, me referia á velha *metaphysica ontologica*, e não á parca *metaphysica kantesca de simples tendencia do espirito, que vae sempre formando syntheses provisórias, ou á critica do conhecimento*, preconizada pelo magno pensador.

Ouviu, Zézé? Quer a prova?

Aprecie o que, então, se passou.

VII

Na sua massuda ignorancia de tudo que é brasileiro e não se ensina e repisa na porta do Garnier, o politiquista do telegrapho não sabe pata-vina do que se passou no Recife nos dias mesmos em que se deu o celebre incidente da defesa de theses.

Elle pensa que, n'aquelle periodo, estavamos, os revolucionarios do pensamento brasileiro alli, mergulhados ainda profundamente no positivismo de Comte e Littré. A doutrina era-nos familiar desde muitos annos antes, desde 1868. Já o disse e repito esta verdade para dar com ella na cabeça rude de José. O certo é, porem, que em 1875, anno da defesa de theses, o positivismo já não nos satisfazia de todo.

Leituras de Renan, Taine, Scherer, Max Mül-

ler, Spencer, Mill, Buckle, ao lado das de Büchner, Moleschott, Darwin e Häckel, tinham-nos emancipado do dogmatismo positivista.

Ainda mais: não é verdade que em nosso grupo se tivesse em toda a linha dado por morta a metaphysica.

No calor da refrega, n'uma discussão oral que se tornára incandescente, a minha phrase:—*A metaphysica está morta*. . . havia de soar inteiriça, sem attenuantes, sem restricções, sem meias-medidas. Era como — *La propriété c'est le vol!*, de Proudhon.

Era um brado, uma *boutade* de dialectico que, para surtir effeito, havia de ter feições de completa intransigencia.

Alma placida, de vôo curtissimo, o zéverissimador actual da critica nacional, nunca se achou n'aquellas conjuncturas, nem jamais deixou escapar do peito um brado d'entusiasmo, um aneio de despreoccupada juvenilidade.

Não; nós não precisavamos que, trinta e dois annos depois, o snr. J. Verissimo, para dar por viva a metaphysica, e ainda no sentido errado em que assim a considera, nos viesse citar monistas e néo-criticistas, e menos ainda Schopenhauer ou Hartmann.

Estavamos fartos de sabel-o.

José é que absolutamente ignora o que então no Recife se escrevera.

Ouçã :

Pouco depois da defesa de theses, Tobias Barreto, em seu jornal, escripto em lingua alleman, —*Deutscher—Kaempfer*—publicou um artigo sob este titulo: *Ist die Metaphysic als todt zu betrachten?*

Vou traduzir-te o artigo por inteiro para que vejas que poderei fazer, sempre que o quizer, a versão de escriptos allemães: «A questão de saber se a metaphysica deva ou não ser considerada como exhausta e morta, escapa sem duvida, senão completamente ao programma, pelo menos aos limites d'esta pequena folha.

Pedimos, todavia, respeitosaente ao publico a permissão de apresental-a ao circulo de nossos leitores e contribuir com algum esforço para a sua solução.

Antes de mais nada, merece reparo o modo como os espiritos em nosso paiz se portam no que diz respeito á semelhante indagação. O que melhor e mais acertado se pode affirmar no assumpto é que o ponto de vista philosophico de nosso pretenso mundo scientista é caduco e sem o minimo prestimo. Não resta a mais leve duvida que até as estrellas de primeira grandeza, os mais afamados pensadores e escriptores da terra se distinguem pela sua fé implicita no velho Deus da theologia e da Egreja. Nada sabem de serio do desenvolvimento da vida intellectual do tempo

presente e ousam falar de tudo, de philosophia, de religião, de litteratura, de sciencia, e do que falam fazem grande alardo.

Uma cousa, porem, urge observar e é que com essa enorme ignorancia correm emparelhados o orgulho e o desprezo pelos mais notaveis feitos scientificos estrangeiros, nomeadamente allemães.

É isto sufficiente para caracterisar, de um lado, a deploravel condição em que nos achamos, e, por outro, justificar o interesse que tomamos em responder á pergunta proposta. Se em nossos dias nenhum homem verdadeiramente culto deve ignorar que o dogmatismo da metaphysica moderna foi abalado por Hume, cuja implacavel critica coube a Kant concluir em mais largas porções e com mais consideravel profundeza, ha-de causar admiração o grande espanto que tão triviaes verdades ainda despertam entre nós.

Certo, antes que Augusto Comte, o fundador do positivismo na França, expellisse o *absoluto* para a região das chimeras, já Hume havia derrocado o edificio metaphysico: — *Turrim in præcipit stantem, summisque sub astra eductam tectis...* — Desde esse tempo, conforme assevéra Hermann Hettner, ficou universalmente assentado ser o grande feito intellectual do celebre philosopho uma das phases mais valorosas do pensar humano. Foi, em verdade, a duvida do genial philosopho escossez acerca da validade dos juizos syntheticos

em geral, que veio a se tornar o estímulo e a fonte das profundas pesquisas de Kant; e este mesmo declarou, sem reboço, que a crítica de Hume é que despertara de seu somno dogmatico. São, com effeito, profundamente penetrantes as fortes palavras, como que talhadas em marmore, com que o terrivel sceptico inglez fechou seu *Ensaio sobre o Espirito humano*. Elle diz:—Quando, convictos da doutrina aqui ensinada, penetrarmos n'uma bibliotheca que destruição deveremos causar? Tomemos um livro de *theologia* ou de *metaphysica* e perguntemos:—contem investigações sobre grandezas e numeros? Não. Contem o resultado de experiencias acerca de factos e realidades existentes? Não. Jogue-se então o livro ao fogo, porque não poderá conter nada alem de sophisticarias e mystificações.—Profunda e bellamente dicto.

Desde o momento em que semelhantes verdades foram impunemente pronunciadas, a metaphysica deixou de poder ser considerada como pertencente ao grupo das sciencias, quer quando fala do supersensível ou da essencia das cousas, quer quando se pronuncia racionalmente sobre a substancia da alma, a origem do mundo, a existencia e os attributos da Divindade.

Toda a philosophia até o apparecimento de Kant, como ensina Schopenhauer, não passou de um sonho esteril de falsidades e servilismo intel-

lectual, do qual os novos tempos só se libertaram pelo brado, partido da *Critica da Razão Pura*.

E cremos não estar em erro, proferindo a crença de que não teria Kant atingido todo o seu desenvolvimento, se não fôra o influxo de Hume.

Distingue-se no periodo pré-critico do systema kantesco dois estadios: no primeiro esteve o grande philosopho sob o influxo da philosophia escolastica alleman; no segundo sob a influencia sceptica. Foram principalmente Wolf, Locke e Hume que indicaram os marcos capitaes por onde Kant teve de passar antes de descobrir os seus proprios.

D'est'arte, se reuniram n'elle todas as energias e esforços dos seus precursores. A parte de Hume tinha de ser a mais consideravel e duradoura. Somente depois do genial escossez poderia vir um Kant: a estrada estava aberta; mas só elle a poderia verdadeiramente alargar.»

Eis ahi: é a constatação da derrota por Hume e Kant do velho dogmatismo da metaphysica.

Em artigos posteriores, que, infelizmente, não tenho á vista no mesmo *Deutscher Kämpfer*, artigos que José Verissimo não conhece, porque não os viu, em tempo, no Pará, nem os viu até hoje no Rio de Janeiro, o grande escriptor, que, na phrase recente de João Ribeiro, se avantajava aos seus criticos na *erudição e valor intellectual*, pois

vivia ao nível do mais alto pensamento allemão que elles ignoram e por isso menosprezam, Tobias Barreto, em summa, em artigos seguidos no mesmo *Deutscher Kämpfer*, apontou o sentido em que se pode ainda considerar vivace a metaphysica. Não precisou de esperar por Fred. Nietzsche.

Não é só: na *Philosophia no Brasil*, escripta em 1876, um anno após a defesa de theses, e publicada em 1878, já eu entrei em lucta contra o exclusivismo positivista, pugnando pelo naturalismo critico, ou evolucionismo agnostico do neokantismo.

Um critico de cousas intellectuaes do Brasil não tem o direito de o ignorar.

Pouco tempo depois (1881) o auctor dos *Estudos Allemães*, no seu bello ensaio — *Fundamento do Direito de punir*, voltou ao assumpto da metaphysica em paginas magistraes, defendendo a intuição kantiana e ahi vem até a seguinte nota confirmativa de tudo que está affirmado linhas acima: «Ainda aqui importa observar que meu ponto de vista é alguma cousa diverso do da escola positivista, para a qual toda a metaphysica é um producto de insensatez; o que aliás não obsta que ella tenha creado uma metahistoria e uma metapolitica, tão pouco adaptadas aos factos e tão difficeis de comprehender como a velha sciencia dos noologos e transcendentalistas. E vem aqui tambem a proposito lembrar um facto, que

se prende ao presente assumpto. Ha já alguns annos (1875), quando meu amigo S. R., em defesa de theses na Faculdade de Direito do Recife, affirmou que a metaphysica estava morta, e esta asserção produziu no corpo docente espanto igual ao que teria produzido um tiro de revolver que o moço candidato tivesse disparado sobre os doutores, já eu nutria as minhas duvidas a respeito da defunta, que o positivismo tinha dado realmente por morta, que ainda porem se sentia palpitar. E tanto assim era, que comecei então a publicar no *Deutscher Kämpfer* um estudo philosophico, com o unico intuito de mostrar o que havia de exagerado na pretensão da seita positivista, que entretanto já hoje tem de positivo pouco mais que o nome. O que me pareceu sobremaneira estupendo, foi que se tivesse tomado por uma heresia o que já era de certo modo um atraso. S. R. falara como positivista; falara em nome de uma escola intolerante que não estava mais no caso de nutrir um espirito pensador, e que mesmo elle, poucos annos depois (1878), em sua *Philosophia no Brasil*, reduziu a proporções bem pequeninas, censurando lhe sobretudo a visão maniacal de metaphysica por toda a parte.»

Perfeitamente dicto, havendo apenas uma redução a fazer: não foi precisamente como positivista que em 1875 eu verberara a metaphysica; foi antes como materialista nutrido, então, de Bü-

chner e Vogt, e como transformista entusiasta sob a direcção recente de Häckel.

É verdade que do espiritalismo de Jouffroy tinha, desde 1868, passado para o positivismo. Em 1875, porem, já tinha d'este arribado ao transformismo darwiniano, conduzido pelos proprios Büchner e Vogt, que tambem o adoptaram e nomeadamente pela *Historia Natural da Creação*, de Häckel, que me havia produzido, quando a li pela primeira vez, em 1874, uma impressão inapagavel. Pouco depois fui levado a alargar o proprio transformismo de Darwin e Häckel com o evolucionismo geral de Herbert Spencer, para o qual o positivismo, o materialismo, o transformismo se me antolharam passagens naturaes.

Recentemente no puro terreno do methodo sociologico me pareceu de vantagem robustecer o proprio evolucionismo synthetico com *methodos e processos de observação* praticados pela escola de Tourville, Rousiers, Demolins e outros, continuadores de Le Play.

Como quer que seja, porem, ahi estão consignados tres documentos que exhuberantemente provam que o snr. José Verissimo andava ainda pescando tartarugas no Amazonas ou tomando assahy em Belem, quando eu e Tobias já tinhamos sahido do positivismo e não davamos mais por morta a verdadeira metaphysica, a reduzida e modestissima metaphysica que se deve conside-

rar ainda e sempre viva. São elles: 1.º os artigos do meu amigo no *Deutscher Kämpfer* (1875); 2.º a minha—*Philosophia no Brazil* (escripta em 1876 e publicada em 78); 3.º —o ensaio do auctor dos *Estudos Allemães*, intitulado—*Fundamento do Direito de punir* (1881).

A estes poderia juntar mais dois: um de Tobias—*Recordação de Kant* (1887), e outro meu: artigos apparecidos no *Jornal do Commercio* (1891 e 92) publicados pouco mais tarde em livro, sob o titulo *Doutrina contra Doutrina*.

Tudo isto foi pensado, escripto e publicado bem antes de se começar a falar em Nietzsche no Brasil, onde sua fama é cousa recentissima de uns dez ou doze annos apenas a esta parte. Nem o nosso zéverissimador da critica está em condições de dizer cousa que valha acerca do auctor de *Cousas Humanas*.

Nietzsche não se preoccupou propriamente com o problema universal. Seu interesse foi sempre mais pelo problema humano, pelo destino d'esse parasita da terra, na phrase de d'Assier.

Filho d'um paiz onde a burguezia capitalista e o operariado democratico-social tinham tomado e iam tomando cada vez mais consideravel e extraordinario valor e prestigio, ao ponto de se chegar a temer completa preponderancia d'elles sobre a parte aristocratica da nação, o sonhador dos *super-homens*, como bom nobre que era, com

seu temperamento de *frondeur*, tornou-se o mais original e curioso typo do que se pode chamar o *anarchista da aristocracia*, o *nihilista da nobreza*. — Os democratas sociaes tentam derrocar todas e quaesquer superioridades de classes, derruir a aristocracia; Nietzsche prosegue a operação inversa: abysmar a massa, o vulgo profano. Para tanto bastava-lhe seguir o trilho de Carlyle e Emerson.

Como, porem, era um espirito muito mais intenso e inventivo do que os dois saxões, e, ao mesmo tempo, muito mais desequilibrado e impulsivo, premido pela molestia, não poude produzir uma obra doutrinaria, calma, seguida, organica e harmonica. Exhalou a multidão de ideias que lhe brotavam do fundo d'um pensamento desabusado e original, em notas, em brados de uma terrivel incandescencia.

Homens e doutrinas, auctores e systemas, arte, politica, religião, moral, philosophia, sciencia, sobre tudo atirou fagulhas que ainda hoje incendeiam o coração dos que o lêem.

Era mais um pensador politico, um sociologo do que um philosopho.

Em nada fez adiantar a philosophia propriamente dicta.

O significado ultimo, apurado, definitivo de sua obra é o de uma tremenda reacção *contra as pretensões*, que lhe pareciam desarrazoadas, *das*

classes inferiores, que lhe mereciam o mais profundo desprezo.

A critica em seu proprio paiz não se illude a respeito.

E', claro, uma tentativa destituida de serios fundamentos: ao erro dos socialistas e anarchistas—a destruição das superioridades sociaes, elle oppunha o erro—da destruição das massas, como se umas e outras não tivessem razão de existir, por serem productos normaes da evolução e da natureza humana.

Ouçamos um grande espirito—Otto Ammon em seu bello livro—*A Ordem Social e suas bases naturaes*. Depois de combater o socialismo, escreve:

«Combateria com a mesma firmeza a theoria contraria, segundo a qual o mundo não existiria senão para os individuos superiores pela intelligencia ou riqueza, sendo as massas boas apenas para servir de degráo. Quanto áquelles para os quaes a humanidade só começa do titulo de barão para cima nada ha a dizer. Nossa critica se dirige a uma philosophia que como a de Nietzsche, vê no homem superiormente dotado o unico verdadeiro homem e nas massas um rebanho exclusivamente creado para a escravidão. O que ha de bom na sua theoria e lhe suscitou muitos adherentes—é que elle, em opposição ao endeosamento sentimental das massas, hoje tanto em moda, pro-

curou restaurar os direitos da individualidade e da intelligencia.

N'isto, todavia, ultrapassou, em demasia, a meta. É significativo que, n'uma de suas obras, se declare anti-darwinista. É que não conhecia a fundo a doutrina de Darwin, senão não se daria por adversario, quando, em verdade, em muitas passagens de seus escriptos se revela um guapo darwinista. Se tivesse mais a fundo estudado o systema, não o teria, certamente, julgado por um modo tão exclusivista. É infinitamente deploravel que um cerebro tão brilhantemente dotado não tivesse recebido uma cultura mais comprehensiva; porque a disciplina philologica e philosophica, da qual era o auctor de *Zarathustra* um admiravel producto, não basta para se dar um juizo de valia acerca dos problemas sociaes de nosso tempo. — As classes superiores e as classes inferiores da humanidade são necessariamente inseparaveis, pelo indestructivel motivo de que ellas representam adaptações a encargos determinados da vida social, em vista do bem geral, como o demonstrou G. Schmoller, em *O principio da divisão do trabalho e a formação das classes sociaes*. É um contrasenso querer separar as classes umas das outras, porque nenhuma d'ellas pode, sem as outras, cumprir sua missão. É igualmente um contrasenso mistural-as e confundil-as á força, porque, mister é que existam certas differenças sociaes, que têm

um sentido muito mais consideravel do que imaginava o proprio Nietzsche.»

Ia-me esquecendo que n'este opusculo não tenho em mira apreciar as ideias de nosso simplo-rio José acerca de Lichtenberger e a Allemanha, ou sobre Nietzsche e a philosophia.

Meu alvo unico é defender-me de impertinentes remoques, estupidas piadas.

VIII

Não ha remedio senão acompanhar o mestre de ceremonias da litteratura official, caturra, academica no Brasil ainda em uma de suas mais recentes zéverissimações da critica.

Refiro-me ao seu artigo — *Novo Instituto Historico*, — publicado no *Jornal do Commercio* de 19 de agosto recente (1907).

O artigo é um roزاریo de calinadas, em que o homem das pescarias é fertillissimo.

Eis aqui uma logo em começo:

«Pode-se sustentar (*quem isto lê, — vae logo pensando que irá ter pela frente um grande pensamento original e esbarra n'uma tolice...*) — pode-se sustentar que a *historia* do Brazil é a somma das *historias* de cada uma das regiões geographico-

historicas (Que estylo!) em que os acontecimentos da nossa evolução dividiram o paiz. . . » Puro La Palisse é o caso de dizer: morreu o Neves; d'isto andavamos fartos de saber.

Passa, em seguida, a declarar que esse pulhissimo logar commum já se encontra na mediocre memoria de Martius — *Como se deve escrever a historia do Brasil.* — Mais alem refere-se ao — *incontestavel valor philosophico d'essa concepção do eminente sabedor allemão que tão bem nos estudou e conheceu.*

É sermão directa ou indirectamente encomendado por Capistrano e consciente ou inconscientemente aceito.

Eis o que affirma o José: «O incontestavel valor philosophico (*Pobre philosophia! . . . onde foi ella cahir!*) d'esta concepção do eminente sabedor allemão, que tão bem nos estudou e conheceu (*Faço ideia!*), parece-me foi pela primeira vez asentada, com as correcções e desenvolvimentos que um saber mais profundo e mais completo da nossa historia, e de quanto se relaciona com ella, e um sentimento mais vivo da nossa vida nacional, lhe suggeriram, pelo snr. Capistrano de Abreu, na sua obra, ainda inedita, mas que me foi dado o prazer de conhecer, sobre o nosso desenvolvimento historico. O snr. Capistrano, n'esse seu trabalho, precisa, desenvolve e illustra a insinuação de Martius, transformando-a, póde dizer-se, n'um conceito

original, ao qual dá agora a primeira arrazoada comprovação.»

Tudo isto é d'uma falsidade revoltante.

Capistrano cita Martius sete vezes no seu novo livro: á pagina 149, referindo-se ao conhecimento que os nossos indios tinham da poaia; á pagina 200 sobre a vida dos colonos nas fazendas, nas quaes fallecia todo o auxilio da grande sociedade; á pagina 201 comparando entre si o mineiro e o paulista; á pagina 202 acerca da mistura dos paulistas com os indios; na mesma pagina sobre o modo de viajarem em S. Paulo; á pagina 203 sobre plantas medicinaes conhecidas dos selvagens e sobre os *papos* existentes nas gentes paulistas; á pagina 209, finalmente, referindo os dengues das mulatas bahianas.

Nem uma só vez cita o botanista allemão, notavel, por certo como naturalista, mas muito mediocre como ethnologo, nenhuma vez o cita, contra o que assevera o Snr. Verissimo, no que se refere á divisão de zonas historicas brasileiras.

Em parte alguma desenvolve a these, limitando-se, no final do ultimo capitolo, a fallar em cinco zonas, sem dizer quaes sejam ellas e deixando ao leitor que as verifique.

Nem os brasileiros precisavam de Martius para divisar zonas historicas diversas em nosso paiz.

Brotam ellas claramente do mais leve conhecimento que se tenha do desenvolvimento da his-

toria colonial. Estam explicitamente em Gabriel Soares, Cardim, Vicente do Salvador, Pitta, Saint-Hilaire e Southey. É uma pequena ideia, imposta pelos factos.

Martius conheceu regularmente a flora brasileira e nada mais. O que escreveu de ethnographia dos indios, costumes brasileiros, historia nacional está cheio de erros e generalisações falsissimas.

Nos seus proprios aggrupamentos historicos não é feliz. Liga as Alagoas á Bahia, quando de facto se prendem mais e melhor a Pernambuco. — Nada diz de Piauhy e dos altos sertões do norte. Não fala em Espirito Santo e Rio de Janeiro, este de alto valor historico-social. Deixa em silencio Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

José, certo, liga demasiada importancia á erronea classificação do naturalista allemão, porque José não passa d'um basbaque litterario.

Pois fique sabendo que a divisão do nosso paiz em zonas varias, sob differentes aspectos, é cousa trivialissima.

A divisão geologica e mineralogica está em Hartt, Derby, Gorceix, Branner e outros. A botanica, principalmente, em Martius, (Aqui, sim, elle é auctoridade), Saint-Hilaire, Barbosa Rodrigues e alguns mais.

A geographica em Wappæus e E. Reclus com brilhantissimo. A agricola em Rebouças. A divisão

em zonas sociaes, tendo por base o trabalho, fil-a eu em carta dirigida a Ed. Demolins e impressa em *La Science Sociale*, de Pariz.

Não é só: dado de barato que tenha sido Martius um dos primeiros a falar em zonas historicas brasileiras, antes de Capistrano, o tinha feito João Ribeiro em sua *Historia do Brasil*.

Basta lêr, quem quizer se certificar, as duas grandes divisões do livro: a) *Formação do Brasil:—A historia commum.* b) *Formação do Brasil:—A historia local.*

E não é sem razão que lembro o nome de João Ribeiro.

É que, em artigo posterior, o snr. J. Verissimo volta a tratar do assumpto e, fallando no escriptor sergipano, reincide em erros e perfidias. Eis as suas palavras: «Desde 1843 um estrangeiro de grande intelligencia e saber, o Dr. Martius, que pelos annos de 1817 a 1820 viajara o nosso paiz e o estudara muito e sympathicamente (*Muito menos que Saint Hilaire*), nos ensinara como lhe deviamos escrever a historia (*É falso!*) seguindo um criterio mais scientifico ou philosophico. Só muito modernamente começou sua voz a ser, confessada ou tacitamente ouvida. Deram-se, entretanto, como originaes (*É falsissimo!*) ideias do bom e sabio allemão.

Dos livros que, aliás declaradamente (*É falso*), se inspiraram do pensamento de Martius, o mais

notavel é o compendio do snr. João Ribeiro... Entre os estudos a que alludi—não ha nenhum que, pela segurança da investigação, *vasteza* (*Que é isto?*) da informação, profundidade do saber e intelligencia do assumpto, sobreleve aos do snr. Capistrano.»

Este periodo é um tecido de falsidades. D'est'arte: não é verdade que o matreiro Capistrano *tivesse declarado* haver-se inspirado em Martius para dividir o Brasil em zonas historicas. Li e reli o seu livro e não encontrei o nome de Martius a não ser nas sete paragens a que já me referi e n'ellas nem por sombra se fala em zonas historicas.

Não é tudo: reli o livro de João Ribeiro e só quatro vezes se me deparou alli o nome do botanico germanico.

São estas: na pagina 24 acerca da classificaçã dos indios brasileiros; na pagina 31 a proposito dos *mundurucús*; na pagina 186 referindo-se á mortalidade dos negros escravos; finalmente na pagina 284 em relação á capacidade cultural ou não das gentes mestiçadas.

Nem uma só vez o auctor sergipano, se refere a Martius a respeito de zonas historicas no Brasil, Tal qual Capistrano. E porque se atreve o snr. José Verissimo a faltar á verdade, ousando affirmar terem elles *declaradamente* se inspirado do pensamento de Martius?

Essa tremenda falsidade traz fim reservado: é para insinuar que houve entre nós, quem se apoderasse de ideias do famoso botanista, sem o citar, e isto é commigo. «*Deram-se, entretanto, como originaes ideias do bom e sabio allemão.*»

É uma insinuação safada e réles que já tenho refutado victoriosamente uma duzia de vezes. — O snr. Verissimo sabe d'isso e tanto que nos artigos que escreveu acerca dos meus *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* e sobre a *Historia da Litteratura* nunca se atreveu a affirmar a malvada falsidade. Só ousou fazel-o agora recentemente depois que o snr. Graça Aranha, n'um momento de despeito, inventou a tal balela com um desaso de pasmar.

Como quer que seja, agradeço ao snr. José Verissimo o dar-me ensejo de desmanchar uma vez por todas essa historieta de Martius.

Antes de tudo, protesto, em honra da intelligencia nacional, contra a aviltante affirmativa de Verissimo quando ousa dizer que aquelle allemão — «*nos ensinara como deviamos escrever a nossa historia, seguindo um criterio mais scientifico ou philosophico.*»

Desgraçada cousa seria a mentalidade da nação brasileira, se tivesse precisado que Martius lhe viesse *ensinar duas cousas trivialissimas*, que a tanto se reduzem as famosas ideias do tão afamado sabio: — *a divisão do paiz por zonas, a*

necessidade de considerar as tres raças que constituíram o povo!...

Ora, louvado seja Deus!... esperar que Martius nos viesse *ensinar* duas cousas evidentissimas, correntes em todos os chronistas que trataram de nossos fastos, em todos os scientistas que versaram cousas nacionaes antes de Martius.

O que se suppõe ter sido por elle ensinado se encontra em Cardim, Gabriel Soares, Vicente do Salvador, Antonil, João Daniel, Antonio Vieira, Lacerda de Almeida, Rodrigues Ferreira, Vieira Couto, Velloso de Miranda, A. de Casal, Camara Bittencourt, José Bonifacio, Balthazar Lisboa, Cayrú, São Leopoldo e outros e outros.

Martius illude, por ser estrangeiro e por causa da grande empresa da *Flora Brasiliensis* e digo *empresa* e não *obra*, porque o que alli ha só em pequena parte lhe pertence.

Porque elle tenha sido um notavel botanico—se entendeu logo concluir que fôra tambem superior ethnologo, superior linguista, philosopho, historiador e *le reste*.

E como tivesse arranjado uma modestissima memoria acerca do modo de escrever a historia do Brasil, nunca mais se póde dizer, no assumpto, as cousas mais simples, que não caia em cima da gente a praga dos Verissimos a badalar: *É de Martius!... É de Martius!... Repete Aranha, repete o Tucano.*

Ora, isto é abuso e facil de desfazer. No espolio de Martius existe notavel a *Flora Brasiliensis*; tudo mais é de valor abaixo de mediocre.

A *Viagem no Brasil* contem um punhado de boas paginas sobre a natureza physica da terra e algumas notas apreciaveis acerca dos costumes das populações; mas está muito longe de ser um livro superior. O livro consagrado á *Ethnographia da America nomeadamente á do Brasil* está cheio dos maiores erros. O *Glossaria Linguarum Brasiliensium* é uma cousa desparatada que ouvi condemnar de modo absoluto, como de todo imprestavel, por dois homens competentissimos:—Baptista Caetano e Beaurepaire-Rohan. A memoria—*Como se deve escrever a historia do Brasil*,—que só muito recentemente o snr. Verissimo leu, se é que a leu, porque ha symptomas do contrario, não se eleva acima do mediocre.

Vou transcrever as duas famosas passagens que embasacam o zéverissimista da critica.

A primeira é a relativa á celebre divisão das zonas que *declaradamente*, como, sem verdade, diz Verissimo, foi adoptada por João Ribeiro e Capistrano de Abreu.

A segunda é a que se refere ás suppostas ideias de Martius de que outros se apoderaram, como perfidamente repete o phonographo criticador.

IX

Releva dar uma ideia, a mais completa possível, da memoria de Martius.

Sahiu publicada no tomo 6.^o, n.^o 24, janeiro de 1845, da *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Existe uma 2.^a edição d'esse tomo 6.^o tirada no anno de 1865. N'ella a memoria vai de pag. 389 a 411.

O escripto é datado de Munich, — 10 de janeiro de 1843.

Intitula-se *Como se deve escrever a historia do Brasil* e divide-se em cinco partes com as seguintes denominações: — *Ideias geraes sobre a historia do Brasil*; — *Os Indios (a raça côr de cobre) e sua historia como parte da Historia do Brasil*; — *Os*

Portuguezes e a sua parte na Historia do Brasil; — A raça Africana em suas relações para com a Historia do Brasil; e, finalmente, — Sobre a forma que deve ter a historia do Brasil.

Convido, *coram populo*, os snrs. Graça Aranha e José Verissimo para analysarem commigo as cinco secções da memoria, ponto por ponto, para que abaixem a cabeça e nunca mais ousem aborrecer gente séria com as suas estolidas impertinencias.

Cito tambem o snr. Graça Aranha, porque no correr d'esta narrativa—ver-se-ha que foi elle, no que me toca, quem inventou, por despeito, a historietta que já tenho refutado por vezes e vou agora definitivamente reduzir á poeira.

Seguirei, no que me diz respeito, a ordem natural das diversas partes da memoria, dando ideia do que n'ellas se contem, no intuito de demonstrar que de tudo quanto escrevi acerca dos povos que nos constituiram nos livros que tratam do assumpto—*Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil, Historia da Litteratura Brasileira, Ethnographia Brasileira, Compendio de Historia da Litteratura Brasileira*, nada, absolutamente nada, foi tirado do escripto de Martius.

Antes de o fazer, devo afastar do caminho a chamada *invenção* do auctor europeu quanto á *divisão do Brasil em zonas historicas*, cousa banalissima, facilmente concebivel, pelo espirito mais

rombo, desde que tomasse o mais leve conhecimento dos factos concernentes á colonisação do paiz.

Quem não vê logo que Alagoas andou sempre presa a Pernambuco e, que d'este é que partiram os descobridores e conquistadores de Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e até Piauhy?

Quem não vê que alem da unidade historica, ha alli unidade demographica perfeita e que toda a zona constitue um bloco geographico inteiriço?

Não brota tudo isto da natureza das cousas? Seria preciso que Martius nos viesse ensinar uma cousa que os nossos chronistas ensinaram-lhe a elle? Onde aprendeu o allemão esse facto elementarissimo, senão em nossos proprios auctores, que se occuparam nomeadamente das guerras flamengas desde Alagoas até Maranhão? Quem poderá conhecer quatro palavras da historia d'este ultimo Estado sem vêr immediatamente que ella se estende pelo Pará e pelo Amasonas a dentro? — Seria possivel não vê-lo? Seria possivel negal-o? Haveria mister que nol-o viesse ensinar um estrangeiro de segunda ordem que nos visitou ás carreiras, preocupado com cousas de botanica e, no mais, nos desconhecia quasi completamente? — Não será evidente que Sergipe, Bahia, Porto Seguro e Ilhéos formam um todo, geographica e historicamente, delimitado por uma banda pelo S. Francisco e por outro lado por montanhas

que as separam de Minas?—E as historias de S. Paulo, Minas Goyaz e Matto-Grosso—não se prendem indissolavelmente até dias relativamente recentes?—Santa Catharina e Rio Grande do Sul não são formações mais modernas com innumerous laços communs, geographicos e historicos?

Seria indispensavel um Martius para notar cousas tão triviaes que estavam entrando pelos olhos de toda a gente? Ora, Zézinho, deixa-te de bobagens.—Mas o movel psychologico do critico das tartarugas é que não é nada innocente: exaggera o valor dos dizeres de Martius e inventa a patranha de que foram, *confessadamente*, seguidos por Capistrano de Abreu e João Ribeiro, com o fim exclusivo de ferir-me...

É como se bradasse da porta do agulheiro á platéa: «Vejam os senhores:—o João e o *Capistra*, sim; isto é que é gente! Tiraram as zonas de Martius e o *declararam*... Ha cá, porém, um diabo que tem dado *por originaes d'elle ideias do sabio e bom allemão!*... caladinho, ás escondidas...» Este é o significado das seringadas do homem das pescarias e zéverissimações, inspirado muito sem graça pelo snr. Graça Aranha do *Canaan*. Reproduza-se, agora, o trecho das famosas *zonas* e veja-se se póde haver nada mais banal, mais insignificante.

Depois de se referir ás historias separadas das diversas provincias, escreve Martius, na celebre

memoria que o snr. Graça Aranha muito desgraçadamente não leu até hoje e da qual o snr. Verissimo conhece um ou outro trecho citado aqui e acolá: «Aqui se apresenta uma grande difficuldade em consequencia da grande extensão do territorio brasileiro, da immensa variedade no que diz respeito á natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e á composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a provincia do Pará tem clima inteiramente differente, outro sólo, outros productos naturaes, outra agricultura, industria, outros costumes, usos e precisões, do que a provincia do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as provincias da Bahia, Pernambuco e Minas.

Em uma predomina quasi exclusivamente a raça branca, descendente dos portuguezes; na outra maior mistura com os indios; em uma terceira manifesta-se a importancia da raça africana — emquanto influa de um modo especial sobre os costumes e o estado da civilisação em geral. O auctor que dirigisse com preferencia as suas vistas sobre uma d'estas circumstancias, corria perigo de não escrever uma historia do Brasil, mas sim uma serie de historias especiaes de cada uma das provincias. Um quadro, porem, que não dêsse a necessaria attenção a estas particularidades, corria risco de não acertar com este tom local que é indispensavel onde se trata de despertar no

leitor um vivo interesse e dar ás suas descripções aquella energia plastica, imprimir-lhe aquelle fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores.

Para evitar este conflicto, parece necessario que em primeiro logar seja em epochas, judiciosamente determinadas, representando o estado do paiz em geral, conforme o que tenha de particular em suas relações com a mãe patria, e as mais partes do mundo; e que, passando logo para aquellas partes do paiz que essencialmente differem, seja realçado em cada uma d'ellas o que houver de verdadeiramente importante e significativo para a historia. Procedendo assim, não se devia certamente principiar de novo em cada provincia; mas omittir, pelo contrario, tudo aquillo que em todas, mais ou menos, se repetiu. Portanto, deviam ser tratadas conjunctamente aquellas porções do paiz que, por analogia da sua natureza physica, pertencem umas ás outras. Assim, por exemplo, converge a historia das provincias de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso; á do Maranhão se liga a do Pará, e á roda dos acontecimentos de Pernambuco formam um grupo natural os do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba. Emfim, a historia de Sergipe, Alagoas e Porto Seguro, não será senão a da Bahia.»

Eis ahi a grande maravilha que se diz *original ideia de Martius, confessadamente*, — seguida por

João Ribeiro e Capistrano de Abreu, redonda falsidade, como já provei.

O trecho não passa de um *tecido de logares communs*, no que tem de verdadeiro; *d'uma tremenda falsidade*, no exaggero que lhe repousa no fundo; *d'um mau conselho*, no que respeita ao modo pratico de escrever a nossa historia.

O tecido de logares communs é esse agrupamento que faz de nossas provincias. É cousa velha, de vulgar noticia, ensinada pelos factos mais triviaes. Ainda assim não está exactamente feito; colloca mal Alagoas; não reflecte que a historia de Minas, Goyaz e Matto-Grosso separa-se opportunamente da de S. Paulo, etc.

A tremenda falsidade está no terrivel exaggero, que vae sendo de moda hoje em dia, de avultar demasiado as differenciações brasileiras, quanto ao sólo e quanto ás populações. Martius, *o sabio e bom allemão* das zéverissimações ineptas e recentes, foi um dos maiores causadores d'esta pessima tendencia.

Só quem não conhece o significado maximo de nossa historia (caso de Martius) e a característica fundamental de nosso genio, é que não enxerga a suprema unidade que n'elles reina e entra a avultar desastradamente os nossos contrastes.— Sempre me causa verdadeira indignação quando se me depara o rastro d'esses obreiros da dissolução.— É a progenie de Martius.

O Brasil, a despeito de sua extensão, possui uma extraordinária e verdadeiramente admirável unidade geographica.—Basta que nos lembremos que elle é constituido por um enorme planalto, cercado pelos quatro lados por depressões que organicamente se lhe prendem por um systema fluvial surprehendente. Basta que nos lembremos que o povo é o que mais se parece comsigo mesmo em todo o mundo. Basta que nos lembremos dos dois argumentos soberanos:— a lingua e a *folk-lore*;—aquella é compacta, não se divide em *dialectos locaes*; o outro é o mesmo por toda a parte.

Nós não temos *dialectos*, nem *folk-lores* divergentes, repito, observação esta por mim feita e demonstrada, apta a pôr em terra as sonhadas separações de nefastos obreiros de ruínas.

Quem, porem, quizer vêr desparatadas separações e divergencias vá a essa caduca Europa, cheia de vicios de toda a casta, decrepita carcassa que se fosse em quadro forte e exacto revelada ao mundo, tal qual é, meteria horror!...

O defeito mais leve que alli se nota são exactamente as profundas divergencias entre as populações de cada Estado.

Quem quizer observar diversidades e antagonismos entre gentes d'uma mesma nação alli é que ha-de assestar os apparatus de exame.

Vêde essa monstruosa Russia com trinta ou

quarenta populações divergentes, de raças desencontradas. Alli agitam-se grandes e pequenos Russos, Finlandezes, Slavos do norte, do centro e do sul, Polacos, Tartaros, Mongóes, populações varias do Caucaso, Mugiks de todas as procedencias... Onde jamais houve isto no Brasil?

Attentae para essa Austria feita de retalhos desparatados de gentes e de territorios.

Cada qual puxa para seu lado. Allemães, Techeques, Croatas, Slavonicos, Polacos, Romanos, Magyares, Tyrolezes, Italianos e outros e outros que me não occorrem na precipitação com que escrevo.

Obra da diplomacia, o velho Imperio dos Habsburgos não pode ter vida distendida ainda por muitos seculos. Mais cedo ou mais tarde as raças divergentes, reunidas alli em equilibrio instavel, procurarão seus naturaes centros de attracção.

A Austria é uma curiosissima formação da politica. Não é uma nação no genuino sentido.

Da Allemanha é vulgar a noticia das fundas divergencias das regiões do sul, do centro e do norte, que, alliadas a factores historicos, trouxeram o paiz dividido em setenta e tantos estados minusculos.

Nem se pode gabar de sorte diversa — a Italia, a famosa *expressão geographica* de Metternich. De aspectos e de povos é variadissima. Está cheia

de dialectos que se não entendem entre si. Para provar-o bastante é percorrer os *Canti e Raconti del Popolo Italiano*, publicados por Comparetti e d'Ancona. — Comparem-se entre si as gentes de Sicilia, de Monferrato, de Basilicata, da Sardenha, do Piemonte, da Lombardia, da Toscana, da Calabria, da campanha romana.

Alli é que Martius teria bons motivos para estabelecer grupos. Ler a obra de Gregorovius — *Passeios na Italia* e fallar depois. E que se ha-de dizer da França, onde a Normandia e a Provença, a Bretanha e a Borgonha, a Gasconha e o Artois, as zonas do norte e as do sul, as de leste e as de oeste são tão distanciadas de caracter e costumes que ainda hoje a divisão nas antigas provincias não desapareceu sob o mosaico dos departamentos.

Que se ha-de dizer da Hespanha, com seus particularismos inapagaveis, dentro dos quaes catalães, gallegos, castelhanos, aragonezes, andaluzes, valencianos e outros luctam entre si como gatos e ratos luctariam dentro d'um sacco.

E a propria Inglaterra, que, apesar da plasticidade assombrosa de seu genio politico, não chegou ainda a anglicanisar a Irlanda, a propria Escossia e paiz de Galles? — Martius, máo grado seu merecimento relativo em sciencias naturaes, não era isempto de prejuizos continentaes.

Como bom europeu que era, via o argueiro no

olho do visinho e não via a trave no seu proprio.

Andou muito mal inspirado em exaggerar as divergencias das nossas zonas geographicas e das nossas populações. — Para se entreter tinha elle mais contrastes a notar entre a sua catholica Baviera e a lutherana Prussia, por exemplo.

Como quer que seja, porém, o modo como aconselhou que se escrevesse a historia do Brasil, e isto é o principal, é verdadeiramente inaproveitavel: dividir a historia em epochas, mostrar em cada uma d'ellas o estado do paiz, em relação á mãe-patria e ao mundo, passar depois ás varias zonas da terra para narrar o que n'ellas houver notavel.

É evidentemente um plano inarticulado, monotonico, sem harmonia e no qual a unidade historica d'alma nacional desaparece de todo.

O snr. José Verissimo é que não tem capacidade para notar a imprestabilidade do conselho e a ruindade do plano do mediocre allemão...

Em vez d'uma historia teriamos uma serie de monographias cosidas *á tort et travers*. Não; Martius e seu inconsciente repetidor não chegaram a vêr que a historia d'um povo é um drama desenvolvido no tempo e no espaço, no qual se desdobra a natural evolução d'um caracter ethnico — e nacional. Uma unidade suprema preside ao desenrolar das scenas: o genio do povo em via de

formação, como no Brasil, nos Estados-Unidos... ou em via de secular evoluer, como na França, na China... Em cada epoca ha sempre um acontecimento que sobrepuja os outros e attrae as atenções geraes. A alma do povo se concentra n'elle, vibra com elle, absorve-se n'elle.

É indifferente que a scena *maîtresse* do momento se desenrole n'este ou n'aquelle sitio do paiz. É como se o povo todo tomasse parte n'ella. O Brasil não escapa a esta regra. No seculo xvi tem-se de começar, naturalmente, pelo principio: descrever o scenario e os auctores do drama. Vem depois — o descobrimento, as armadas — guarda-costas, as capitánias, o governo geral, os delineamentos do organismo do Estado, as luctas com os francezes; no seculo xvii as entradas para o sertão, os resgates, as luctas com francezes e hollandezes, os conflictos entre colonos e jesuitas, as incursões pelo Amasonas a dentro; no seculo xviii as explorações mineiras, a formação de Minas, Goyaz, Matto-Grosso, mascates, emboabas, os tratados de limites, a formação da consciencia historica autonoma, a Inconfidencia, a escola mineira; no seculo xix — a Independencia, as luctas na Cisplatina, a constituição imperial, o primeiro reinado, a revolução do Equador, o sete de abril, a regencia e suas revoltas, as revoluções do 2.º reinado, a guerra de Rosas, a do Paraguay, a emancipação dos escravos, a legislação imperial e

seus codigos, a republica, a revolta da armada, o encilhamento, a revolução do Rio Grande do Sul, o *funding loan*, etc.

Não ha mister d'uma divisão por zonas feita *a priori*; a divisão será determinada pelos proprios acontecimentos e só hão-de ser contemplados os que interessaram a generalidade do povo.

O snr. José dos Crichanás que se deixe de historias de Martius que é melhor... Muito mais vasta visão de nossos fastos teve o inglez Southey, muito mais digno de applausos.

Em todo caso, não vejo que João Ribeiro, com talento verdadeiramente peregrino, e Capistrano de Abreu, este com uma mediocridade verdadeiramente desoladora, tenham seguido o conselho do botanico allemão no modo de escrever a nossa historia, nem que tivessem tomado d'elle a divisão em zonas, e muito menos que houvessem *confessado tel-o feito*. Esta ultima asserção é couisa inteiramente falsa de que se deveria envergonhar o snr. José Verissimo.

Devo passar a outro ponto.

X

A principal e constante affirmação do critico das tartarugas, cavallo de batalha que lhe foi emprestado de certo tempo a esta parte pelo snr. Graça Aranha, é que eu me appropriara das vistas de Martius nas doutrinas ethnographicas em que assentei a historia litteraria a principio e mais tarde o estado social e politico do Brasil.

Nada mais facil será mostrar que o snr. Verissimo como desastrado pescador de gererê, linha e tarrafa, é pessimo cavalleiro e que o corcel que lhe cedera o Aranha não passa de magra bêsta chotona que o atira por vezes no chão. — Entretanto, agradeço ao meu perfido detractor o excellente ensejo que me fornece de contar ao largo esta historieta e desmanchar as malhas do tecido

com que os seus pulsinhos reles e os de seus imbelles camaradas do *agulheiro* pensam ingenuamente prender um homem. É mentira, mil vezes mentira que eu me tivesse apoderado subrepticamente das lições, aliás banalissimas, de Martius.

Transportado para o progressivo e agitadissimo centro espiritual do Recife em 1868, aos 17 annos de idade, isto é, na força da vivacidade e do enthusiasmo, entendi de tomar parte nas luctas então alli travadas, escolhendo o campo intellectual mais de harmonia com o meu temperamento: a critica.

Os meus verdadeiros mestres foram então Taine, Renan, Max-Müller, Scherer, Gubernatis, Bréal, Lenormant, de Gobineau.

Taine, principalmente, com seu bello livro *Philosophie de l'Art en Grèce*, o primeiro d'elle que li e no qual vem logo indicada a questão da importancia da *raça* e do *meio* na critica moderna.

Renan, por seus admiraveis ensaios sobre *As Religiões da Antiguidade*, a *Poesia das Raças Celticas*, e os livros sobre *Averrhóes e o Averrhóismo*, a *Vida de Jesus*, *São Paulo*, *Os Apostolos*, *O Anti-Christo*, nos quaes o problema ethnographico está sempre presente.

Max-Müller, por seus livros sobre linguagem, religião, mythologia, todos firmados no factor ethnico.

Scherer, por seus bellos artigos — *Notre race*

et ses Ancêtres, Mahomet et le Mahometisme, Mythologie Comparée, La vie de Jesus (A proposito de Renan), e outros e outros, nos quaes aquella base apparece.

Gubernatis, por sua *Mythologia Zoologica*, principalmente, porque n'ella se acompanha o modo como os diversos povos produziram as creações mythicas.

Bréal, por seu bello estudo—*Hercule et Cacus*, no qual, como no magnifico ensaio de Em. des Essarts—*L'Hercule Grec*—a base ethnica apparece solida.

Lenormant, por sua admiravel obra—*Les Civilisations de l'Antiquité*, fundada na apreciação etimologica.

Devo tambem juntar o excellente—Emile Burnouf—com magnifico livro—*La Science des Religions* e o conde de Gobineau, com seu excelente—*Essai sur l'inégalité des races humaines*.

N'estes é que, desde os primeiros annos passados no Recife, aprendi a apreciar na devida conta a raça entre os factores sociaes quaesquer.

E tal é a razão pela qual nos artigos que então escrevi—*A Poesia dos Harpejos Poeticos, a Poesia e os nossos Poetas, As Lendas e as Epopeas, A Poesia e a Religião, Uma pagina sobre Litteratura Nacional* e muitos outros, prima sobre tudo a questão da raça. O ultimo artigo cita-

do foi especialmente destinado a exposição theorica do assumpto.

Martius em tudo isto brilhou pela ausencia. Nem eu o conhecia senão de nome.

Não tinha até então lido nenhuma de suas obras, e muito menos o artigo que escrevera acerca da historia do Brasil.

É muito exigir de um rapaz de 17 a 20 annos, vivendo na provincia, que possua e leia a *Revista do Instituto Historico* — para n'ella descobrir n'uma collecção de mais de cem volumes um pequeno artigo escripto em 1843.

Sem conhecê-lo prosegui nos meus trabalhos, sempre com a mesma intuição, porque, passando na mente de certas toupeiras por contradictorio, sou o escriptor que menos talvez se tenha contradicto no Brasil. As bêstas confundem progresso e alargamento de ideias com contradicção!... Vieram os *Cantos e Contos Populares*, os *Estudos sobre a Poesia Popular*, não falando em artigos esparsos, todos firmados na intuição ethnographica.

Os *Estudos sobre a Poesia Popular* sahiram na *Revista Brasileira* em 1879 e 80.

O snr. José Verissimo teve occasião de a elles se referir; mas não sahiu montado no Martius que hoje me atira á cabeça.

Não é só: em 1881 fiz sahir na alludida revista a serie de capitulos que vieram a constituir a

parte geral e doutrinaria da *Historia da Litteratura Brasileira*. Estes artigos, antes de apparecerem em tal livro, formaram outro que corre sob o titulo de *Introducção á Historia da Litteratura Brasileira* (1882). Ora, dá se o seguinte facto: nem na revista nem na *Introducção* occorre o capitulo — *Theorias da Historia do Brasil* que está para lêr-se na obra que sob o rotulo de *Historia da Litteratura Brasileira* surgiu em 1888, capitulo no qual vem a analyse das theorias de Martius.

Qual a razão?—É que, no intervallo, o Dr. Moreira de Azevedo chamara minha attenção (1883), para o escripto do famoso botanista.

Li-o e analysei-o, a par de outros, refutando-o.

Estes são os factos reaes e não as phantasias de Zé-B'rissimo.

Que provam elles? Que de 1868-69 a 1883, durante 14 longos annos, escrevi de letras brasileiras, sem o mais leve auxilio de Martius. N'esses primeiros escriptos encontram-se já minhas ideias fundamentaes.

Não é só: o snr. Zé B'rissimo durante esses 14 annos nunca se lembrou de trepar em Martius e surgir com elle á minha frente.

Ainda mais: passaram-se 12 annos ainda; Zézé teve ensejo de dizer de livros meus e nada de Martius!... Elle não tinha ainda pescado esse

peixe-boi para com elle meter-me mêdo. Entretanto, em 1895 publicava eu o *Ensaio de Philo-
sophia do Direito*, onde reduzi á poeira uma pretensa
lei de repetição abreviada da historia que se dizia
descoberta pelo malogrado Fausto Cardoso em sua
Concepção Monistica do Universo, livro prefacia-
do por Graça Aranha, crente da nova lei.

Por aquelle mesmo tempo, era publicada a
Historia do Direito Nacional, de Martins Junior.

Acontecia que Martins Junior, na parte refe-
rente aos factores ethnicos em nosso direito, se
apoiava em opiniões minhas que considerava mui-
to mais amplas e seguras do que as de Martius.
Mas citava um trecho da memoria d'este ultimo,
onde occorrem atabalhoadamente a indicação das
ideias do botanico europeu.

Tanto bastou para que o snr. Graça Aranha,
sem graça nenhuma, e mais faustista que o pro-
prio Fausto, aproveitasse a occasião para ferir-
me, no seu despeito pela pulverisação da engra-
çada lei sociologica.

Escreveu uma noticia acerca do livro de Mar-
tins e blasulou mais ou menos o seguinte: «Este
já nos deu a historia integra do direito nacional, ao
passo que o snr. S. Roméro anda ainda na *Revis-
ta Brasileira*, a braços com os Iberos, os Ligures,
os Phenicios, os Celtas... etc., etc. E, de mais,
a sua theoria (É claro que Aranha não sabe o
que é *theoria*) da formação dos brasileiros e do

valor d'essa achega em nossa historia e evolução social é de Martius, cuja passagem a respeito de Martins Junior, como *erudito* que é, transcreve...»

Leram? Viram bem?

Eis a origem das arrogancias novissimas de Zé-B'rissimo. Este aprendeu de Aranha; Aranha aprendeu de Martins Junior... E Martins de quem aprendeu?—Ninguem n'este paiz estimou mais o saudoso pernambucano do que eu. Elle não era tal um *erudito*; nem se propoz nunca a sel-o. Era um poeta, um eloquente orador, um brilhante jornalista politico, que, por necessidades da vida, teve de tirar em concurso uma cadeira na Faculdade Juridica do Recife. Alli regeu nos ultimos tempos da existencia, a cathedra de historia do direito.

Entrecorrentemente fôra eleito deputado e transportou-se para este Rio de Janeiro.

Voltou ainda por pouco tempo a Pernambuco; mas, quasi em seguida, partiu de novo para cá, indo occupar uma das pastas do governo do general Quintino Bocayava no Estado visinho. Falleceu aqui. Vi-o quando escrevia sua historia do direito nacional; visitava-o a miudo na bella casa de pensão, á rua Paysandú, onde residia com Arthur Orlando, e este poderá confirmar a verdade de tudo que vou afirmar.

Sendo, como elle, lente de historia do direito

e estando, tambem como elle, a escrever sobre esse assumpto, era natural que conversassemos repetidas vezes a respeito. Tive occasião de chamar-lhe a attenção para as obras de Coelho da Rocha, A. Herculano, Gama Barros, Varnhagen e J. Francisco Lisboa, os tres primeiros quanto ás origens portuguezas e os dois ultimos na parte da legislação reinol referente ao Brasil.

Martins só tinha conhecimento d'outras fontes de character secundario.

Muniu-se então dos livros d'aquelles mestres; mas pouco os aproveitou.

Quanto á parte attinente aos velhos povos, que estanciam na peninsula, não os estudou e pôl-os de lado.

Não lhe inculquei a memoria de Martius, porque alli nada havia a aproveitar, alem de vagas e superficialissimas indicações.

Isto foi feito por Capistrano de Abreu que, de vez em quando, apparecia tambem na pensão.

Em que termos o fez, ignoro-o.

A verdade, porem, é que o proprio Martins Junior considerou em seu livro muito mais seguros e completos, no caso, os meus escriptos.

Eis ahi: durante perto de trinta annos publiquei artigos, folhetos, livros sobre cousas do Brasil e nunca se me atirou pela frente o espectro de Martius.

Porque não o fez Capistrano quando, em

1880, escreveu estirado artigo sobre a *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*? Porque, pouco mais tarde, não o fez o tartarugueiro da critica, quando falou de outros livros meus? Fel-o desgraciosamente o snr. Aranha, tarde e ás más horas... e tal tem sido a fonte onde se tem abeberado o repetidor-mór José Verissimo.

Mas, afinal, que disse Martius para embasbacar Aranha e desarranjar Verissimo?

Já vimos os seus despropósitos sobre a divisão do paiz em zonas e o modo pratico de escrever-lhe a historia.

Vejam os agora as famosas indicações ethnographicas.

Acham-se em escorço na primeira parte da memoria —, *Ideias geraes sobre a Historia do Brasil* —, que é aqui transcripta por inteiro.

«Qualquer, proclama Martius, que se encarregar de escrever a historia do Brasil, paiz que tanto promette, jamais deverá perder de vista quaes os elementos que ahi concorreram para o desenvolvimento do homem. São porem estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular tres raças, a saber: a de côr de cobre ou americana, a branca ou caucasiana e em fim a preta ou ethiopica.

Do encontro, da mescla, das relações mutuas e mudanças d'essas tres raças, formou-se a actual

população, cuja historia por isso mesmo tem um cunho muito particular.

Pode-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua indole innata, segundo as circumstancias debaixo das quaes ella vive e se desenvolve, um movimento historico caracteristico e particular. Portanto, vendo nós um povo novo, nascer e desenvolver-se da reunião e contacto de tão differentes raças humanas, podemos avançar que a sua historia se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonaes. Cada uma das particularidades physicas e moraes, que distinguem as diversas raças, offerece a este respeito um motor especial: e tanto maior será a sua influencia para o desenvolvimento commum, quanto maior fôr a energia, numero e dignidade da sociedade de cada uma d'essas raças.

D'isso necessariamente se segue que o portuguez, que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influiu n'aquelle desenvolvimento; o portuguez, que deu as condições e garantias moraes e physicas para um reino independente; que o portuguez se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas tambem de certo seria um grande erro para todos os principios da historiographia pragmatica, se se desprezassem as forças dos indigenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorreram para o

desenvolvimento physico, moral e civil da totalidade da população.

Tanto os indigenas, como os negros, reagiram sobre a raça predominante.

Sei muito bem que *brancos* haverá, que a uma tal ou qual concorrência d'essas raças inferiores taxem de menoscabo á sua prosapia; mas também estou certo que elles não serão encontrados onde se elevam vozes para uma *historiographia philosophica do Brasil*.

Os espiritos mais esclarecidos e mais profundos, pelo contrario, acharão na investigação da parte que tiveram, e ainda têm, as raças india e ethiopica no desenvolvimento historico do povo brasileiro, um novo estímulo para o historiador humano e profundo. Tanto a historia dos povos quanto a dos individuos nos mostram que o genio da historia do mundo, que conduz o genero humano por caminhos, cuja sabedoria sempre devemos reconhecer, não poucas vezes lança mão de cruzar as raças para alcançar os mais sublimes fins na ordem do mundo. Quem poderá negar que a nação ingleza deve sua energia, sua firmeza e perseverança a essa mescla dos povos celtico, romano, dinamarquez, anglo-saxão e normando?

Cousa semelhante, e talvez ainda mais importante, se propõe o genio da historia, confundindo não sómente povos da mesma raça, mas as raças inteiramente diversas por suas individualida-

des e indole moral e physica particular, para d'ellas formar uma nação nova e maravilhosamente organizada.

Jamais nos será permittido duvidar que a vontade da providencia predestinou ao Brasil esta mescla.

O sangue portuguez, em um poderoso rio deverá absorver os pequenos confluents (?) das raças india e ethiopica. Em a classe baixa tem lugar esta mescla, e como em todos os paizes se formam as classes superiores dos elementos das inferiores, e, por meio d'ellas se vivificam e fortalecem, assim se prepara actualmente na ultima classe (?) da população brasileira essa mescla de raças, que d'aqui a seculos influirá poderosamente sobre as classes elevadas, e lhes communicará aquella actividade historica para a qual o imperio do Brasil é chamado.

Eu creio que um auctor philosophico, penetrado das doutrinas da verdadeira humanidade e d'um christianismo esclarecido, nada achará n'essa opinião que possa offender a susceptibilidade dos brasileiros. Appreciar o homem segundo o seu verdadeiro valor, como a mais sublime obra do Criador, e abstrahindo da sua côr ou seu desenvolvimento anterior, é hoje em dia uma *conditio sine qua non* para o verdadeiro historiador. Essa philantropia transcendente, que aprecia o homem em qualquer situação em que o acha destinado para

obrar e servir de instrumento á infinitamente sabia ordem do mundo, é o espirito vivificador do verdadeiro historiador. E até me inclino a suppôr que as relações particulares, pelas quaes o brasileiro permite ao negro influir no desenvolvimento da nacionalidade brasileira, designa por si o destino do paiz, em preferencia de outros estados do novo mundo, onde aquellas duas raças inferiores são excluidas do movimento geral, ou como indignas por causa de seu nascimento, ou porque o seu numero, em comparação com o dos brancos, é pouco consideravel e sem importancia. Portanto devia ser um ponto capital para o historiador reflexivo mostrar como no desenvolvimento successivo do Brasil se acham estabelecidas as condições para o aperfeiçoamento de tres raças humanas, que n'esse paiz são collocadas uma ao lado da outra, de uma maneira desconhecida na historia antiga, e que devem servir-se mutuamente de meio e de fim.

Esta reciprocidade offerece na historia da formação da população brasileira em geral o quadro de uma vida organica.

Aprecial-a devidamente será tambem a tarefa de uma legislação verdadeiramente humana. Do que até agora se fez para a educação moral e civil dos indios e negros, e do resultado das instituições respectivas, o historiador poderá julgar do futuro, e tornando-se para elle a historia uma

Sybilla prophetizando o futuro, poderá offerecer projectos uteis.

Com quanto maior calor e viveza elle defender em seus escriptos os interesses d'essas por tantos modos desamparadas raças, tanto maior será o merito que imprimirá á sua obra, a qual terá igualmente o cunho d'aquella philantropia nobre, que em nosso seculo com justiça se exige do historiador. Um historiador que mostra desconfiar da perfectibilidade de uma grande parte do genero humano auctorisa o leitor a desconfiar que elle não sabe collocar-se acima das vistas parciaes ou odiosas» (1).

Eis ahi, sem tirar uma virgula, a primeira parte da famosa memoria de Martius, parte—, como já adverti, intitulada — *Idéas geraes sobre a historia do Brasil*.

Que ha ahi de phenomenal, de extraordinario que eu, segundo as licções de meus verdadeiros mestres modernos, não podesse ter dito, applicando ao meu paiz o que elles me ensinaram, tratando de outros?

Leiam e releiam os que o quizerem as paginas de Martius e não encontrarão alli senão indi-

(1) *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, n.º 24. Janeiro de 1845; pag. 389 e seguintes.

cações sobremaneira vagas, feitas a mêdo, em nome d'um providencialismo escusado e entre-meias de erros.

Taes são, porcerto, a insistencia com que fala do reduzido numero, dos *pequenos confluentes negro e indio*, comparados ao portuguez, quando a verdade é justamente o inverso; a leviandade com que nos presenteia com uma *classe baixa* como sendo aquella em que se tenham dado os cruzamentos das raças, quando elles se deram de alto a baixo em todas as classes e camadas da população, nas villas como nas cidades, nas costas como nos sertões.

Já não é preciso notar o atraso das ideias de Martius em materia ethnographica, quando labora na phantasia romantica de acreditar no *resultado maravilhoso da mistura de raças inteiramente diversas*, em completa opposição aos mais perfectos estudos dos mais competentes naturalistas, que demonstraram que as raças demasiado distanciadadas pouco cohabitam e ou não produzem, ou, se produzem, são bastardos infecundos depois da segunda ou terceira geração.

Se Martius conhecesse melhor a ethnographia de Portugal, não daria como caso desconhecido na historia a vasta mescla operada no Brasil, nem admiraria se haver ella aqui dado em tão larga escala, e não assim n'outras regiões da America. Como quer que seja, e isto é o principal: Martius

não faz na primeira parte de sua memoria mais do que exprimir um anhelou ou dar um conselho muito vago.

O anhelou ou conselho é que os historiadores brasileiros nos seus livros não deverão deixar de contemplar os feitos das duas raças chamadas inferiores, ao lado das acções dos portuguezes e de notar as modificações n'estes operadas pelo influxo dos que com ellas cohabitam.

Não passa d'ahi; não passa d'essas linhas indecisas, indeterminadas. Corre a galope sobre o phenomeno do mestiçamento a quẽ lyricamente consagra duas outras linhas incertas; não estuda, nem define os pontos principaes do problema.

Da acção do meio physico, como factor de differenciação ethnica, nem palavra.

Do resultado a que chegaram as gentes brasileiras, pela acção combinada d'esse factor e da mistura das raças, nada! Da caracteristica do brasileiro actual, da natureza do seu mestiçamento physico, em grande numero de casos, e *moral*, em todos os casos, nada! A leitura do ensaio do celebre naturalista deixa-nos completamente ás escuras; não adianta absolutamente nada aos espiritos indagadores. Nem contem factos, nem é suggestivo pela força impulsora do pensamento.

Dizer pura e magramente que devem ser estudadas na historia brasileira as tres raças que formaram a nação actual; dizel-o quando nem ao

menos se indicam as linhas geraes da contribuição de cada uma d'ellas, é enunciar um conceito perfeitamente esteril.

Martius não fez outra cousa.

Isto já sabíamos nós desde Gabriel Soares e Cardim, desde 1580, pois é de notar que, seguindo os méros impulsos do bom senso, esses dois grandes mestres de tão remota éra não se esquecem nunca de relatar em suas narrativas o estado e o numero do *gentio* (indios), dos *escravos de Guiné* (negros) e dos *visinhos* (portuguezes) nas villas, povoados e regiões de que tratam.

Ninguém precisava de Martius para sabel-o.

Nem até de lêr Cardim ou Gabriel Soares precisei eu para o notar: bastou-me nascer no Brasil, n'um bello recanto de Sergipe; bastou-me vêr o povo no seu trabalho e nas suas festas; bastou-me vêr uma feira da minha terra, uma fazenda de gado, um engenho de assucar, uma loja da villa, um potirão, um samba, um reisado, uma chegança, um bumba—meu-boi, um casamento da roça; bastou-me vêr o povo nas suas magoas, uma procissão para pedir chuva, uma procissão de encontro ou de sexta-feira-santa, onde cinco ou seis mil pessoas de ambos os sexos e de todas as idades estavam mostrando aos meus olhares curiosos em schema inolvidavel a gradação completa das classes, das profissões, dos trajos, dos costumes, das côres da brava gente brasileira...

Mas, Deus meu, nem era preciso nada d'isso, bastava ir á missa do dia, aos domingos, na matriz, ou entrar na escola do professor Badú, ou ir brincar o—*tempo—sera?* com os filhos de Domingos Calango (1).

Pois é lá preciso lêr Martius para saber uma cousa que para se conhecer basta olhar para a cara da gente do Congresso nacional, ou seguir a gradação de côres que vae de Lopes Trovão a Monteiro Lopes, passando por faceiros e galhardos mestiços, como Capistrano ou José Verissimo?

(1) Que os manes d'estes meus queridos patricios me perdõem, se evoco os seus nomes. Que saudade!

XI

Martius nada fez adiantar á nossa historia, nem na concepção geral, nem na elucidação de factos quaesquer. Nada inspirou que tivesse valor.

Quem se quizer convencer — leia as porções internas da memoria: — *Os Indios e sua historia como parte da historia do Brasil; Os Portuguezes e sua parte na historia do Brasil; A raça Africana e suas relações para com a historia do Brasil.*

Os titulos são pomposos; mas completa é a decepção em quem tem a paciencia de acompanhar o naturalista bavaro.

Não faz uma só indicação de merito, uma suggestão de importancia.

Velharias, logares-communs, banalidades, a

tropeçar com erros e inadvertencias por toda a parte e mais nada.

Apreciem. Como digno representante de desastradas doutrinas philosophicas, politicas e sociaes do seculo XVIII, Martius ainda perdia tempo em repetir as phantasias de Rousseau sobre *estado de natureza do homem, sobre razão natural, revelação* e cousas congeneres.

Mostrando desconhecer completamente os delineamentos geraes de anthropologia, ethnographia, pré-historia, linguistica e critica dos mythos e religiões que já em seu tempo n'Allemanha eram mais que sufficientes para oriental-o acerca da differenciação das raças e grãos diversos da evolução geral do homem desde os tempos geologicos, o celebre botanico discutia em 1843 esses assumptos pouco mais ou menos com a intuição de Balthazar Lisboa, ou seu irmão, o famoso Visconde de Cayrú.

Por ser quasi completamente alheio a esse genero de estudos é que resvalou na desparatada ideia de suppôr que os indios do Brasil tinham n'outro tempo passado por *um alto gráo de cultura, da qual haviam degenerado...*

Só a insanavel ignorancia do snr. José Verissimo em tudo que não sejam futilidades levissimas sobre *generos litterarios, escolas de poesia, especies de romances, contos e dramas, licções rhetoricas de estylo, linguagem* (no que aliás avança as

maiores sandices), só a insanavel ignorancia do snr. José Verissimo, que não estuda, que não lê os novos mestres nos varios ramos scientificos, é ainda hoje capaz de vir embasbacar-se diante das apagadas e falsas ideias de Martius.

Convem provar a cerveja chóca do allemão:

«Que povos eram aquelles que os portuguezes acharam na terra de Santa Cruz, quando estes aproveitaram e estenderam a descoberta de Cabral?

D'onde vieram elles? Quaes as causas que os reduziram a esta dissolução moral e civil, que *n'elles não reconhecemos senão ruinas de povos?*... Ainda não ha muito tempo que era opinião geralmente adoptada *que os indigenas da America foram homens directamente emanados da mão do Creador.*

Consideravam-se os aborigenes do Brasil como uma amostra do desenvolvimento possivel do *homem privado de qualquer revelação divina e dirigido na vereda das suas necessidades e inclinações physicas unicamente por sua razão instinctiva.*

Enfeitado com as côres de uma philantropia e philosophia enganadora, *consideravam este estado como primitivo do homem;* procuravam explical-o, e d'elle derivavam os mais singulares principios para o direito publico, a religião e a historia.

Investigações mais aprofundadas (*quaes foram ellas?*) provaram ao homem desprevenido *que aqui*

não se trata do estado primitivo do homem, e que pelo contrario o triste e penivel quadro que nos offerece o actual indigena brasileiro,— não é senão o residuo de uma muito antiga, posto que perdida historia.

Eis ahi: é um tecido de despropositos.

Primeiramente, o auctor engana-se em claro em raciocinar sobre os indigenas brasileiros, como se elles formassem um só todo, uma só tribu indistincta, uniforme.

É um proceder leviano e apto a produzir dusias de erros.

Os indigenas brasileiros eram povos diversos em differentes grãos de cultura.

Verdadeiramente dignos do nome de *selvagens* eram apenas os *Botocudos* (Aymorés).

Depois, é um erro contestar a selvageria do homem primitivo, attestada por milhares de documentos pré-historicos.

O engano de Rousseau e sua escola não estava em reconhecer um estado de primitivo atraso na humanidade; o erro residia na supposta innocencia, nas mirificas virtudes d'esses gregarios primordiales de que as gentes vieram a decahir quando passaram, segundo a crença d'aquelle sophysta, do estado de natureza para o estado de sociedade.

Não é só: a um erro Martius oppunha outro ainda maior: a sonhada antiga civilisação dos indios do Brasil.

Ideia foi esta repetida por Gonçalves Dias, que, se era bom poeta, era assás ignorante em cousas de sciencia.

Como quer que seja, porem, o principal, isto é, a achêga dos nossos indios para a nossa psychologia, nossos costumes, nosso senso esthetico, nossas relações economicas, nossa civilisação, em summa, nem por sombra se nos depara nas paginas por Martius a elles consagradas.

É a verdade pura.

Passando a dar os seus *conselhos*, insinúa o celebre botanico que estudemos a *lingua* dos indios, suas *mythologias*, *theogonias* e *geogonias*, seu *direito*.

Não passa tudo isto de mera insinuação ou conselho.

De sua lavra, de suas investigações não existe a mais leve indicação, o mais insignificante facto.

Apenas entrelaça em tudo seu erro predilecto acerca da antiga civilisação indigena e alguns deslises, — verdadeiramente singulares.

Ainda acreditava, como José Verissimo exactamente, que a lingua é uma prova de identidade ethnica.

Por isso ousou escrever estas palavras: «A lingua principal falada outr'ora pelos indios do Brasil em vastissima extensão e entendida ainda em muitas partes é a *lingua geral ou tupi*. É sem duvida muito significativo (*Não é tal*) que um

grande complexo de raças brasileiras entendam este idioma.

Assim como no Perú com as linguas quichua e aymara que se estendiam sobre vastissimos territorios, aconteceu no Brasil com a lingua tupi; e *não podemos duvidar que todas as tribus que n'ella sabem fazer-se intelligiveis, pertençam a um unico e grande povo*, que sem duvida possuiu a sua historia propria, e que, de um estado florescente de civilisação, decahiu para o actual estado de degradação e dissolução, do mesmo modo como o observamos entre os povos occidentaes que falavam a lingua dos incas, ou o aymara.»

É tudo quanto se encontra no endeosado escripto de Martius no ponto precipuo á acção dos indios no Brasil actual.

Ora, venha cá o snr. Verissimo: para que ha-de ser máo? para que ha-de falsear sua critica, avançando inverdades, contra sua propria consciencia?

Quaes são, pelo que toca a indios, as ideias de Martius *utilisadas por outros que as deram por originaes?*

Onde andam taes ideias?

Responda.

Quem quer que lêr os *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* e a *Historia da Litteratura Brasileira*, verá que o meu ponto de vista é muito diverso e os resultados a que cheguei muito

mais amplos. Alli, modestia á parte, veem formuladas ideias positivas acerca da acção indiana — na lingua, nos contos, nas lendas, na poesia, nos costumes, nas industrias, no character dos brasileiros.

O snr. José Verissimo perde o seu tempo em lutar contra factos positivos.

Collabore á vontade na obra dos despeitados que julgam possivel apagar a minha contribuição para o estudo da vida espiritual brasileira sob os varios aspectos porque a tenho logrado encarar: folk-lore, historia litteraria, critica, ethnographia, politica, philosophia geral e do direito, estado social.

Collabore á vontade; mas fique convencido — *qu'il en restera toujours quelque chose.*

Estou tranquillo por este lado. E se lhe respondo e a outros desasisados accusadores, é para ajudar o preparo das peças do processo.

Venha commigo examinar agora o que refere Martius da acção dos portuguezes.

É, talvez, a parte mais fraca da memoria. Tem, porem, uma vantagem: por ella bem se conhece a differença dos pontos de vista e dos fins procurados por mim e por Martius. Este não se propoz a traçar a characteristic do povo brasileiro, não tentou fazer-lhe a psychologia; teve apenas em mira falar do modo como se lhe deveria escrever a historia. Por isso é que não lembra, nem por sombra, o character do negro, nem do indio, nem

do portuguez, nem cogita da acção do meio physico, e menos ainda, das qualidades do resultado: o mestiço physico ou moral.

Por isso é que não lhe occorre o problema de mostrar a achêga de cada um dos factores.

E isto é o principal no debate, e isto foi o que eu fiz e desafio a todos os Verissimos e Aranhas juntos para que provem o contrario.

Emquanto não o fizerem tenho o direito de rir-me d'elles durante os vinte annos que terei ainda de vida.

A parte relativa aos portuguezes no escripto de Martius aconselha ao historiador brasileiro que não esqueça a historia do commercio e navegação, do direito, da organização militar, das ordens religiosas, especialmente a dos Jesuitas, do ensino publico, das letras, das franquias municipaes. São, não resta duvida, assumptos de alta monta todos esses; mas já tinham sido antes do auctor germanico tratados mais ou menos intensamente por nossos chronistas e historiadores.

Ao traçar a psychologia do povo brasileiro e a base ethnographica da critica de nossas letras nos *Estudos da Poesia Popular* e na *Historia da Litteratura*, não tinha eu que arranjar um roteiro de *como se deve escrever a historia politica do Brasil*. É claro. Ao formar o seu programma Martius não tinha obrigação estricta de *characterisar* o povo brasileiro.

É também claro. Visavamos alvos differentes. Os trapalhões e pretenciosos do *agulheiro* do Garnier é que andam agora a inverter os papeis, pensando ganhar terreno.

Perdem o tempo; estou ainda de sentinella á verdade e pretendo vê-los sumirem-se sem ter conseguido seu intento.

Como quer que seja, convem mostrar, na secção em debate, varios equivococos de Martius.

Começa por uns periodos nos quaes erra em claro sobre o numero da população indigena no seculo xvi, acerca de sua influencia sobre os colonos e no que diz respeito ao que chama *Systema das milicias*.

A estas ultimas attribue quasi tudo no Brasil: defesa contra indios e contra estrangeiros, emprezas aventureiras, viagens de descobrimentos, conquista do paiz, alento das instituições municipaes, espirito de revolta no povo, expulsão de francezes e flamengos... *e se mais mundo houvéra...*

Vê-se, por tudo, que o illustre naturalista conhecia as cousas brasileiras muito pela rama.

Eis aqui as suas palavras, reproduzidas como directa provocação aos *Chrixanás* da critica, para que vejam que não me arreceo da acareação com o auctor de suas predilecções: «Quando os portuguezes descobriram o Brasil, e n'elle se estabeleceram, acharam os indigenas proporcionalmente

*em tão diminuto numero (É falso) e profundo aviltamento, que nas suas recém-fundadas colônias podiam desenvolver-se e estender-se quasi sem importar-se dos autochtones (Falso). Estes exerceram sobre os colonos uma influencia negativa (Falso) tão somente; porquanto só os forçaram a acautelar-se contra as suas invasões hostis e por isso crearam uma instituição singular de defesa, o *Systema das milicias*. A influencia dessas milicias é grande e importante por dous motivos: por uma parte, ellas fortaleceram e conservaram o espirito *de empresas aventureiras, viagens de descobrimento e extensão do dominio portuguez*; por outra, favoreciam o *desenvolvimento de instituições municipaes livres, e de uma turbulencia e até desenfreamento dos cidadãos, capazes de pegar em armas em opposição ás auctoridades governativas e poderosas ordens religiosas*. De outro lado, achamos tambem n'isso a causa dos successos das armas portuguezas contra diversos invasores, os francezes no Maranhão e Rio de Janeiro, os hollandezes em uma grande parte da costa oriental.*

O portuguez, estendendo-se no Brasil, abandonou de certo modo os *direitos que em Portugal possuia para com o monarcha, porquanto, em lugar de rei, recebia um senhor,— Dominus Brasiliæ* (É trecho incomprehensivel: está-se em pleno romance). N'isso mesmo existia o motivo para os

colonos de jámais depõem as armas, estarem em cada momento promptos a combater e dirigirem-se sempre armados dos differentes pontos do littoral, onde a principio se estabeleceu a civilisação européa, mais e mais para o interior, aonde ninguem reconheciam acima de si, venciam os indios á força d'armas, ou induziam-nos com astucias para servil-os.

Assim vemos que a posição guerreira, em que se collocou o colono portuguez para com o indio, contribuiu muito á rapida descoberta do interior do paiz, como igualmente para a extensão do dominio portuguez. A natureza particular do paiz, principalmente a abundancia de ouro, não era de pequeno momento; porquanto as primeiras viagens de descoberta eram antes incursões de rapinas contra os indigenas, a quem escravisavam, ou só tinham por fito a descoberta de riquezas mineraes. »

Entre poucas observações verdadeiras, avultam nas palavras transcriptas os desacertos.

A primeira repulsa a fazer é quanto ao que diz respeito ao reduzido numero dos indigenas brasileiros nos seculos xvi e xvii. O contrario resalta evidentemente dos documentos do tempo. Para convencermo-nos d'isso, bastante é lêr a relação da viagem de Orellana no valle do Amazonas.

Certamente não seria a população indigena

tão avultada quanto vieram a imaginar certos phantasistas; não seria como a da China ou da India.

Era, porém, assás crescida, podendo ser calculada n'uns cinco a seis milhões de almas, pelo menos.

A reacção, n'este ponto, iniciada talvez por Martius, e repetida *como original* (Aqui é que cabia bem o esconjuro de Verissimo)—por Varnhagen, forçou a nota e foi muito além do alvo.

Não é agora o ensejo nem o logar proprio para demonstral-o.

Mas posso garantir que, tendo, para o livro que ando a escrever — *O Brasil Social* estudado zona por zona, de norte a sul, e seculo por seculo, a peculiar historia da formação do nosso povo, não encontrei feito algum de valor, acontecimento decisivo, successo de importancia nos seculos XVI, XVII, XVIII e começos do XIX, em que não se destacasse a collaboração ampla e efficaz do indio.

Fiquei eu proprio surprehendido; porque não esperava tão consideravel a contribuição do factor americano nos fastos, na vida, na formação nacional.

Só a mais crassa ignorancia poderá contestal-o.

Outro ponto. — O famoso botanico exaggera evidentemente a importancia do que denomina o *Systema das milicias*. No primeiro seculo ellas

não poderiam existir; e, se vieram a formar-se no ultimo decennio, não haviam de ter serio valor.

O exaggero está peculiarmente em attribuir-lhes tudo ou quasi tudo que então se fez no Brasil.

N'este numero entra em cheio—o que lhe approuve chamar—o *desenvolvimento de instituições municipaes livres*.—Martius, claramente, não comprehendeu esse supposto despertar das franquias municipaes.

Seu pensamento foi annos mais tarde, *repetido como original* (Aqui é que tambem tem applicação o esconjuro de Verissimo), por J. Francisco Lisboa, que fez, sem o conseguir, os maiores esforços para o explicar.

Capistrano de Abreu, apesar de sua nulla capacidade philosophica e apagada visão historica, estudando os factos, chegou a conclusões inteiramente oppostas. Nega todo o valor, toda vida, todo renascimento dos municipios no periodo colonial.

Creio ser de boa critica não aceitar as maravilhas de Martius, desenvolvidas por J. F. Lisboa, nem o negativismo de Capistrano.—*Boi solto—lambe-se todo*, dizem os nossos camponios e sertanejos, procurando dar n'essa phrase nitida ideia da expansão de vida, da alegre desenvoltura de que se apodera o tardo animal, quando posto em liberdade.

O mesmo acontece com os individuos, quando, sahidos de sociedades mais ou menos compressoras, acham-se de repente em meios livres e amplos.

Quando estudo a trasladação dos homens e das instituições européas de Portugal para o Brasil, tenho sempre essa impressão.

Tudo tomou um largo hausto de vida; todos como que sacudiram dos hombros pesados fardos que lhes comprimiam os movimentos.

Homens de todas as classes sentiram-se libertados de peias incommodas.

Surgiram audacias, atrevimentos e expansões que andavam sopitadas pelas regras da cultura européa.

Os nobres que vinham para a gerencia dos cargos publicos exhibiram inflamadas paixões para o goso e as riquezas. Os peões, desafogados das compressas reinóes, sentiram-se homens pela primeira vez. Padres e frades despedaçaram as convenções de seu estado e de suas ordens. Os burgoezes da mercancia dilataram suas pretenções.

Um geral e espontaneo sopro de anarchia passou por todas as almas, por todas as instituições, por todas as classes, todas as ordens, todas as magistraturas.

D'ahi essas luctas repetidas de bispos contra governadores, de ordens religiosas contra ordens religiosas, de jesuitas contra colonos, de nobres da

terra contra os mercantes das villas e cidades, de masombos contra reinões, de todos contra todos.

As camaras municipaes não podiam fazer excepção, entraram tambem no rhythmo geral.

Não houve n'ellas um renascimento de vida, de liberdade, de progresso organico; passou apenas por ellas, como por todas as outras instituições, um sopro de anarchia.

Nem ellas renasceram para a vida autonoma, nem as ordens religiosas, nem o clero secular, nem os institutos civis, nem as magistraturas, nem quaesquer outros órgãos do Estado.

Isto é que escapou aos grandes genios, aos assombrosos talentos endeosados por Verissimo, os Martius, os Lisboaes, os Capistranos, e todos os mais queridos do gracioso tucano empalhado, e deixa-se notar pelos humildes, como este seu servo obrigado. Ora, saia-se d'ahi e deixe passar a gente.

Seja como fôr, Martius declara que as *viagens de descobertas eram incursões de rapinas para escravisar os indigenas ou fazer a descoberta de riquezas mineraes.*

Claro é que o botanista reconhece n'esses passos historicos o incentivo, o impulso commercial ou de lucro na colonisação moderna.

Entretanto, seguem, em seu escripto, estas palavras: «Emfim não devemos julgar a emigração de colonos portuguezes, para o Brasil, como ella

se operava no seculo xvi, e que lançou os primeiros fundamentos do actual Imperio, segundo os principios que entre nós regulam as empresas de colonisação. Hoje em dia as colonisações são, com poucas excepções, empresas de particulares, e nascem quasi sempre exclusivamente da necessidade de trocar uma posição pobre e apertada, por outra mais livre e agradável. Estas emigrações quasi só teem logar nas classes dos agricultores e artistas, e quasi nunca nas dos nobres ou abastados. Mas assim não aconteceu nos primeiros tempos da colonisação do Brasil. Ellas eram uma continuação d'essas empresas (*Foram justamente o contrario*) afoitas e grandiosas, dirigidas para a India, e executadas ao mesmo tempo por principes, nobres e povo; d'essas empresas que tornaram a nação portugueza tão famosa como rica. »

Esta passagem, alem de estar em contradicção com a precedentemente citada, contem varios erros gravissimos só por si sufficientes para provar que não basta conhecer a botanica de um paiz para lhe saber tambem a historia. E servem mais para provar, o que aliás já é de vulgar noticia, a chata simpleza com que o impertinente tucano ou môcho empalhado engole todas as patranhas que lhe impingem acerca de cousas litterarias brasileiras.

O primeiro erro de Martius, logo nas primei-

ras linhas do trecho citado, consiste em suppor que houve no seculo XVI um certo genero de colonisação diverso de outro, proprio do seculo XIX.

É uma vista muito superficial da historia essa do illustre naturalista germanico.

Desde a mais alta antiguidade houve sempre dois systemas de immigração de gentes em terras alheias: a que Lapouge chama a *invasão intersticial* e a que sempre teve o nome de *occupação e conquista*. Em todos os tempos coexistiram ambas; é um pensar muito imperfeito suppor que os antigos tempos só conheceram a segunda e os novissimos só conheceram a primeira.

Povos houve, desde velhas éras, que não se davam a conquistas territoriaes e tinham individuos de sua raça um pouco por toda a parte.

Foi o caso dos judeus nos tempos antigos, medievicos e ainda hoje.

O mesmo aconteceu com os gregos; fizeram sim conquistas de pequenos trechos de terra na bacia do Mediterraneo; fundaram aqui e alli feitorias diversas, mas sua presença não se notava só n'essas paragens.

Meteram-se por toda a Africa do Norte e por toda a Asia Occidental.

Não foi só nas pequenas zonas territoriaes conquistadas pelos Phenicios que se notou o apparecimento e permanencia d'estes.

Bem antes de sonharem conquistas, já os

Arabes eram senhores do commercio de escravos e de marfim por toda a Africa.

Os proprios Barbaros Germanicos, bem antes de se apoderarem das provincias do Imperio Romano, já estavam estabelecidos n'ellas por todos os lados.

Nos velhos tempos, pois, houve as duas especies de infiltrações dos povos: largas conquistas e occupações de terras alheias com sujeição dos habitantes e a concorrência pacifica mais ou menos abundante de individuos que procuravam a vida entre as gentes estrangeiras.

É tambem um erro suppôr que o seculo xvi testemunhasse sómente *as afoilas e grandiosas conquistas executadas principalmente por principes e nobres.*

É claro que em terras desconhecidas, habitadas por selvagens, como n'America e na Oceania, havia de se proceder primeiro á occupação e conquista. Esta, porem, era movida pelo aneio do lucro e do accumulo de riquezas, estimulo eternamente primacial n'este genero de actividade. E se o europêo tinha de conquistar primeiro na America, na Oceania e certas partes d' Africa, para depois plantar e colher, o arabe na India e regiões visinhas não tinha a mesma necessidade: espalhado por toda a parte, negociava á farta.

Não é só: mesmo nas terras selvagens o espi-

rito de commercio e lucro entrava immediatamente em movimento; lançava-se mão de tudo que podia ter valor venal: madeiras, animaes, escravos, pelo menos.

É ainda um grosso engano suppôr que o processo da emigração para conquistar tivesse sido um privilegio do seculo xvi; a antiguidade e a idade-media o conheceram ainda mais vastamente e nos seculos xix e xx é elle posto em pratica sempre que é preciso senhorear a terra e reduzir os habitantes: foi o caso dos francezes na Argelia, Soldão e Congo, e é o dos allemães nas duas costas do continente africano.

Os proprios portuguezes de vez em quando, em nossos dias ferem alli grandes batalhas com identico intuito.

Claro é, por outro lado, que a emigração para paizes feitos, organisados, constituídos, como os Estados-Unidos, a Argentina, a Australia, o Brasil, o Canadá, o Chile, não pode ser hoje em dia senão do modelo *intersticial*. Este, porem, existiu, sempre ao par do systema de conquista. Predomina um ou outro, conforme se trata de paizes cultos e organisados ou de regiões incultas que pedem subjeição preliminar pelas armas.

É provavel, até certo ponto, que o systema pacifico venha a ficar, em futuro mais ou menos proximo, só em campo.

E digo até certo ponto, porque as previsões

n'estes assumptos são méras afoitezas, desmentidas quasi sempre pelos factos.

Infelizmente, não se póde dizer que os povos cultos estejam a salvo de invasões conquistadoras.

A Grecia, o Egypto, a Syria, a Judéa eram grandes fócios de cultura e não escaparam ao gladio romano. Roma e o seu imperio não escaparam ao dos barbaros; a Hespanha ao dos arabes; a India—ao dos inglezes, não falando já em seus antecessores; a Polonia ao dos russos, austriacos e prussianos; a Inglaterra ao dos normandos. E basta de exemplos.

Os desacertos de Martius sobre colonisação nos ultimos tempos foram repetidos ultimamente por um cortejado de Verissimo —, o leviano Guilherme Ferrero.

Porque não lh'o censura o mestiço do Pará?

Ferrero, evidentemente não leu Martius; mas tambem eu não o havia lido quando em 1869-70 lancei as bases da critica ethnographica da litteratura brasileira, aliás — muito mais acertadamente do que o scientista bavaro.

Porque não censura á Ferrero o mestiço do Pará e me censura a mim, por um facto, que, se merecesse censura deveria esta recahir em ambos?

Ora, saia-se d'ahi, Zézinho... Outro erro de Martius, no trecho por ultimo citado, é acreditar que foram *grandiosas* as empresas dos portugue-

zes na India, e que tornaram ellas *rico* o velho reino.

São dizeres de ingenua falsidade.

Grandioso, sim, foi o surto do povo portuguez na obra da circumnavegação d'Africa, no descobrimento do caminho da India e no devassar dos mares ignotos do Oriente.

Isto, sim, foi grandioso. Suas tentativas porem para a conquista da India reduziram-se quasi a *terriveis depredações*, no sentir dos proprios modernos historiadores portuguezes. Houve, sim, a excepção de varios feitos illustres d'algumas almas nobres, perdidos na geral desordem.

O resultado foi que Portugal não ficou *rico* e abastado com as proesas da India. Não ficou tal. Muito pelo contrario; o fracasso economico foi completo; é ponto averiguado. E para o corrigir, quanto possivel, mudou de rumo na colonisação do Brasil.

É, por isso, ainda erro — dizer o famoso naturalista da *Flora Brasiliensis* que a colonisação da nova região foi uma *continuação*, um prolongamento do systema seguido na India. Puro engano.

Fóra d'essas cogitações erroneas, nada mais fez Martius do que lembrar ao historiador brasileiro, no que se refere a portuguezes, a conveniencia de estudar os fastos do commercio, do direito, das ordens religiosas, do ensino publico e outros assumptos congeneres, como já adverti.

Existe, comtudo, um topico merecedor de attenção, que pôde ter sido o germen das tentativas malogradas de Capistrano de Abreu para traçar a historia dos *caminhos, estradas e roteiros* seguidos pelos povoadores do paiz nos tres primeiros seculos da colonisação.

O auctor dos imprestaveis *Capitulos da Historia Colonial*, nunca declarou ter sido Martius a fonte inspiradora de suas ideias no assumpto.

Elle leu e releu, sem a menor sombra de duvida, a memoria do bavaro, e pôde ser que a assimilação feita, n'este ponto, da indicação do estrangeiro tivesse caído no dominio das relações mentaes inconscientes, facto vulgarissimo nos que vivem sempre no commercio dos livros.

N'estes casos repetem se ás vezes como proprias ideias bebidas n'outrem. Não é isto absolutamente cousa que mereça censura; nem alludo ao ponto como critica ao apagado escriptor cearense.

Mas os snrs. José Verissimo e Graça Aranha, tão empenhados em denunciar os repetidores de Martius, é que não deviam esquecer a Capistrano de Abreu, no tocante á historia dos *caminhos*.

Eis o trecho alludido da admirada memoria: «Emquanto as chronicas da maior parte dos lugares mais consideraveis occupam-se muitas vezes com grande monotonia de acontecimentos de nenhuma importancia relativos á comunidade,

achará o historiador um attractivo variadissimo na narração das *numerosas viagens de descobertas e incursões dos differentes pontos do littoral para os desertos longinquos do interior*—os *serções*, emprehendidas em procura de ouro e pedras preciosas, ou com o fim de captivar e levar como escravos os indigenas.

Essas *entradas* foram pela maior parte executadas espontaneamente por pessoas, as quaes animadas por certo espirito romanesco e aventureiro, n'ellas desenvolveram toda a energia, talento inventivo, perseverança e coragem de um Cortez, Balboa ou Pizarro, e executaram façanhas dignas da admiração da posteridade...

Para a descripção d'estas *viagens* de descoberta, apresenta-se uma grande difficuldade na falta de datas exactas geographicas, que designassem com precisão *os caminhos tomados por taes expedições*. Custa-nos acreditar que estas incursões percorressem muitos logares, que actualmente não são mais visitados e inteiramente perdidos para nós, como que esse fabuloso valle pedregoso e riquissimo em ouro dos *Martyrios*: comtudo uma *designação em tudo exacta da direcção dos caminhos então percorridos, não havia de ser sem interesse para a geographia, ethnographia, e em alguns casos tambem para a exploração das riquezas da natureza, de muitas regiões ainda hoje quasi desconhecidas.*»

Vê-se que o allemão insistia na cousa. Póde ser que tenha despertado a attenção de Capistrano; mas póde tambem ser que não. Empenhado especialmente em esclarecer os pontos historicos relativos ao descobrimento e povoamento do Brasil, o mediocre cearense tinha de ser attrahido fatalmente para o estudo dos *caminhos* trilhados pelos primeiros devassadores de nossas terras.

Para cousa tão simples, não havia elle mister de nenhum Martius, como não tinha necessidade no caso da divisão do nosso paiz em zonas historicas.

Em ambos os casos, porem, não consta a *expressa declaração sua* de que houvesse tomado ao sabio de Munich por guia.

Tal declaração só existe na cabeça do curioso zéverissimador da critica indigena.

É tempo de acabar com isto, examinando o que refere o conselheiro bavaro na parte que em nossa historia deve tocar aos negros.

XII

A secção destinada á raça africana é exigua na *Memoria* de Martius; contem poucas linhas: quarenta ao total.

E estas mesmas sem a mais leve indicação de valor. Vão todas aqui para que sejam, *ad perpetuam rei memoriam*, comparadas com o que em varios livros, não esquecendo os capitulos d'*O Brasil Social*, publicados na *Renascença*, tenho escripto dos negros e de seus parentes mestiços.

Mova-se o snr. José Verissimo, incito-o a que se mova e proceda ao alludido confronto.

Vamos, vamos; traga toda a panellinha do *agulheiro*. Quero rir-me da turba; quero esmagar, *coram populo*, as zéverissimações ineptas da critica decadente.

Leiam os homens sensatos tudo que approve a Martius ensinar-nos dos povos africanos:

«Não ha duvida que o Brasil teria tido um desenvolvimento muito differente sem a introdução dos escravos negros—(*Morreu o Neves...*). Se para o *melhor ou para o peor*, este problema se resolverá para o historiador, depois de ter tido occasião de ponderar todas as influencias que tiveram os escravos africanos no desenvolvimento civil, moral e politico da presente população.

Mas, no estado actual das cousas (*Tresentos e quarenta e tres annos depois do descobrimento e da introdução dos escravos!...*) mister é indagar a condição dos negros importados, seus costumes, suas opiniões civis, seus conhecimentos naturaes, preconceitos e superstições, defeitos e virtudes proprias á sua raça em geral, etc., se demonstrar quizermos como tudo reagiu sobre o Brasil. Sendo a Africa visitada pelos portuguezes antes da descoberta do Brasil, e tirando elles d'esse paiz grandes vantagens commerciaes, é fóra de duvida que já n'aquelle periodo influa nos costumes e desenvolvimento politico de Portugal. (*E nos anteriores não?!).*

Por este motivo devemos analysar as circumstancias das colonias portuguezas na Africa, de todas as quaes se trafica em escravatura para o Brasil, dever-se-ha mostrar que movimento im-

primiam na industria, agricultura e commercio das colonias africanas para com as do Brasil e vice-versa. De summo interesse são as questões sobre o estado primitivo das feitorias portuguezas, tanto no littoral como no interior da Africa, e da organisação do trafego de negros. Estas circumstancias são quasi desconhecidas na Europa. Só ultimamente foram publicadas noticias sobre este assumpto pelos inglezes; com tudo parecem representadas em grande parte de um só lado, nem fornecem esclarecimentos sufficientes, sobre o manejo e procedimento do trafico dos escravos no interior do paiz.

E se observamos pela outra parte que a litteratura portugueza offerece muito pouco, o que se refere á historia universal do trafico da escravatura, o auctor prestaria um serviço muito relevante se na historia do Brasil tratasse cabal e extensamente este assumpto. De si mesmo offerecem-se então muitas comparações sobre a indole, os costumes e usos entre os negros e os indios, que sem duvida contribuirão para o augmento do interesse que nos offerecerá a obra.

Emfim será conveniente indicar qual a influencia exercida pelo trafico de negros e suas differentes phases sobre o character do portuguez no proprio Portugal.»

É tudo quanto se lê acerca dos negros no trabalho de Martius, escripto mais que mediocre,

ineptamente endeosado agora pelas preocupações doentias do snr. José Verissimo.

Estaria bem aviado se fosse de tão parcos e nullos elementos tirar o que deixei exposto nos *Estudos sobre a Poesia Popular*, na *Historia da Litteratura*, mais ainda no *Compendio de Historia da Litteratura* e n' *O Brasil Social*.

Tive de recorrer, alem da observação directa de nossas gentes de côr a outras fontes muito mais amplas e seguras.

As indicações e conselhos de Martius são, no ponto, de lastimavel fraqueza.

Não exigem refutação nem analyse directa.

Direi apenas algumas palavras sobre a questão que parece ter-lhe passado pela mente, conforme revelam estes termos:— *Se para o melhor ou para o peor, este problema se resolverá...* etc.

E o faço, porque o snr. José Verissimo em tudo que tem escripto de raças humanas e nomeadamente n'um artigo recentemente publicado a proposito d'uns parallellos muito tolos de Guilherme Ferrero entre germanos e latinos, tem revelado a mais crassa ignorancia imaginavel em tudo que diz respeito a estes assumptos.

A anthropologia e em especial a anthroposociologia estão para elle fechadas a sete sêlos.

Chega a meter dó.

Até hoje elle não alcançou sequer comprehen-

der a possibilidade da distincção entre ethnographia e ethnosociologia e as sciencias acima citadas.

D'ahi a serie interminavel de bernardices que brotam em caudal dos bicos rombos de sua penna de escrevinhador de decima ordem.

Muita gente ainda hoje, e Verissimo é d'este numero, acredita que o phenomeno do mestiçamento das gentes humanas é cousa peculiar aos novos continentes, como America e Australia, alem de ser de maravilhosa vantagem para o mundo inteiro.

Não póde haver maior cegueira e mais rude engano.

Na mesma Europa a mistura dos varios typos anthropologicos foi intensissima e tem sido dos mais desastrados effeitos.

O genuino *Aryano*, no sentido estricto do *Homo Europæus*, — (de Vacher de Lapouge) o verdadeiro auctor da civilisação, tem sido desfigurado e tende a sê-lo cada vez a mais.

Afogado, pode-se dizer, quasi completamente no sul do continente e muito intensamente nas regiões do centro e léste, apparece mais livre de desastrosas influencias nas regiões do norte: Suecia, Noruega, Dinamarca, Inglaterra, Hollanda, Allemanha Septentrional, algumas partes da Belgica e confinantes da França.

Por isso já de Gobineau tinha descripto com

sua admiravel visãõ genial as causas da decadencia da cultura, iniciada por toda a parte pela grande raça, como resultantes do cruzamento com elementos inferiores.

E divisava com magoa na propria Europa a vasta sedimentaçãõ de taes elementos: «Nos nations les plus dégagées d'alliages ne sont que des résultats très décomposés, très peu harmoniques d'une série de mélanges, soit *noirs et blancs*, comme, au midi de l'Europe, les Espagnols, (et les Portugais), les Italiens, les Provençaux, soit *jau-nes et blancs*, comme, dans le nord, les Anglais, les Allemands, les Russes.»

A mistura de *Europæus* com *Acrogonus*, *Contractus*, *Meridionalis*, *Alpinus* e outros typos anthropologicos não tem sido estreme de serios defeitos, estigmatizados pelos grandes conhecedores e por espiritos de primeira ordem.

Frederico Nietzsche, referindo-se a certas gentes morenas da carta ethnographica alleman, escreveu: «É provavelmente a população da Alemanha antes dos Aryanos que ahi se revela. A mesma observaçãõ se applica a quasi toda a Europa.

A raça escravizada veio finalmente á tona, quanto á côr, quanto á brachycephalia, e até talvez quanto aos instinctos intellectuaes e sociaes. Quem nos garante não serem a democracia moderna, o anarchismo mais moderno ainda e espe-

cialmente essa tendencia ao communismo, forma social primitiva, preconizada hoje por todos os socialistas europeus, quem nos garante não sejam esses phenomenos em seu complexo casos de monstruosa reversão?

A raça dos senhores e dos conquistadores está em decadencia mesmo no sentido physiologico...

Nada vemos hoje em dia que tenda a tornar-se superior; presentimos que andamos para atraz, sempre para atraz, para a incoherencia, a molleza, a prudencia, o confortavel, a mediocridade, a indifferença, as chinezices...

«Nietzsche, exclama — Otto Ammon, exprime como perfeito vidente verdades ainda obscuras para muitos anthropologistas de profissão, que serão, porem, no futuro, noções banaes.»

O grande pensador effectivamente com a sua genial visão descortinou o grande facto que se vai verificando como lei geral: *Assim como a moeda má expelle a boa moeda no mundo economico, a velha população inferior e conquistada acaba por desfigurar e supplantar a gente melhor que a dominou.*

A mediocridade, com o seu servilismo e sua peculiar capacidade de adaptar-se a todas as situações e de representar todos os papeis, acaba por vir á tona e dominar o terreno.

Estoume referindo a estudos feitos na propria Europa, onde as distanciações de côres não

são em demasia consideráveis e por isso parece não haver grande medo de dizer a verdade.

No tempo em que foi escripta a memoria de Martius ainda a anthropologia não tinha adiantado seus estudos sobre as primitivas populações d'aquella parte do mundo.

A fragilidade das ideias d'aquelle sabio n'esse ramo do saber é desculpavel.

Quem não o é em gráo nenhum é o arrogante criticastro das tartarugas, mais fertil em presumpção e vaidade do que aquellas nos ovos com que regalam os ribeirinhos do Amasonas.

Atarefado com o leviano Ferrero, ainda hoje não se peja de repetir as vacuidades dos idealistas e sonhadores românticos de 1830, no que se refere a estudos acerca do homem.

Se na experimentada Europa as phantasiosas igualdades das raças, amalgamadas aliás, alli vai para millenios, podem ainda hoje ser desfeitas, e pode notar-se bem d'onde procede n'ellas a carcoma e em que sentido se devem tentar as seleções salvadoras, que se não deverá dizer da America do Sul?

Leia o snr. Verissimo o que diz Otto Ammon, um dos fundadores da anthroposociologia, no seu admiravel livro — *A Ordem Social e suas Bases Naturaes*, determinadamente o capitulo *Leis da vida e da morte das nações*, onde se acham estudadas as ideias de Gobineau, Lapou-

ge, Nietzsche, Seeck e outros pensadores da primeira plana.

Aprecie o terrivel phenomeno do *exterminio dos melhores*, na phrase de Seeck, ou do *esgotamento dos eugenicos*, na de Lapouge.

É a *oligandria*, ensinam esses mestres, isto é o desaparecimento das classes dirigentes energeticas que acarreta a queda das nações.

As execuções, os banimentos, as prescrições entre os antigos, arrebatando os homens superiores, exerciam effeito ainda mais funesto do que as guerras, que feriam mais de perto as massas.

«Parece-me, observa Otto Ammon, que será um grande progresso na maneira de escrever a historia, se ella começar a pesar essa ordem de considerações.

Seeck não dá, todavia, o ultimo passo. Seus *melhores*, por cujo exterminio succumbe o antigo mundo, apparecem sempre como superioridades individuaes no meio dos proprios compatriotas, ao passo que a theoria anthropologica os considera como membros d'uma raça superior.

Eram os Aryanos, isto é, os homens do Norte, chegados á Grecia e á Italia nos tempos pré-historicos, que exerceram, como classe privilegiada, o dominio sobre as populações escuras primitivas, mais fracas de character, e se mesclaram em seguida pouco a pouco com ellas.

Depois de seu esgotamento, ficaram apenas

mestiços de menor valor que não foram mais capazes de oppor com vantagem resistencia á nova onda de Aryanos avançados para o Sul nos inicios da media-idade.

Este modo de comprehender os factos triumphará na historia. Se o applicarmos a nós mesmos e a nossos visinhos, acharemos que o elemento Aryano na Europa central (Quanto mais na do Sul e do Oriente), desde o começo da idade-media, está em via de diminuição. Na Alemanha do Sul os dolichocephalos louros, altos, de olhos azues formam hoje uma porção infinitesimal da população total: em Baden 1,2 0/0. Não chegam mais para o supprimento das classes superiores e é uma das causas pelas quaes encontramos nos gymnasiastas das classes superiores uma proporção maior de dolichocephalos, e, ao mesmo tempo, porem, um numero surpreendente de *morenos*, e, entre os candidatos ao certificado para o voluntariado de um anno que se destinam ao commercio ou á industria, muitos louros, mas em maioria *brachycephalos*... São uns e outros evidentemente mestiços, cuja grande maioria é inferior em aptidão ás raças componentes e de valor nullo ou quasi nullo. Na massa do povo, os typos puros e os mestiços que d'elles se approximam são naturalmente muito mais raros do que nas classes superiores e este phenomeno pode ser equiparado á decadencia tantas vezes

deplorada do pensamento e do sentimento nos Allemeães.

Os elementos germanicos têm estado entregues entre nós a um gasto implacavel, ao passo que os elementos estranhos, presos á gleba, poderam tranquilamente multiplicar-se.

É por isso que os primeiros apparecem como recifes isolados no meio das ondas.»

Quando um homem como o famoso auctor das—*Anthropologische Untersuchungen der Wehrpflichtigen in Baden*, em livros modernissimos, admirados no mundo inteiro, após graves estudos experimentaes, constata a assombrosa redução dos genuinos elementos *Aryanos* n'essa Allemanha, cujas dilatadas terras de todo o seu Norte são indubitavelmente uma das poucas zonas em que se depara mais pura a grande raça, que se deverá dizer de Portugal, Hespanha, Italia e America do Sul?

E quem se atreverá a duvidar, no Brasil, de que um mulato escuro como o snr. José Verissimo, por exemplo, não é um Latino e que os Latinos do v seculo não eram mais *Aryanos*?

Não anda ahi o Ferrero para divinizar Latinos e resuscital-os aos milhões?

O nosso pardo *Zézé* sente-se garantido: é um puro compatriota dos Flavios da mais delicada estirpe quando em Roma predominava ainda a grande raça.

Não pode haver maior comedia...

Em certos paizes a anthropologia, a ethnographia, a historia, a sciencia social têm que fatalmente encapotar-se, pôr mascaras, tomar desfarces para mentir desbragadamente.

São terras onde os *pretos* mais retintos bradam em discursos emphaticos, delirantemente applaudidos: — *Nós—os Latinos!*...

E os *caboclos* mais vermelhos, de craneos mais chatos, mais quadrados, da mais desapontadora brachycephalia, de cabellos grossos, da côr da noite mais escura, berram nos comicios ou nas paginas dos jornaes: *Nós—os Aryanos!*...

Não pode haver maior comedia...

Verissimo, pardo irrecusavel, como não pode negar, ainda vive na doce illusão de que as gentes da Italia e regiões circumvisinhas senhoreadas pelos romanos tinham com os povos germanicos, dignos d'este nome, a *identidade da mais remota origem na stirpe aryca*... A phrase é d'elle.

A anthropologia prova o contrario.

O grosso das populações da peninsula italica, então e hoje, é de todo alheia a genuina estirpe aryana.

Ramos ousados da grande raça alli, como na Africa do Norte, na Grecia, no Egypto, na Persia, na India e até na Chaldea e na Assyria, tinham sido os mais fecundos promotores da cultura.

Foram, porem, cêdo submergidos na onda das gentes escuras, servis, mediocres, geitosas e habeis.

O escalracho damninho acaba sempre por alastrar os campos.

Martius indicou o problema de saber se a infusão do sangue negro no do portuguez — *foi para o melhor ou para o peor*, segundo suas próprias palavras.

Se elle conhecesse mais a ethnographia da península iberica, havia de saber do grande parentesco existente entre aquelles *melanios* e as gentes *africanas*, haveria de ter percebido que um pouco mais ou um pouco menos de sangue do *Homo Afer* no *Homo Meridionalis* — não alteraria profundamente o rhythmo geral do character da evolução social em terras da America.

Como quer que seja, não discutirei o assumpto, apenas de leve, note-se bem, indicado em Martius, por o haver já discutido na *Historia da Litteratura* e mais detidamente ainda, no *Compendio de Historia da Litteratura Brasileira* e no livro consagrado a *Martins Penna*.

As vantagens e desvantagens da cousa foram alli vastamente indicadas.

O snr. José Verissimo sabe d'isso.

Nem me quero mais meter em funduras de dissertar de negros, indios e mestiços de todas as gradações n'este paiz, hoje, segundo declarações

positivas de nosso doutíssimo Zézé, povoado pelos mais finos Aryanos.

Podia levar um tiro ou uma punhalada em qualquer esquina...

As cousas agora, depois do Ferrero, andam mais crespas.

E, todavia, para desabusar o José não deixarei de atirar-lhe em cima uma ducha de Lapouge acerca do estado dos francezes, elucidado pela anthroposociologia.

Por brevidade não lhe dou o retrato dos romanos. O José que, em vez de andar a repisar o pleonasma critico de serem *a litteratura e a arte, não a manifestação da sociedade*, como toalmente repete, e *sim uma das manifestações da sociedade, porque tambem o são*—*a religião, o direito, a moral, a industria, a politica*, que em vez de andar a repisar essa velharia, essa tautologia, esse verdadeiro pleonasma litterario implicito em Aristoteles e Quintiliano, trate de lêr—nos livros de Lapouge, — *L'Aryen et son rôle Social*, — e *Sélections Sociales*, — o que n'elles se ensina dos romanos.

Tome como antidoto aos envenenamentos do diletantismo de Ferrero.

Mas leia um dos trechos de ouro do grande sabio acerca de sua querida gente. Isto é que é patriotismo que não briga com a verdade: «*Chez nous les vicissitudes des races commandent de*

même celles de la politique intérieure. Le jour où l'aristocratie gauloise, européenne de race, eut été détruite par Cesar, et les tribus les plus voisines du même type dolicho-blond anéanties en masse, la plèbe formée de métis, de brachycéphales divers et d'*H. contractus* fut docile à la domination romaine. L'infusion nouvelle du sang européen due à la colonisation barbare,—ce terme est plus exact que celui de conquête,—apporte pour un temps des ferments nouveaux d'énergie. La race épique reprend le cours de ses exploits. Après les croisades que l'épuisent une nouvelle orientation politique se dessine. Sous des influences multiples, la race docile des brachycéphales s'accroît avec rapidité. Après la Révolution qui fait passer le pouvoir à la bourgeoisie, dont l'indice moyen avoisine celui de la population entière, la direction de la politique intérieure est de nouveau toute changée, et fait place peu à peu à l'anarchie parfait. Celle-ci triomphe enfin de nos jours par l'avènement des nouvelles couches sociales, dont la brachycéphalie est plus avancée.

C'est une grosse sottise de dire, pour expliquer la décadence actuelle d'une population qui n'éprouve plus de besoin de se perpétuer, qu'elle est vieille. Toute l'humanité est du même âge. Il n'est pas plus exact de dire que le peuple succombe sous la civilisation. La plupart de nos bourgeois ont tout ou plus deux ou trois généra-

tions de culture! Quant au peuple, ses auteurs directs ont vécu à un niveau intellectuel où l'usure ne les a pas atteints, et le travail cérébral de nos paysans n'est guère supérieur à celui de leurs ancêtres. La vérité est que la sélection a fini d'éliminer les éléments ethniques qui avaient du caractère, et qu'il reste seulement des gens intelligents en France!

Les qualités obscures ou serviles sont celles qui assurent le mieux la perpétuité d'une race. Le secret du progrès des brachycéphales n'est pas ailleurs. Ces qualités toute fois ne la rendent pas apte à se régir.

L'instinct de servir est si ancré dans la psychologie du brachycéphale qu'il le pousse, aussitôt libre, à chercher un maître qui lui garantisse la sécurité. *In servitute ruunt*. Jamais un peuple de race anglo-saxonne n'aurait les allures étranges des Français de notre temps, qui vivent en tremblant dans l'attente d'un sauveur. Le phénomène sociologique le plus curieux n'est cependant pas là. Il ne rest plus en France d'éléments susceptibles de reconstituer une caste aristocratique fondée sur la réunion de la fortune et de l'intelligence, et capable de se reproduire.»

É o resultado a que tem chegado e vae chegando cada vez a mais o *beau pays de France*, pela redução progressiva do sangue aryano.

Ora, em Italia, Hespanha, Portugal, America

do Sul, America Central, Mexico e Antilhas a alludida reduçção é ainda mais consideravel.

Tire o snr. Verissimo as conclusões.

Está agora habilitado a responder a Martius — se a mescla de negros e indios com os portuguezes cá — foi para *o melhor ou o peor*.

Deve, por outro lado, estar corrido de vergonha, por ter ousado repetir as malandricas desengraçadas de Graça Aranha no que diz respeito a ter-se apoderado este seu criado e obrigado das ideias *do bom allemão* . . .

Está, outrosim, agora habilitado para vêr que as aberrações de Ferrero sobre romanos e *soi-disant* latinos — não resistem á analyse.

FIM DA 1.^a SÉRIE

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).